

Cartas de Amor

Maria José Elias

Antônio Elias

Revisão

Ludimilla Duarte

Paulo César De A. Elias

Editoração

Ludimilla Duarte

Paulo César De A. Elias

Capa

Ludimilla Duarte

Prefácio

O pastor Antônio Elias e Maria José de Almeida Elias estão completando neste início de 1990, 50 anos de casados.

Como parte da comemoração das "Bodas de Ouro", decidiram publicar suas "Cartas de Amor", cuidadosamente guardadas durante todos esses anos.

Entre o conhecimento e o casamento, transcorreram três anos, durante os quais só se encontraram três vezes (além daquelas em que se conheceram) e ainda assim por pequenos espaços de tempo.

Não havia telefone. O contato se deu exclusivamente via correio, daí o volume da correspondência, que expressa a grande luta que enfrentaram, da qual você, leitor, vai tomar conhecimento através destas páginas.

A mim, na qualidade de revisor, coube-me a doce porção de ler todas as cartas várias vezes, demoradamente, e quanto mais o fazia, maior satisfação experimentava.

Como eu, caro leitor, você verá, de uma carta para outra, o surgir e o desabrochar de um amor a princípio medroso, tímido, amarrado por preconceitos muito fortes na sociedade de então, depois corajoso, enfrentando obstáculos aparentemente intransponíveis.

Mas eu não pretendo antecipar-lhe o prazer e o direito de vivenciar, por sua própria conta, toda a gama de sentimentos que perpassam as páginas do livro. Fico por aqui com a recomendação de que procure perceber nas entrelinhas a maneira maravilhosa como a mão de Deus dirigiu todos os acontecimentos na vida de ambos, a fim de utilizá-los, em conjunto, para sua glória.

Carlos Alberto Buczynski

... E as barreiras caíram! ...

*"Mas ele respondeu: Os impossíveis dos
homens são possíveis para Deus."*

Lucas 18.27

Fomos apresentados por um parente próximo, que morava com a esposa, no mesmo hotel que eu, o "Hotel Belo Horizonte", em Teófilo Otoni, MG.

Ela viera passar uns dias com os seus familiares ali.

Poucas vezes tivemos oportunidade de trocar algumas palavras (geralmente quando eu chegava para as refeições e a encontrava lendo, na salinha do Hotel).

Falávamos sobre livros. Nenhuma ideia de namoro.

Ela era católica praticante e convicta. Eu, missionário protestante, com a tarefa de implantar a Igreja Presbiteriana em Teófilo Otoni e naquela imensa região, tão carente do evangelho.

Na véspera do seu regresso à cidade em que residia, Joáíma, nos falamos pela última vez ali.

Ela se interessou por um livro que lhe disse que acabara de ler e que desejava emprestar-lhe.

Tomei seu endereço e mandei-lhe o livro, O Manto de Cristo, de Lloyd Douglas.

Isso deu início à nossa correspondência, bem formal.

Sem encontros (era difícil viajar naquela época: havia ali somente a "provisória" da Rio-Bahia. Não havia linha de ônibus, e o dinheiro era curto para a viagem no aviãozinho da OMTA - Organização Mineira de Transportes Aéreos); sem telefone, sem nos conhecermos melhor; contudo fomos descobrindo, por meio das cartas, um ponto em comum: o sincero e profundo amor a Jesus! O mesmo alvo. O mesmo objetivo que nos empolgava a alma.

Mas estávamos "separados por igrejas"!

Era um contexto de sérias barreiras e profundo preconceito religioso. Só quem viveu naquele tempo, em certas regiões de nossa terra, pode entender o que era isso!

O Senhor, porém, foi iluminando o caminho e removendo as barreiras!

Tudo começou no ano de 1946, e somente em janeiro de 1949 chegamos a nos casar.

Temos quatro filhos que nos têm dado imensa alegria; noras maravilhosas e quatro netos, que nos ajudam a viver cada vez mais gratos ao Senhor.

E minha esposa, que foi batizada por mim e começou sua carreira de crente como esposa de pastor, quando dava os seus primeiros passos nesse caminho, já se atirava, com intenso júbilo, zelo e entusiasmo nas atividades da igreja. Cuidando do lar

com extrema dedicação, porém achando sempre tempo e espaço para os compromissos da igreja.

Foi sempre assim. Até hoje, louvado seja o Senhor.

Os detalhes da história, se você tiver interesse e paciência, vai conhecer lendo as "Cartas de Amor"!

Ao Senhor todo o louvor, honra e glória. Amém.

Antônio Elias

“Jesus também foi convidado para o casamento ”

João 2.2

Antes de nos conhecermos, eu pedira a Deus que, se eu tivesse de me casar, ele mesmo fizesse, por mim, a escolha.

E quando éramos namorados, numa das poucas vezes em que nos encontramos, no auge do nosso problema, quando eu estava muito sofrida, sem vislumbrar solução para o nosso caso, ele me disse: "Eu pedi a Deus que escolhesse a minha companheira. Se foi você, ele mesmo vai remover as barreiras do nosso caminho. Se você não tiver sido a escolhida por ele, eu também não quero!"

Duas coisas me impressionaram em suas palavras: primeiro, o fato de termos feito a Deus o mesmo pedido (gosto de dizer, por isso, que convidamos Jesus, com grande antecedência, para o casamento ...); segundo, sua convicção e firmeza no Senhor, e a certeza de que ele ouve as nossas orações!

E ele removeu mesmo as barreiras!

O que mais me impressiona nesta nossa história, que acho original, é a direção de Deus, nos seus menores detalhes.

Ele, nascido nas proximidades de Catanduva, SP. Eu, na cidade de Pedra Azul, extremo Nordeste de Minas. Como nos encontraríamos? Ambos com poucos recursos financeiros.

Mas ele foi enviado pelo seu Presbitério a Teófilo Otoni. Eu fui até lá visitar familiares. E sem que imaginássemos, tudo começou ali.

Outra "interferência" de Deus foi a seguinte: por motivos religiosos, tínhamos acabado o namoro. Eu morava, então, na fazenda, município de Almenara.

Ele me avisou por telegrama que iria a Almenara, enviado pela Junta de Missões, para inaugurar o pequeno templo da Igreja Presbiterana. Seria uma oportunidade de nos vermos.

Mas eu resolvi não ir. Iria sofrer mais, eu pensei.

E naqueles dias em que ele estava lá, meu irmão, sem saber de nada, foi buscar-me na fazenda para levar-me a Belo Horizonte, onde eu tinha um compromisso.

Em Almenara fomos almoçar em um restaurantezinho, e ele estava lá!

Sabendo que eu estava de passagem, disse que tinha de resolver uns negócios da igreja em B.H. (?...), e nos encontraríamos lá.

Encontramo-nos. Ele me levou a uma igreja, e, ao contrário do que eu imaginava, o problema foi solucionado.

(Ver os detalhes no conteúdo do livro).

Decorridos mais de 50 anos, vamos conferindo no coração a bondade e a fidelidade de Deus, cumprindo desejos nossos, expressos nas cartas.

Leiam a respeito da "casinha" com que sonhávamos: " ... teria ficado triste se me oferecesse um palacete. Gosto da simplicidade, do ar livre, do 'jardinzinho' sem traçados geométricos".

É essa, hoje, a nossa casinha!

Quando já éramos noivos, falando numa das cartas a respeito de suas viagens constantes, ele me disse que depois de casados viajaríamos juntos. Na hora certa, depois dos filhos criados, sem prévio planejamento, isso começou a acontecer, e é a realidade que vivemos até hoje!

Enfrentamos problemas (quem está livre deles?), lutas diversas, investidas do inimigo, mas o Senhor é quem nos tem dado a vitória!

São muitos os detalhes que falam desse carinho e cuidado de Deus. Lendo estas cartas você nos ajudará a conferir isso.

Louvado seja o Senhor!

Maria José

A escolha do título

Guardamos no meio da nossa correspondência o recorte de um jornal da época, que continha o seguinte:

Cartas de Amor

O Departamento dos Correios na Venezuela cobra pelas cartas de amor metade do porte habitual, contanto que essas doces missivas sejam postas dentro de envelopes especiais de linda cor vermelha que as identifiquem.

A vida conjugal de Nathaniel Hawthorne e Sophia Peabody foi uma das mais belas histórias de amor. Quando se separavam, ainda que por alguns dias, mantinham-se em contato trocando diariamente cartas repassadas de ternura. Era tal o amor de Hawthorne, que sempre lavava as mãos, para tê-las puras, antes de abrir uma carta da esposa.

As cartas de amor de Mark Twain podem não ter sido um primor de literatura, mas sua mulher as conservava como se fossem o mais precioso dos tesouros. Quando acontecia ao casal ausentar-se de casa para alguma viagem, ela as depositava no banco, juntamente com suas joias.

Embora muito ocupado, Houdini, o famoso mágico, sempre achava tempo para escrever cartas de amor à esposa. Ela, porém, acidentalmente as recebia, pois em vez de pô-las no Correio, Houdini tinha a fantasia de escondê-las pela casa, nos lugares mais desconhecidos.

Resolvemos incluir nesse contexto as nossas cartas, que são, também, "CARTAS DE AMOR".

Maria José

Joaíma, 15 de abril de 1946.

Dr. Antônio:

Meus cumprimentos.

Quando esperava receber a sua prometida sugestão, que, aliás, já considerava preciosa, fui agradavelmente surpreendida pela chegada do livro que teve a gentileza de enviar-me, e venho agradecer-lhe sinceramente.

Foi uma feliz escolha, assegura-lhe mesmo antes de ler O Manto de Cristo, pois não sabe como me empolga a história dos primeiros tempos do cristianismo.

Tenho, pois, quase certeza de que gostarei do livro. No entanto, prometo mandar-lhe uma opinião muito sincera, logo que termine a leitura do mesmo.

Despeço-me aqui, desejando-lhe bem-estar e reafirmando os meus agradecimentos.

A amiga às ordens,

Maria José.

(Nota: Li imediatamente o livro. Gostei muito. Mas estava tentada a não escrever-lhe mais. Pensava: "Ele nem se lembra mais de mim!"

Mas sentia-me presa à palavra empenhada: " ...
prometo mandar-lhe uma opinião muito sincera ... " -
Por que havia prometido? Agora tinha de escrever!
E foi assim que tudo aconteceu.)

Joaíma, 4 de junho de 1946.

Dr. Antônio:

Como num tapete mágico, acabo de regressar do grande Império Romano, onde passei dias inesquecíveis de encantamento, alegrias e dificuldades, ao lado dos nossos intrépidos amigos Marcela e Demétrio.

Conduzida pelas asas da pena privilegiada de L. Douglas, percorri todos aqueles cenários antigos, ande, a par dos sofrimentos e humilhações de muitos, ostentava-se a fictícia grandeza de Roma, e assim pude ver surgir a figura maravilhosa de Jesus, sobrepondo-se a todo aquele lodaçal de vícios e erros, transformando tudo, na mais bela de todas as revoluções.

E daí a milagrosa "semente de mostarda" a germinar, crescer, espalhar-se até o ponto de projetar-se tão intensamente em nossos dias, já transcorridos séculos e séculos.

Que pena haver caído tanta semente nos "espinheiros e terrenos pedregosos", e ainda serem tão poucos os semeadores.

Ah! Se os Grandes da nossa época, que buscam os meios de conseguir uma paz duradoura, procurassem inspirar-se nos ensinamentos de Cristo!

Ou não estará preparada ainda a humanidade para o "reino da boa vontade"?

Mas ... vejo que a "tapete mágico" conduziu-me a um terreno difícil, que não me compete discutir ...

Voltemos, pois, aos nossos heróis.

Tive inveja da paz e liberdade experimentadas por Marcela ao saltar em Cápuia. Não gostei, porém, da atitude de Lúcia com relação a Demétrio: foi demasiado formalista!

Para concluir: achei O Manto de Cristo uma belíssima história, e muito lhe agradeço por ter-me proporcionado tão bons momentos!

Estão aí, portanto, as impressões prometidas em minha primeira carta. Espero merecer agora algumas sugestões suas sobre livros bons, valendo esclarecer que muito aprecio as biografias e passagens históricas. Peço-lhe notar, porém, que usei o termo "sugestões" ...

Já roubei muito do seu precioso tempo. "Queira desculpar-me" e aceite os cumprimentos da amiga às ordens,

Maria José

Teófilo Otoni, 15 de julho de 1946.

Maria José, prezadíssima:

Bom dia!

Eis-me aqui (bem atrasadinho, hein?) para dar-lhe, de início, umas explicações espontâneas.

Não respondi a cartinha de 15/5, esperando sua "opinião muito sincera" sobre o livro. Esperei com vivo interesse. Veio. Mas há dias apenas que a recebi. Extravio? Felizmente não. Estive um mês e tanto viajando pelo Vale do Rio Doce. Fica, assim, explicado satisfatoriamente o atraso? Não é "desculpa de mau pagador".

Sua opinião é penetrante, clara e justa. Teve magnífica visão de conjunto, destacando, de maneira felicíssima, a figura fascinante e irresistível, a Rocha inexpugnável dos séculos, "sobrepondo-se a todo aquele lodaçal de vícios e erros, transformando tudo, na mais bela de todas as revoluções" - Jesus! De fato, só a grandeza imarcescível do meigo Nazareno das praias da Galileia é o segredo germinador da "milagrosa semente de mostarda", transformando-se em árvore benéfica, gigantesca, cujos frutos tanto saciam a fome do pobre e combalido viajor, como lhe desalteram a sede espiritual. Pena é, sim, haver tantos "espinheiros e terrenos pedregosos".

"Espinheiros" - corações inconstantes, duvidadores, céticos. Canas agitadas pelo vento, tições apagados e fumegantes, figueira copada sem frutos, palha sem trigo, joia falsa sem valor, corvo com penas de pavão! - pois "O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera", conforme explicou o Senhor em Mateus 13.22.

"Terreno pedregoso". Porém, "o que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza" Mateus 13.20,21.

Quantos não há assim! Quando tudo são flores, primaveras, sorrisos, prazeres, são belos exemplos de fé e piedade cristãs. Mas, no reverso da vida, nos dias maus, difíceis, nas horas de inverno de nossa alegria e felicidade, adeus **castelos** de fé! Adeus, cristãos! São castelos edificadas sobre areia, à margem de rios caudalosos.

A humanidade jamais estará preparada para "o reino da boa vontade".

Enquanto o mundo em que vivemos não se transformar radicalmente, e isto somente com o império total do Senhor Jesus nos corações, teremos, apenas, uma relíquia, pequeno grupo preparado, e já vivendo, a despeito de todas as vicissitudes, "o reino

da boa vontade". Isto é bíblico e experimental. Os Grandes, não haja ilusão, "amam mais a glória dos homens que a glória de Deus". Cristo é simples e humilde demais para servir de padrão a homens cujo ideal é a exclusiva segurança terrena, o tesouro corruptível, sem considerarem os meios, lícitos ou ilícitos, justos ou injustos. Não! "Ninguém pode servir a dois senhores." Os Grandes, via de regra, são templos de ostentação, vaidade e luxúria, negação completa do completo conteúdo evangélico. Os Grandes fazem tudo para viverem egoisticamente como deuses da Terra! Não há, portanto, em hipótese nenhuma, lugar para a sublime soberania de Cristo! Tem havido exceções. Raríssimas, não há dúvida.

O "tapete mágico" não a conduziu a "um terreno difícil", que não lhe "compete discutir". Ao contrário, suas penas foram próprias, oportunas, alinhavando pensamentos do mais palpitante interesse - para mim, ao menos! Em traços breves, vivos, seguros. Continue, Maria José, continue.

Algumas "sugestões": *Saulo de Tarso*, *Jesus de Nazaré*, de Huberto Rhoden (padre) são maravilhosos. *Luz Verde*, de L. Douglas (não preciso fazer apresentação do autor). *Cântaro Abandonado*, *Varão de Dores*, de Miguel Rizzo, ótimos. Mas, se quiser, de fato, conhecer tudo que há de mais belo no mundo - caso não conheça ainda no conjunto - leia o Novo Testamento completo. Ali está a biografia luminosa, eterna, cheia de Deus e do homem ideal:

Jesus! O pobre carpinteiro da **desprezível** Nazaré, narrada com arrebatadora sutileza, como a viram e sentiram alguns de seus fiéis discípulos.

Por enquanto, sobre seu gênero preferido em literatura, é só. Querendo alegrar, honrar, distinguir-me com sua palavra, não pretendo viajar tão cedo.

Sinceramente, o menor amigo ao inteiro dispor,

Antônio Elias.

P.S.: Queira ter a bondade de desculpar-me por ter-lhe escrito à máquina. Quis poupar-lhe o dissabor de ler hieróglifos.

Joaíma, 22 de julho de 1946.

Dr. Antônio:

Foi, certamente, sincero o desejo de um "Bom Dia!", com que iniciou sua prezada carta que tenho em mãos, pois recebi-a hoje, numa bela manhã de sol, das mais claras e alegres que tenho visto!

Mas não sei se a alegria que notei vinha da natureza, ou se estava em mim e foi acentuada pela chegada de sua carta. Inclina-me a aceitar essa última hipótese, pois disse alguém que "a alegria não reside nas coisas que nos rodeiam e sim no mais interior de nossa alma".

Chegou, oportunamente, sua resposta, pois, como desejasse muito recebê-la, já vinha notando a demora, embora não a atribuísse absolutamente à sua vontade e sim ao nosso correio, que, acredite-me, fez, já, de cada habitante destas paragens, um modelo de paciência, quando se trata de aguardar uma carta.

Mas, agora que estamos de "contas certas", e que me cumpre escrever, sinto-me pequenina para fazê-la, diante do seu estilo de mestre, e bem gostaria de ficar caladinha, apenas a receber suas cartas, sem precisar mobilizar minha pobre pena para responder-

lhas. Mas levaria assim uma feia carapuça de "preguiçosa".

Que fazer, então?

A solução, que não se fez esperar, é a que sempre me ocorre em momentos semelhantes, quando se me depara uma tarefa superior às minhas forças. Já reparou como não existem problemas complexos para as crianças? É que, a meu ver, elas não os criam, pois tudo resolvem com o grande poder da simplicidade e da espontaneidade.

Propus-me, então, a continuar a nossa palestra, que me dá grande prazer, sendo apenas sincera e espontânea quando for a minha vez de falar.

Combinado assim, pois não?

Volvamos, então, aos nossos assuntos.

Tomei nota das sugestões apresentadas, com o firme propósito de ler todos os livros indicados. De Huberto Rhoden conheço alguns trechos soltos, sendo que muito me agradou o seu estilo. Li, por exemplo, em uma revista, uma página de sua autoria, intitulada "Adeus, alma querida", que me impressionou pela clareza das ideias expostas e pela beleza das expressões, que cheguei a transcrever em um caderninho para reler. Presumo, pois, que gostarei dos seus livros.

Entre todos, porém - e quem recusaria um convite para "conhecer tudo o que há de mais belo no mundo?" - decidi-me começar pelo Novo Testamento. Confesso, envergonhada, que não a li no conjunto

ainda, não sei mesmo por que, pois por várias vezes já me propus fazê-lo, sem chegar a concretizar a ideia. Com esta confissão quero penitenciar-me, pois acho que todos os discípulos que se orgulham deste título devem conhecer essa narrativa encantadora! Depois, é preciso beber muito dessa fonte salutar para impedir que as tormentas do mundo transformem em "terreno pedregoso" o nosso coração.

Tenho lido um pouco. "Citarei aqui "Vida de Jesus", de Plínio Salgado, conhece? Achei maravilhoso, quer pela grandeza do tema, quer pela felicidade com que se transportou a autor àquele tempo, revivendo cena por cena a vida do Mestre, adaptando tudo, entretanto, à realidade de nossos dias, por meio de comentários muito oportunos. Li verdadeiramente empolgada!

Veio-me às mãos, também, um "clássico", que achei interessante, apesar de não gostar do estilo - português antigo, imagine! Trata-se de "Cartas de D. Afonso de Albuquerque a El Rei D. Manoel". O laboriosíssimo governador das Índias dá a impressão de ter sido um português "mui rijo", que embora se ufanasse de ser cristão, não hesitava em narrar como decepara as orelhas dos mouros aprisionados, achando a ação a mais justa do mundo!

Agora estou a finalizar a leitura de O Livro de San Michele, de Axel Munthe. Como nos mostra com tintas vivas a humanidade que sofre! Chega a parecer

novela radiofónica (daquelas que a impediam de ouvir as suas queridas valsas) o caso da dama inglesa que descobre, no pequenino vitimado pela tuberculose, o próprio filho que abandonara.

Mas é isto: são sempre mais originais as histórias que a própria vida escreve, não acha? Imagine quantos dramas se desenrolaram agora mesmo, durante a última guerra, e até depois dessa dura paz imposta a ferro e fogo! São às centenas, certamente!

Mas... descubro alarmada que falei, ou escrevi, demais.

Queira Deus não teria sido preferível mandar dizer que havia a plano de outra viagem, agora, pela "Vale do Rio Doce", hein?

Vou terminar, então, na esperança de receber em breve outra carta sua, que será um novo dia de sol na monotonia do céu nublado de Joaíma.

Sempre amiga, despede-se a

Maria José

Teófilo Otoni, 2 de agosto de 1946.

Maria José:

Apesar de ser a manhã de hoje fria e chuvosa, tem algo diferente, inexplicável, que ilumina, alegre e aquece. Estranho paradoxo! No entanto, para mim é real. Foi assim que me achei, faz duas horas, lendo sua preciosa carta. Sou dos que defendem calorosamente a tese de que "a alegria está no mais interior de nossa alma". Mas como não há efeito sem causa, a alegria é o efeito de uma causa. Logo, no meu caso, a causa ... Qual será mesmo a causa?

Sua modéstia e espontaneidade encantadoras, aliadas a uma linguagem segura e vigorosa, revelam, se me permite dizer-lho, esplêndidas qualidades, ou mais elegantemente, virtudes, cuja soma daria, para certos psicólogos, o que chamam Caráter. De fato. A julgar pelas cartas, embora tão poucas, ainda que jamais eu tivesse tido a felicidade de vê-la e conhecê-la, sinceramente confiar-lhe-ia os meus parabéns! Aliás - a justiça me força confessá-lo -, quem os merece sou eu próprio. Sim, porque, de quando em quando, sou premiado, recebendo sua carta. Valho-me do privilégio para fazer um pedido insistente, impertinente, quase imperioso. Imperiosidade, já se vê, de quem, a morrer de sede em pleno deserto,

encontra delicioso oásis, mas, não sei por que, ingratamente lhe racionam a água! Eis o pedido. Escreva sempre, mesmo que atrase a resposta. Às vezes viajo pelo Vale do Rio Doce ... Escreva sempre breve, cartas bem longas. Paradoxo? Não. Serei atendido?

Conheço *Vida de Jesus*, de Plínio Salgado. Estilista invejável, pinta quadros majestosos. *A Dança de Salomé*, a meu ver, é *primus inter paris* na descrição literária. Contudo, a obra é um tanto romanceada e fantasiosa. Plínio derrama o coração e a pena na vida fascinante do Mestre, tentando dizer veladamente das suas intenções e do que ele, Plínio, sofreu por não ser compreendido. De acordo?

O "clássico" não conheço. É interessante sua observação sobre o cristianismo de D. Afonso. Infelizmente, de exemplos assim a história está saturada. Cristãos das "horas vagas", dos "banquetes", do "exibicionismo", dos "atos oficiais"; cristãos por fora; dentro, que ninho de rapina!

Conheço o *Livro de San Michele* pela rama. Explico. No seminário, por falta de tempo, os livros que meu saudoso colega e companheiro de quarto lia, dava-me o resumo. E eu tinha prazer em pagar-lho com a mesma prata. Muito simples, não é?

Tenho lido pouco devido ao acúmulo de trabalho, inclusive umas aulas de inglês, que me lembram gostosamente os bons tempos de estudante. Que longe já vão eles!

Mesmo assim, li, durante o mês findo, *Os Grandes Sonhos da Humanidade*, de René R. Miller. Respeitável volume. Volume! Talvez minha crítica seja por demais severa por não concordar com a teoria do autor, que afirma que todas as religiões têm seu princípio fundamental no "medo". Devagar, seu Miller, com juízo tão temerário! Isso é tentar reduzir à poeira o ideal daqueles que, ardentemente, anelam vida superior nas mansões sublimes do espírito, em perene comunhão com o Pai celeste, doador e mantenedor de nossa vida. "Medo"! Onde ficam aqueles que, desprendidamente, consagram a vida a uma religião, fazendo dela norma de conduta incondicional? "Medo"! Que ousadia desrespeitosa de quem nunca sentiu o que há de mais nobre, mais belo e santo na vida - a presença real do Senhor do céu e da Terra - Deus! Não o deus do medo que gera e alimenta a superstição, a macumba, o feitiço, infelizmente tão ramificados entre nosso povo, mas o Deus da Luz - sem os mistérios absurdos -, da verdade e retidão, bondade e amor infinitos. Deus dos ricos e dos pobres, grandes e pequenos, sábios e ignorantes, sãos e enfermos. Deus de todas as gentes, judeus e gentios, cristãos e pagãos, bárbaros e civilizados, pretos e brancos. Deus excelso, Onipotente, reinando para a sua e a glória dos que o honram e cultuam! Ó Maria José, perdoe-me, falei demais.

Li também *A Quadragésima Porta*, de José Geraldo Vieira. Livro massudo e maçante. Última palavra em matéria de confusionismo, *Minha Terra e Meu Povo*, de Lin Yutang. Para quem gosta de ópio e da sutil delicadeza dos chins, não pode haver coisa melhor. Como vê, não fui tão feliz - segundo meu temperamento e predileção -, nas últimas leituras. Espero organizar melhor o programa deste mês, a fim de ler mais e, se possível, acertar na escolha.

Quando vem a Teófilo Otoni? Logo ou breve? Fale um pouco de seu viver sob o "céu nublado de Joaíma".

Ontem, o Almachio teve a gentileza de apresentar-me sua irmã. Houve apenas ligeira troca de credenciais. Retiraram-se apressados. E é exatamente o que vou fazer antes que você diga: "Basta! Já é tarde".

Sinceramente,

Antônio Elias

Joaíma, 16 de agosto de 1946.

Meu prezado amigo:

Paz e bem-estar desejo-lhe sinceramente.

Respondendo sua inestimável e gentil carta, começarei com uma pergunta: conhece aqueles postais com gravuras coloridas, que, vistas simplesmente, não têm atrativos, mas, através de óculos especiais (com uma lente azul e outra vermelha), aparecem em relevo, vivas, belíssimas? Pois eu conheço, não apenas os cartões, mas uma pessoa cuja bondade faz às vezes de óculos assim, quando contempla os seus semelhantes.

Cuidado, meu amigo! Assim poderá decepcionar-se depois, pois não sabe que as rosas são mais visíveis que os espinhos? Além disso, usando sempre palavras tão gentis, acabará alimentando a vaidade, que, de acordo com Guerra Junqueiro, é "vício ruim, grama que custa deitar fora".

Quanto ao oásis ... está certo mesmo de que não se trata de miragem?... Olhe que o deserto é enganador.

"Serei atendido?" Mas que pergunta, meu Deus! Se o prazer é todo meu! "Como se não fossem sempre "manhãs de sol" ou "noites de luar" (como aconteceu agora) aquelas em que chegam as suas

cartas! Escreverei, sim, se isso lhe dá prazer. Mas não me responsabilizo pela paciência do nosso agente postal quando houver viagens pela Vale do Rio Doce ...

Concordo com sua opinião sobre Vida de Jesus, de Plínio Salgado. Realmente, é um tanto romanceada, mas apesar de tudo, belíssima, encantadora!

O San Michele decepcionou-me um pouquinho no final. Não sei precisar bem por quê. Aliás, o próprio Axel Munthe disse ali que não se responsabilizava pelas suas últimas páginas, que foram datilografadas, pois ele só controlava a que escrevia de próprio punha. Era como se houvesse, diz ele, uma corrente do seu próprio cérebro à caneta, e que nas teclas da máquina se esfacelava. Fantasia?...

E o seu Miller, pobre coitado, hein? Se lhe fosse dado penetrar os verdadeiros domínios do "Rei dos Reis", e conhecer o Reino da Boa Vontade - talvez então tivesse "medo", por achar-se cego no meio de tanta luz!

Lastimo-a, meu amigo, por ter estado a percorrer páginas "maçantes" de volumes assim tão "massudos".

Quanto a mim-que felicidade! Nada de "ópio", nem Quadragésima Porta ... Apenas encontrei uma veredazinha que me conduziu à montanha, onde quedei-me por muito tempo aos pés do Mestre, ouvindo-lhe os maravilhosos ensinamentos, vendo-o,

além, acalmar as ondas agitadas ou alimentar milagrosamente as multidões!

Pobres aqueles que o expulsaram de sua cidade e de seus corações! E os que não tiveram forças para deixar as riquezas e segui-lo! Mas bem-aventurados os que, como Mateus, atenderam ao primeiro chamado! Ouvi quando a Mestre dizia: "Vossa Pai sabe o que vos é necessário antes que lho peça", e ainda quando ele falou sobre a fé, que é capaz de mover montanhas!

"Vim para salvar as almas"! Oh doutrina maravilhosa, do amor e do perdão! Lendo, chego às vezes a exclamar extasiada: É, Senhor, luzeiro deslumbrante! Como podem suportar tanta luz os meus pobres olhos de mortal pequenina?"

Realmente ali está, no Novo Testamento, "tudo o que há de mais bela no mundo". Imagine que, por enquanto, li somente um pouco - ainda com o primeiro evangelista!

A quem devo agradecer esses momentos tão agradáveis? Quem, afinal, encontrou ao longo da estrada árida, em pleno sertão, um precioso manancial? E ainda lhe racionam a água (eu, sim, tenho direito de dizer isto ...) com retiradas à maneira italiana ...

Ficou conhecendo, então, a Anésia? Não imagina como tenho sentido sua falta, pois é ela minha companheira dedicada de todas as horas!

"Então, quer que lhe conte algo de minha vida sob o "céu nublado de Joáima"? Não importa mesmo que seja uma vida banal, igualzinha às outras? Pois então, mãos à obra ...

Em primeiro lugar, uma retificação: nem sempre é "céu nublado"; às vezes, há manhãs de sol e noites estreladas.

Agora o cenário: uma paisagem encantadora de montanhas de todos os feitios, com um córrego caprichosamente sinuoso a banhar-lhes os pés, depois de haver combinado com dois outros companheiros - quais crianças travessas, para cercarem a cidade. Esta, apanhada de surpresa, assustou-se e subiu em um morro, onde esteve encolhidinha por um lapso de tempo. Mas, vendo que se tratava de brincadeira, perdeu o medo, foi aos poucos estendendo os braços, e agora já está ensaiando uns passos lá por fora. Nas manhãs frias de maio e junho (costumo levantar-me cedo), surpreenda-a vestida de noiva, com deslumbrante véu de neblina muito longo, arrumado em flocos pelo sopé das montanhas. Vêm agosto e setembro, meses das queimadas, e tudo se entristece com a cinza dos campos e a fumaça que enche o espaço ... A gente mesma ... se sente triste, abafada. Mas eis que chegam novembro, dezembro, janeiro. Ronca o trovão, o relâmpago traça riscos luminosos no espaço, desabam as primeiras chuvas, e então tudo se transforma: a terra seca e triste aproveita a calada

da noite e cobre-se toda com um rico manto verde, que a princípio é transparente, depois, aos poucos, vai-se tornando espesso e aveludado! Um encanto! E ela, a cidade, aparece risonha e vestida de sal, depois de ter recebido um forte aguaceiro à noite. Este é o período que acho mais alegre!

Mas chega de cenário ... mesmo porque esta vai ficando muito longa! Até estou sendo tentada a botar a ponto final por aqui mesmo e deixar a conclusão do assunto para a próxima carta ...

Ah! Se soubesse como estou escrevendo: no escritório do Banca Mineiro da Produção, onde trabalho, nos intervalos que me deixam os clientes (embora tenha sido, hoje, dia de pouco movimento). Acresce que meu chefe de trabalho, a correspondente do Banca, viajou hoje com destino a Belo Horizonte, onde se demorará por um mês, mais ou menos, deixando-me com essa enorme responsabilidade que me deixa perturbada.

Então, fica certo assim: na próxima carta falarei das minhas atividades e diversões nesta Joáima que lhe apresentei hoje. Viu que não pode dar asas à minha pena?

Antes de finalizar esta quero dizer-lhe que fiquei com inveja das aulas de inglês. O estudo desta língua é um antigo sonho que ainda não me foi possível realizar. Já experimentei até o Inglês sem Mestre, de Joaquim Gonçalves Pereira, mas os embaraços com

*a pronúncia me fizeram desistir, sem ir além do **time is money**.*

*E como **time is money**, e deste **money** já estou a dever-lhe muito, despeço-me logo, não sem pedir-lhe desculpas por esta "colcha de retalhos", feita que foi por etapas ...*

Inscreva-me para as aulas de inglês em minha próxima estada em Teófilo Otoni, sim?

Até breve, despede-se a

Maria José

P. S. Mande sua carta por via aérea. Dia: quarta-feira. Assim chegará mais depressa.

Campo Formoso, 23 de setembro de 1946.

Maria José:

Como lhe disse no dia 17, de Teófilo Otoni, véspera de minha viagem, em resposta à sua formosíssima carta, estou fazendo uma excursão pela velha Bahia.

Ficarei uns dias aqui: Bonfim, Juazeiro, volto a Salvador e de lá regressarei parando em Itabuna e Ilhéus. Devo estar em Teófilo Otoni em meados do mês entrante. Lá espero encontrar sua carta. E como seria meu contentamento se ao lado da carta lá estivesse a autora! Bem, o fim do ano está às portas. Em janeiro, aproveitando as férias, irei a São Paulo visitar a família e pleitear minha transferência para lá. Por isso, se estiver mesmo interessada nas aulas, apareça logo, a menos que eu continue em Teófilo, ou se disponha a mudar-se para São Paulo, ou ... Bem, estou falando demais. Não me chame de ultra convencido. Afinal, estou apenas querendo dizer que eu teria, de fato, o prazer de tê-la na minha classe ...

Recebeu meu telegrama? Tanto o telegrama como esta carta-bilhete, em vista dos volumes que lhe tenho mandado, representam apenas notícias mui resumidas do meu paradeiro...

Não tenho tido tempo nenhum. Muito trabalho, muitas visitas e muitas falas. Falas que, por exagero de certos amigos, chamam de "conferências".

Até dia 6 meu endereço é: Caixa Postal 350, Ginásio Americano - Salvador. Depois, a caixa antiga e o mesmo Hotel Belo Horizonte.

Até muito breve, Maria José, e como já somos bons amigos, tome lá também o meu abraço. Amigo que já se vai tornando exigente, indagador, indiscreto, inoportuno ...

Antônio Elias

Joaíma, 29 de outubro de 1946.

Dr. Elias:

À guisa de prefácio, deixe-me dizer-lhe que não se admire se os assuntos bancários interferirem em nossa palestra de hoje. "Explico: acabara de ler a correspondência de nossa agência de Pedra Azul, quando recebi seu bilhete, e não resisti à tentação de escrever-lhe um pouco, agora mesmo, a fim de aproveitar a volta do correio de Águas Formosas (que deve seguir ainda hoje). Arrumei, então, a papelada aqui ao lado, em minha mesa, e pedi às obrigações que esperassem um pouco por mim, enquanto cumpria outra obrigação bem mais suave e agradabilíssima...

Fica também explicado porque esta deve ser mais resumida que as anteriores (embora não afirme isto com segurança, pois minha pena costuma desobedecer-me quando lhe escrevo ...).

A chegada do envelope da "Caixa Postal 34", como sempre, trouxe-me grande alegria, mas a carta deixou-me triste por mais de um motivo. Primeiro, imagine a sensação de alguém que inesperadamente descobre que lhe roubaram uma joia de estimação, das mais preciosas. Imaginou? Pois esse sentimento experimentei ao saber que, provavelmente, extraviou-se sua carta de 17/9, pois até hoje, 29/10, não a

recebi! Que terá acontecido? Veio pelo correio aéreo? Ah! Meu amigo, só "dando um jeito" para descobri-la. Do contrário exijo uma "duplicata" ou "segunda via" da mesma! Imagine que por duas vezes comecei a escrever-lhe, sentindo a ausência de notícias suas, mas desisti achando que devia esperar resposta ao meu "jornal", e ... nada, até a chegada dos telegramas da Bahia. Só por este motivo não encontrou minhas cartas à sua chegada.

Sobre a outra "nuvem" trazida pelo seu bilhete, talvez fosse melhor não falar, pois tem sua origem no egoísmo. Enfim, como prometi ser sincera e franca...

É que, habituada como estou às "manhãs de sol", entristeço-me com as "nuvens" que ameaçam roubar-me a sua claridade, que aprendi a admirar. Mas, isso é egoísmo, não é mesmo? O sol nasceu para todos e precisa iluminar também outras paragens...

Depois, tenho a pretensão de acreditar que, de São Paulo mesmo, sobrarão, de vez em quando, um pouquinho de tempo para uma prosa com a amiguinha que ficou distante, numa aldeia de Maxacalis, que tem o nome do chefe da tribo: Joaíma.

Mas ... e o correio? Ai, nem é bom lembrar!

Quanto às aulas, vejo que não terei mesmo a ventura de assisti-las. A Anésia até hoje não voltou (está em Belo Horizonte agora) e sem que ela esteja aqui, não posso sair. Além disso, devo uma visita à minha velhinha, que reside na fazenda, em Almenara (ex-Vigia). Há quatro anos que moro aqui com um

irmão casado, e só uma ou duas vezes por ano posso vê-la. Agora ela está a reclamar minha presença, e bem sabe que este é um dever sagrado, pois não? Assim sendo, quando poderei ir a Teófilo Otoni? Acredita que só em 1947.

Mas não adianta estar aqui a chorar ... mesmo porque o tempo hoje é curto.

Agora pergunto: como foi de excursão? Foi amigo dos seus ouvintes, apenas, ou seu amigo também, gozando os encantos da "boa terra"? Fez bons passeios pela encantadora Amaralina? Conte-me as impressões de toda a viagem, sim? Mas não aceito "bilhetes". Também dispenso aquela modéstia que a faz julgar-se exigente, inoportuno etc. Bem sabe que suas cartas só me trazem satisfação.

Quanto a mim, gostaria de escrever-lhe muito mais hoje, falar-lhe de minhas alegrias (embora pequeninas, como, por exemplo, a satisfação de ver nos craveiros que cultivo, um novo cravo a desabrochar), e das tardes cinzentas ..., mas já disse porque tenho de ser mais breve.

Em minha carta anterior pedi-lhe que me escrevesse pelo correio aéreo, e o resultado não foi bom. Hoje experimento o correio de Águas Formosas, que talvez seja melhor, porque não depende de

Jequitinhonha, que não liga muito à correspondência daqui.

Despeço-me agora, também com um abraço amigo, e pedindo-lhe que não se esqueça da

Maria José

Teófilo Otoni, 22 de novembro de 1946.

Maria José:

Saúde, paz, esperança e muita alegria.

Há qualquer coisa que não entendo sobre o extravio da carta. Não chegou aí. Não voltou ao remetente. Por quê? Para ser bem franco, muito franco, às vezes chego a pensar que o mistério é devido ao conteúdo. Escrevi bastante. Cinco páginas datilografadas! Fiz uma série de perguntas. Algumas bem fortes e indiscretas! Quis saber tudo, tudo de uma vez! Perguntei até se tinha por alguém algo diferente de simples amizade! E se ... pois é, até isso perguntei!... Não sou mesmo um amigo inconveniente, inoportuno? Quero saber demais. Entretanto a carta não chegou. Pede-me uma segunda via ou duplicata! Não. Francamente estou confuso.

Fiquei triste, no sentido de contrariado, sabendo que por duas vezes começou a escrever-me, mas desistiu esperando resposta ao que você chama de "meu jornal". Com ou sem resposta, escreva sempre e muito, senão a história se complica

Já perdi a esperança de transferência para São Paulo no próximo ano. Não terminei o trabalho aqui:

construção de uma igreja, casa pastoral etc. Por isso meu pedido foi fraco. Mais um ano não há de ser nada. Contudo, janeiro e fevereiro espero passar por lá, em São Paulo, aproveitando as férias para visitar a família e atender a alguns convites para fazer falas. Logo, a tal "nuvem" não tem razão de ser. Primeiro, porque a mudança gorou. Segundo porque ... Como não haveria de escrever-lhe? Acaso posso esquecê-la? Como?

É justa e nobre sua visita à "velhinha". Mas como eu gostaria que você viesse ainda este ano! Se o meu programa não estivesse apertadíssimo: visitas à Ponta da Areia e ao Vale do Rio Doce, em dezembro, positivamente, era capaz de ir vê-la. Sim, quando tenho amizade real a uma pessoa, sou capaz de tudo, até de espantá-la subitamente com a minha presença!

O correio está mesmo judiando. Tente a antiga rota. Era bem melhor, não era? Lerei ainda uma carta sua este ano? Sinceramente, estou sem esperanças! Vai atrasando tudo! Até quando?

Como hei de descrever a Bahia a quem a conhece tão bem! Amaralina. Itapoã. Três vezes fui até lá. Contudo prometo-lhe minhas impressões não por carta, e sim quando tiver a sorte de falar-lhe vis-à-vis. De acordo?

Bem, Maria José, vou ficando por aqui. Tenho receio de continuar. Minha vontade é perguntar ... perguntar ... Hábito, talvez, um tanto mau, de quem

leciona de quando em quando. Sim, receio continuar perguntando. A carta poderia extraviar-se.

Até breve, Maria José, com o mais saudoso abraço do

Antônio Elias

Joaíma, 2 de dezembro de 1946.

Dr. Elias:

Parece brincadeira e já se torna desinteressante dizer-lhe que não tenho a sorte de escrever-lhe sossegadamente. É sempre em um dia cheio que tenho notícia de uma boa oportunidade (aqui, precisa isto), e o resultado é escrever apressadamente, quase sem poder coordenar as ideias. Assim acontece hoje, mais uma vez: seguirá amanhã, com destino a Teófilo Otoni, uma família conhecida, e achei ótima a oportunidade de escrever-lhe diretamente, mas meu dia foi tomado de tal forma, que só agora à noite consigo fazê-la! Talvez sejam supérfluas essas explicações, mas, com elas, quis pedir-lhe que não repare na desordem que vai por aqui. Aliás, quem gosta de receber cartas com frequência, precisa ser condescendente ...

Mas passemos à sua carta (agora, mais do que nunca, tive vontade de ficar caladinha, sem precisar escrever). Se não fosse a rumo traçado com tanta firmeza - ser sincera e espontânea -, estaria em apuros. Mas não quero criar problemas, por isso, conversemos.

Em primeiro lugar, perdoe-me se lhe digo que você foi injusto quando insinuou qualquer coisa sobre a extravio da sua carta (ou entendi mal?).

Por quê? Ela teria forçosamente de voltar ao remetente se não chegasse ao seu destino? Não é admissível um extravio por falta de escrúpulos de funcionários dos correios etc.? Então, nem posso dizer-lhe que me impressionou, também, o fato de ter-se extraviado justamente aquela! Fatalidade? Mas acontece que, às vezes, acho que ser fatalista é uma forma bastante cômoda de "deixar como está para ver como fica".

Assim, pois, fica aberta a questão.

Agora, a mais difícil: as "perguntas". Sua carta chocou-me bastante, mas foi assim como um despertar. Trouxe ao consciente algo que já fora debatido no subconsciente com um outro "eu", que todos temos, e que Érico Veríssimo, em Gato Preto em Campo de neve, chama de "Malasarte".

"Esta "outra" pessoa, bem mais penetrante e ajuizada que a primeira, exclamava, às vezes: "Quanta alegria ao receber uma carta! "Que acha disso?! "Ora, o que há de ser? Quem não sente prazer ao ler uma carta de pessoa amiga?" E a "outra": "Cuidado! Muito cuidado! A amizade é um belo sentimento, nobre, calma, e que só faz bem. Mas há um outro sentimento - seu irmão gêmeo - que às vezes consegue disfarçar-se tão bem, que poucos são capazes de identificá-lo! Este, porém, é perigoso: vem com tempestades, faz verdadeiras revoluções, desconhece preconceitos. Sempre que você tiver de escolher, fique com o

primeiro! Não tenha dúvidas na escolha! E olhe lá, muito cuidado!"

E o tempo passou. Um dia, quando menos esperava, a pergunta foi feita novamente, mas desta vez por outro alguém, cuja voz soou mais forte.

Fiquei atônita, esfreguei os olhos, reli mil vezes uma carta..., mas a resposta não apareceu ... O problema é demasiado complexo, o assunto delicadíssimo! Mas acho que só "a outra" tem razão na história. É melhor escolher, dos gêmeos, a irmã ajuizada. O outro, o que vem com tempestades, me assusta muito, muito!

Anésia chegou ontem, de modo que pretendo aproveitar a primeira oportunidade e seguir para Pedra Azul, de lá à fazenda, passando por Rubim, onde tenho um irmão. Entretanto, minha ausência será curtíssima, pois tenho de assumir aqui o posto de dona de casa, substituindo minha cunhada que vai a Salvador visitar a família. Estarei de volta no princípio de janeiro, no máximo. Suas cartas podem vir mesmo para Joáima, pois Anésia se encarregará de enviar-mas (plural ... que esperança).

E agora vou dormir (exatamente meia-noite).

Boa noite. Um grande abraço da

Maria José

Teófilo Otoni, 15 de dezembro de 1946.

Maria José:

Lá vai o meu cordial "Bom dia!" com votos de esplêndido Natal, feliz término de Ano Velho, e que lhe traga, o Novo, um mundo de felicidades, com ou sem aprovação da "outra", a amiga da onça. Cuidado com ela!

Por falar em "outra", ou amiga da onça - no caso em apreço é a mesma coisa com nomes diferentes - não concordo com sua análise psicológica inspirada em Érico Veríssimo. Base movediça. Gato Preto em Campo de Neve, como disse o próprio autor, foi um mero incidente, desvio, aberração do instinto felino, não é? Ainda mais gato preto ...

Por que não pediu a opinião de um mestre no assunto, como Bergson, Rogers, William James, Mac Dugal? Tenho certeza de que você teria encontrado resposta segura, pró ou contra, sem precisar ler mil vezes uma carta para, no fim, ficar sem solução!

Divaguemos um pouco. O subconsciente é a força motriz do nosso comportamento. O consciente educado aproveita, canaliza, orienta, dirige-lhe as energias para uma finalidade própria, elevada, nobre, como o frágil piloto dirige o gigantesco barco. E

ninguém pode impedir-lhe o som da voz íntima, abafar-lhe os anseios exuberantes. Não! A menos que se queira repetir o absurdo do poeta de "água doce" de que fala Afrânio Peixoto em Crônicas. O poeta, aproximando-se da praia do mar, numa súbita inspiração - estro canhestro, é claro - exclama: "Ó ondas! Parai, cessai, deixai de bater contra a praia!" Que sublimidade! Que poetastro, hein? Ora, mutatis mutandis, as ondas são o subconsciente. Jamais (elas) deixarão de bater ... E, coisa interessante! Há pessoas inteligentes, cultas, de caráter bem-formado que, por medo das "tempestades", "revoluções" íntimas, "preconceitos" - ah! o preconceito ... - preferem ficar com a "irmã ajuizada", juízo perigoso, quase sempre falso, porque não vem do foro íntimo, mas de um complexo adquirido no meio social, - a seguir o caminho certo, traçado pela "outra", mesmo que a estrada seja perigosa e revolucionária. Salvo se a razão, conjunto harmonioso do consciente mais subconsciente, com toda a sua capacidade de raciocínio e discernimento, diga: "Não serve!" e o coração, centro por excelência de toda energia e toques sensitivos e afetivos, concorde enfaticamente: "Não sinto!" Não será este o seu caso? Veja bem, fazendo exame introspectivo.

Mas, (ó que saudade das aulas de psique!) quando se deseja resultado negativo sem magoar pessoas nem ferir amigos, usa-se distinta e elegantemente, a linguagem figurada, com

reticências e dúbias interpretações e, por vezes, remates assim: "assunto delicadíssimo", "demasiado complexo", "me assusta muito".

Nunca pensei que a jaca, fruta rara em São Paulo e de importância mínima para os paulistas, daria doces tão saborosos, embora - faça-se justiça - 99 por cento esteja na perícia da fábrica! Parabéns, minha gentil e talentosa amiga, parabéns! E continue, enquanto o preconceito não altere a situação.

Não fiz mau juízo de você sobre a tal carta. Logo de você, Maria José? É possível, sim, que um funcionário ... tudo é possível! Bem, não se zangue por isso. Apenas mostrei minha estranheza.

Parece-me que neste final de ano ando meio sem sorte. Tenho-lhe falado e perguntado demais, a ponto de a última carta ter-lhe produzido um choque, embora a bomba caísse em mim.

Muito contra a vontade preciso parar. Estou de saída para Valadares. Volto amanhã ou depois.

Como vai de passeio?

Abraça-a com saudades, o

Antônio Elias

Fazenda Iguaçu, 19 de dezembro de 1946.

Dr. Elias:

Escrevo-lhe, como prometi, da quietude da fazenda, ouvindo somente o canto dos pássaros e as "rumores da cachoeira", como papai gostava de dizer.

Bem deve saber como é bom chegar-se "em casa", rever as pessoas queridas, o ambiente que lembra nossa infância, e mais um punhado de coisas a que nos acostumamos a olhar com simpatia!

Nossa fazenda fica à margem esquerda da Jequitinhonha, 30 km abaixo de Almenara. De Joáima vim fazendo voltas, por haver dificuldade de transporte direto e para estar um pouco com os meus irmãos, em Pedra Azul, Rubim e Almenara. Desta última vim por água até a fazenda. Gosto da viagem de canoa, embora sem conforto e comodidades. A "casquinha de noz" vem pelo rio, entregue ao seu destino e aos cuidados dos canoeiros, homens rústicos, fortes e de alma simples, cuja vida consiste naquilo: conduzir sua canoa rio abaixo ou rio acima, haja ou não vento favorável, estejam as pedras à vista, ou a água pelos barrancos.

Durante a viagem, cantam despreocupadamente os seus "beira-mares". " Ancoram", às vezes, para fazer um gostoso cafezinho de rapadura ou um

almoço rápido, e à noite armam suas barracas na praia e aí dormem o sono dos justos.

A "corrida da cachoeira" é o mais sensacional da viagem! Pouco abaixo da desembocadura de um afluente - a Panela - há um trecho encachoeirado que exige muita atenção dos canoeiros, devido à força da correnteza e ao grande número de pedras que poderiam virar a canoa se esta deixasse a "canal" certo. A água bate, em ondas, nos lados da canoa, salpicando os passageiros, o que me faz lembrar os passeios de barco na Bahia.

Quando faço esta viagem, venho quase sempre alegre e despreocupada. Entretanto, à chegada, desde alguns anos, há uma sombra que escurece um pouco a minha alegria: falta alguém que, invariavelmente, vinha receber-me à praia: um velhinho que era parte da minha vida e que não poupava carinhos à filha caçula. Deus levou-a para uma vida melhor, deixando-nos a saudade imensa!

Perdoe-me, meu amigo, se em vez de falar-lhe só de coisas alegres, deixo aqui esta nota triste: é que um coração bondoso atrai confidências e desabafos, e procuro assim aliviar minha alma que sofre!

Prometo-lhe, entretanto, repetir doravante, com mais frequência, a prece do poeta:

Haz, Jesus, que yo pueda suportarme mis llagas

Para que mi voz sea de paz e de harmonia.

*Mi camiño está lleno de hermanos que
solluzam*

E no quero aumentar su angustia con la mia...

*(Não repare a grafia. Decorei a quadra, mas
ainda não sei castelhana).*

*Neste ano acresce ainda a ausência de Stela
(irmã da Anésia), minha sobrinha e irmã de criação,
que morava aqui com mamãe. Casou-se há pouco e
mudou-se. A casa vai ficando vazia, tudo diferente!*

*Mas não vou falar mais nisto. Aproxima-se o
Natal, época de festas e alegrias! Vou contemplar a
outra face das coisas, a parte alegre das minhas
férias, e aguardar, como presente de Papai Noel, a
sua carta.*

*Já sabe quando viajará para São Paulo? Desejo
que seja feliz e aproveite bastante suas férias.*

*Adeus. O portador que levará esta carta a
Almenara está só à minha espera.*

*Boas Festas e um novo ano repleto de venturas,
deseja-lhe a*

Maria José

Teófilo Otoni, 7 de janeiro de 1947.

Maria José:

Vai anexo um pequeno trabalho que fiz para ser lido na festa do Natal e que acabei não lendo. Resolvi em tempo.

Até agora não recebi sua carta. Já estou perdendo a esperança. Ah! Esse correio!

Na próxima segunda vou a São Paulo.

Abraça-a com saudades,

Antônio Elias

Joaíma, 23 de janeiro de 1947.

Meu prezado amigo:

Deseja, sinceramente, que esteja aproveitando bastante suas férias e volte com novas energias para mais um ano de luta.

Aqui estou desde o dia 15, tendo encontrado seu telegrama do dia 13 e a carta, que custou bastante a chegar.

Mas, sim senhor! Como se tem coragem de derrubar impiedosamente um ídolo (com pés de barro, embora), expondo-a ao ridículo, sem a menor consideração? Pobre da "outra", cujas sugestões valiam um tesouro, e agora recebe desprezivelmente o apelido de "amiga da onça"! Coitada! Não conseguiu mais fazer-se ouvir como dantes, pois arma terrível é o ridículo! Assim mesmo continua lutando pelo seu ponto de vista, a dizer que nada como um dia após a outra, que o gêmeo da amizade é mesmo perigoso etc.

Agora, falando sério, como deve ter-lhe decepcionado minha carta! Por que me ocorreu logo Érico Veríssimo e ainda mais gata preta"?

Ri-me bastante ao ler sua carta e apreciei-a muito, pois me agrada a crítica que ajuda a construir. Escrevi, realmente, sem uma orientação segura e, o

que acredita ter conseguido, foi apenas expor-lhe, com franqueza, o estado de minha alma naquele dia ... Foi uma carta mais vazia que as outras, ou cheia apenas de incertezas e interrogações ... Entretanto, é bom que haja um passo em falso de vez em quando, para que alguém não insista em afirmar que trata com pessoa "inteligente, culta" e mais outras coisas, que a gente fica pensando que é ironia.

Não, não foi meu intuito obter resultado negativo, e posso afirmar-lhe que tudo correria às maravilhas, se não houvesse uma dissonância que, certamente, não lhe passou despercebida, e que pode roubar-nos a felicidade se não a levarmos em conta. Daí, minhas dúvidas. E o receio de tratar do assunto por carta. Creio que só um encontro nos proporcionará facilidade para debatermos o assunto, e acho que devemos aguardá-la. Concorda comigo?

Sobre minha última carta: senti que não a tivesse recebido, pois com ela enviei-lhe um cartão de natal e votos de feliz Ano Nova, e certa de que chegaria a tempo (também devido às dificuldades de transporte da fazenda para Almenara), não telegrafei. Resultado: seu Natal passou "em branco", como se não tivesse me lembrado ..., mas acredite que foi justamente o contrário.

Não tendo chegado até agora essa carta, é possível que se tenha extraviado, mas posso fornecer-lhe uma pista: levou-a até Teófilo Otoni uma

peessoa daqui (sr. Agripina Barreto) que me disse o seguinte: tendo de voltar logo, e sem tempo de levá-la ao correio, encarregou disto um amigo. Por aí pode ver que havia tempo de sobra para estar em suas mãos, pois isto foi em dezembro.

Na fazenda recebi seu telegrama de Boas Festas. Muito lhe agradeço, e de coração desejo que as bênçãos venham também sobre quem as desejou para mim.

Tive vontade de mandar-lhe um telegrama da Bahia (Estado), o que não fiz porque estava sem notícias e receei que estivesse, já, em São Paulo.

Estive na Bahia, sim! Tive coragem de viajar 10 léguas (60 km) a cavalo: fui à Jordânia visitar a minha sobrinha, Stela, irmã da Anésia, numa fazenda.

Voltei satisfeita com o passeio: andei bastante a cavalo, fiz pescarias (a fazenda fica às margens do Jequitinhonha), tomei muito sol. Cheguei bem queimada! Agora estou muito convencida no papel de "dona de casa". Fiquei alegre porque minha cunhada deixou comigo a Cátia, filhinha adotiva do casal, que, aos meus cuidados, se me afeiçoará mais. E, aqui para nós, ela é um amor! (Modéstia, onde estás?).

Vou ver se agora, como "dona de casa" e com mais tempo disponível, consigo fazer um doce "sofrível" para mandar-lhe, uma vez que afirma que gostou do outro, feito à noite. Mas, vou esperar que volte primeiro. Agora, explique-me porque iria o "preconceito" atrapalhar? Não compreendi. Foi por

acaso que a palavra entrou em minha carta, nem poderia ter sido de outra forma.

E como ando desapontada por enviar sempre volumes vazios e receber bilhetes, apenas, vou botando ponto final.

Envio-lhe um grande abraço, com votos de um passeio muitíssimo feliz.

Maria José

Joaíma, 27 de janeiro de 1947.

Dr. Antônio Elias:

Minha carta ficou pronta desde 23 deste mês e ia levá-la ao correio, quando meu irmão, o Alberto, disse-me que teria de ir ao Rio amanhã, acompanhando um cliente. Resolvi, então, esperar pela sua ida, para ver se, do Rio, o correio nos ajudará um pouco, pois em nossa região ele tem sido verdadeiro "amigo da onça" Agora, até o telégrafo: recebi seu telegrama de 17, no dia 20, endereço errado, ao que parece: 24 de fevereiro, 184. Enviei no mesmo dia um telegrama longo e nada de notícias. Hoje estava fazendo um doce (sou dona de casa, agora), a lembrar-me de que um assim ficaria bom para enviar-lhe (de figos), quando me chamaram. Fui atender e fiquei surpresa ao receber uma carta sua. Volumosa. Pensei logo na "célebre" extraviada. Seria? Mas também poderia ser outra ... Uma vontade enorme de abrir logo, mas a doce estava quase a queimar-se! Deixei a carta e corri. Agora, está quase pronto. Logo irei ler ... Chamam novamente à porta. Um telegrama: seu telegrama de 25! Hoje, 28! Assim mesmo não me contenho e exclamo: "Mas, que doce de sorte!" Agora vou fazer sempre doce de figos.

Mas ... ficou pronto a doce e fui ler a carta. Que surpresa agradável! Não esperava por esta agora.

Li, e como disse no telegrama que lhe envie há pouco, fiquei encantada. Que belo tema para meditação e que linguagem bonita. Foi pena não ter lido aí pelo Natal, privando seus ouvintes de um não por regiões mais belas. E, uma vez que me distinguiu com a honra de fazer-me "seu público", muito lhe agradeço, e peço que continue! Sei que "trabalhos" assim bonitos não faltam aí, pois os temas são vários e a inteligência é um precioso dom de Deus, que, no final, há de pedir contas! Logo ...

Tem gostado do passeio? Voltará em fevereiro ou março?

Por hoje é só.

Mais um abraço envia-lhe a

Maria José

Catanduva, 19 de fevereiro de 1947.

Bom dia, Maria José.

Regressei ontem de Campinas. Amanhã tenho de ir a São José do Rio Preto - bela cidade a 50 km daqui - Catanduva -, muito mais bela ainda. Na próxima semana irei a Ribeirão Preto e a seguir rumarei para Teófilo Otoni, o Senhor permitindo.

Num certo sentido, estou passeando. Mas que passeio! Fazendo falas, dissertações, prédicas, quase diariamente. Gosto. É interessante. Vida para mim. No entanto, cansa. Esgota. Então bato em retirada.

Estou bastante atrasado com a resposta. Falta de tempo? Viagens? Não. Nada disso. Nem eu teria coragem de apresentar-lhe desculpas tão esfarrapadas. Apenas atrasei, por mais que tivesse uma vontade quase insopitável de escrever. Fiquei pensando, pensando, sem saber o que dizer. Por fim, eis tudo.

Não foi minha intenção expor-lhe o "ídolo" ao ridículo. Isto é chamar-me "impiedosamente" iconoclasta. Embora não concorde com ídolos de "barro", respeito, admiro e, na acepção bela e exata da palavra, amo aos que os adoram, ou como querem alguns numa irrisória ginástica mental, veneram...

Que o irmão gêmeo da amizade é perigoso, não há dúvida. Pergunto: quando lícito, honesto, justo, cristão, é perigoso? Vejo somente uma barreira, aliás intransponível, quando a amizade palpita, vibra como "simples amizade", aí a "outra", diante da mais leve manifestação, adverte pronta e judiciosamente: "Cuidado; até pensar bastante seria um desastre".

Se revelou com franqueza seu estado de alma naquele dia (e faz tão pouco tempo), se estava cheia de "interrogações e incertezas", se afirma na última carta "não foi meu intuito obter resultado negativo", com qual das duas devo ficar?

Não compreendeu bem o porquê do preconceito? É simples. O preconceito é aliado número um d. "dissonância". De sorte que quando as partes interessadas se esforçam por um ajuste, afinando os pontos de vista divergentes no supremo diapasão, vem ele astutamente a envenenar: "Deixar os princípios dos pais, a crença da maioria e a família. Que não dirá o compadre Fulano? Nossa! Que horror! Até pensar muito é "perigoso".

No fundo, Maria José, a causa de 99 por cento da desarmonia, não é a dissonância e sim o diabólico preconceito - arma diletta do príncipe das trevas - inimigo implacável da verdade verdadeira. Quer um exemplo simplíssimo? Perdoe a franqueza. Não é verdade que muita gente, culta ou não, esperançosa, caráter ilibado, família tradicionalmente proba, temente ao excelso Criador, sem receios

"dissonâncias", se une a indivíduos moralmente caídos, ou descrentes nas atitudes e nos atos? Por quê? Ó, desculpe-me, você não quer tratar do assunto por carta. Nem eu. Também estou fazendo afirmações apressadas. Não sei com absoluta segurança a q' "dissonâncias" se refere. Seja o que for, o exemplo serve. Não como carapuça. Você está acima. Sei com quem falo. E me sinto até lisonjeado por tanto. Desejo ardentemente um encontro com você o mais cedo possível. Da segunda quinzena de março em diante fico-lhe à inteira disposição. Tenha a bondade de designar onde, quando etc. Que tal Belo Horizonte? Sugestão apenas com o fito de livrá-la de possíveis constrangimentos em Joáima ou Teófilo Otoni. Como não haverá mais tempo para escrever-me, telegrafar-lhe-ei sempre que mudar de endereço. Tudo OK?

Estou lendo A Volta do Gato Preto. Bonzinho. Leu-o? Vou mandar-lho. É possível que a Volta lhe ofereça sugestões diferentes, menos perigosas, com placas pretas.

Tenho apreciado com irresistível contentamento (força de redundância) sua atividade doméstica e capacidade de transformar em um verdadeiro "amor", uma criança quem sabe se, supinamente, traquina. Haverá criança sadia que não o seja? A propósito: ando com "honestas intenções" de montar uma casinha, pobre, humilde, à base de salário razoável, suficiente para privar-nos (a mim e à pessoa que

lançar a sorte comigo) de uns tantos privilégios da vida, deixando-nos, ainda, quem sabe se mensalmente com umas dividazinhas de última hora, que apesar disso e das insondáveis vicissitudes a que raro ou nenhum mortal se furta, haja compreensão, respeito, trabalho, sorriso, vida, paz, luz, Deus! Estranho paradoxo. Realíssimo, porém. Logo, perfeitamente realizável. Você, Maria José, que está esclarecida e segura no papel de "dona de casa", aceitaria um convite para organizar e dirigir essa futura casinha? Seria uma experiência nova, curiosa. Se interessante ou ... Bem, isto é lá com você. E olhe que é a primeira vez na vida que me animo a tanto.

Ser-me-ia tarefa fácil e agradável descrever os lugares, cidades por onde tenho passado e tudo o que tenho feito por aqui. Mas poderá conhecer tudo de viso próprio. E a surpresa é sempre o melhor da festa ...

De seu interessante passeio à Bahia, houve algo que me assustou um pouquinho: voltou "queimada". Oxalá não fique comigo ...

Com muita alegria espero receber os doces em Teófilo Otoni. Entretanto, se me permite, farei mais uma sugestão. Para poupar maior trabalho, tempo, ansiedade na espera, na próxima vez não acharia melhor fazê-los na "futura casinha?" Sugestão. Estarei, porventura, sugestionando? É possível. Estou falando demais. Ainda se queixa. É bem

verdade que falar demais, nem sempre significa escrever muito ...

Grato pelas referências encomiásticas ao trabalhinho. Nímia bondade sua. Contudo recebo-as com reservas. Fiz um curso regular de crítica literária e me vanglorio de ser um tanto autocrítico. Ó Maria José, não faça mau juízo de mim. É brincadeira.

Que o Senhor a abençoe rica e poderosamente, fazendo-a sempre feliz, seguindo os imutáveis caminhos que ele traçou para glória dos que o amam sinceramente.

Receba agora um, dois, três, quatro dos mais sinceros e profundos abraços e ... bem ... mais um abraço. Afinal, já é tempo de acabarmos com o doloroso racionamento, não acha?

Antônio Elias

Joaíma, 10 de março de 1947.

Meu amigo prezadíssimo:

Escrevo-lhe sal a agradável sensação de ouvir o tamborilar, no telhado, de uma chuvinha insistente, depois de dias intermináveis de sal abrasador, que abatiam, já, o ânimo da gente.

Não sei a razão dessa estranha alegria que me invade nos dias de chuva, seja um forte aguaceiro acompanhado de trovoadas, ou simplesmente uma chuvinha mansa e boa como a de hoje. Talvez venha dos tempos em que morava na fazenda, onde tudo vibra à chegada "das águas".

Mas isto não vem ao caso. O fato é que aqui estou, não apenas alegre com a chuva, mas sobretudo saudosa de nossas prosas, que se têm tornado raras, pois em vez de lutarmos contra a morosidade dos correios, escrevendo com mais frequência, nos deixamos ficar à espera de que chegue uma carta, para então escrever! Não está errado isso, pergunto eu?

Sua carta não chegou até hoje. Esta noite, sonhei pela terceira vez que a havia recebido, mas ah! Decepção! É sempre assim: rasgo ansiosamente o envelope, desdobro a carta e ... acordo sem conseguir ler uma palavra.

Há poucos dias eu saíra, e ao chegar à porta de casa, de volta, disse-me a empregada: "Veio uma carta de Jequitinhonha para a senhora". Entrei correndo, mas logo encontrei a Anésia, que foi dizendo: "O quê? A carta? Veio da Coletoria, deve ser resposta ao seu pedido de informações para a banca". Oh! Mas isso dito assim, laconicamente, acaba com os nervos de qualquer criatura. Que fazer? Paciência.

Sim, é preciso paciência para suportar o correio, que vive "judiando". Como você disse muito bem, paciência para aguardar com otimismo a solução de uns problemas difíceis, que a distância complica mais ainda. Mas falar nisso agora seria apenas reavivar preocupações que não me deixam, e inutilmente. Vou aguardar sua carta para ver se me traz alguma tranquilidade.

Fale-me de suas férias. Gostou muito? Como deixou os seus? Fez muitas "falas" (inclina-me diante de sua modéstia)? Seus telegramas (com exceção do último, de Casa Branca) chegaram sempre com três dias! Entretanto, recebemos jornais de São Paulo até com onze dias!

Joaíma acaba de dar um passo adiante: foi aberta, recentemente, a estrada que nos liga à Ria-Bahia. Apesar de não ter sido inaugurada oficialmente, o movimento tem sido grande, o que é promissor para a região. Imagine que ficamos a mais ou menos seis horas de Teófilo Otoni, quando eram

doze, passando por Jequitinhonha! Já temos uma linha, mais ou menos regular, de jardineira, que há de servir à nossa correspondência, pelo menos.

Era meu desejo mandar-lhe uma goiabada que fiz aproveitando as primeiras frutas maduras que apareceram, desta safra; mas fui experimentar uma receita nova que falhou lamentavelmente. O açúcar não foi suficiente, ficou um doce feio que não valia a pena mandar. Não pense que é "farol", e fique aguardando que mandarei outro. Fiquei aborrecida porque queria fazer-lhe uma surpresa, à sua chegada.

Creio que é só, por hoje. Agora vou atender à Cátia que chama "Zezé", insistentemente. "Ela aprendeu a dizer "Tonh' lte" (Antônio Elias), não sem dificuldade, como a observar: "Que nome complicado".

Não deixe de dar notícias. Melhor seria se escrevesse com mais frequência.

Com um abraço, despede-se a

Maria José

Joaíma, 25 de março de 1947.

Dr. Antônio:

Você gosta de goiabada? Eu a aconselharia a preferir compota de figos, de mamão, doce de jaca ou outro qualquer.

O motivo? É que a doceira inapta costuma sair queimada com os "pulos" do doce aos primeiros contatos com o fogo.

Mas não leve a sério o palpite, sim? De qualquer forma impera o seu gosto: se a goiabada for apreciada, há de surgir de vez em quando uma latinha de goiabada. Caso contrário, vou lançando a sorte para descobrir o preferido.

Não tive a honra de receber suas notícias de Teófilo Otoni. Não encontrou aí minhas cartas? A de Natal e outra recente?

Desde ontem redigi um telegrama para enviar-lhe, mas resolvi esperar um pouco, achando que logo chegaria o seu, e nada. Que houve? Muito trabalho à sua espera?

O portador desta, Sr. Guilherme Brito, voltará logo a Joaíma. Quem sabe não poderia trazer-me uma cartinha sua? Não sei ainda em que hotel se

hospedará, mas o Almachio pode- via encarregar-se de entregar-lhe a carta, pois conhece-a bem.

A de São Paulo vem por aí a acenar-me de longe, dizendo: "Você acha que Catanduva fica longe de Joaíma? Ora, não é tanto assim. Um pouquinho de calma! Mais uns dias e chegarei!" E eu, na impossibilidade de fazer outra coisa, repito mais uma vez a "Benedícite", de Bilac:

Mas, bendito, entre os mais, o que no dó profundo,

*Descobriu a Esperança, a divina mentira,
Dando ao homem o dom de suportar o mundo!*

*Por hoje é só.
Lembre-se da*

Maria José

Joaíma, 7 de abril de 1947.

Meu amigo prezadíssimo:

Um grande abraço.

Sabe que, às vezes, sinto uma inveja enorme de certa pessoa que, talvez devido a longas contatos com as "Mestres", ou ao conhecimento que adquiriu da vida e da humanidade por própria experiência, parece ver tudo de um plano superior, ou por um ângulo diferente, de modo que não se preocupa, não se aflige com certas coisas que, geralmente, consomem outras pessoas? Pena é que não tenha conseguido, ainda, imitar essa pessoa!

Sim, porque eu sofro com a demora de uma carta (ou com a ausência de cartas) e aflige-me ainda a ideia de que alguém talvez não tenha plena confiança e fique a supor que "a mistério é devido ao conteúdo" das cartas. É uma vez que confiança é como amor e amizade, que não se impõe, mas conquista-se, que farei para conquistá-la, no caso presente? Peço-lhe que me ensine, pois é meu desejo viver em boa paz com esse alguém, e como os nossos "casos" são resolvidos a distância, tudo se agrava e complica mais!

Agora mesmo, estou às voltas com uma complicação que me tem causado dores de cabeça!

Imagine que esse alguém enviou-me, de certa cidade de São Paulo, uma carta que considero importantíssima, como são, aliás, todas as suas cartas, para mim. Passam-se quinze dias, um mês, quase dois meses e a carta não chega. A resposta é solicitada por telegrama. Fico aflita, chega a perder o sono (maldita falta de autocontrole!) e nada! Nesse ínterim chega um livro que essa pessoa enviou depois da carta! Reclamo ao agente postal e ele diz: "A senhora não conhece a má vontade de Jequitinhonha para com Joáima? Os caminhões de Montes Claros (e como vê, têm sido raríssimos) trazem as malas para aquela agência, vêm às vezes vazios, enquanto nossa correspondência fica dependendo da boa vontade do agente de lá. Às vezes, mandam malas mais recentes, deixando outras mais antigas, sem organização alguma! Aqui, não temos culpa!" Eu me convenço logo, pois a história é antiga para mim. Mas, como explicar o fato a "alguém"? Dê-me sua opinião, sim?

E se você conhecesse essa pessoa de quem falamos, pedir-lhe-ia para dizer-lhe que apreciei muitíssimo o presente que me enviou. Foi uma surpresa, pois o telegrama que falava na Volta do Gato Preto, chegou truncado, de modo que não percebera bem o sentido, tendo feito até uma brincadeira a respeito, também por telegrama.

Gostei muito da dedicatória. Será que "ele" deseja, mesmo, que "a volta seja mais favorável?"

Pois olhe: até eu desejo. Há muito tempo que, a exemplo de certa poeta, deixei-me ficar à praia, a bradar: “Ó ondas, parai, cessai de bater contra a praia!” Mas como são teimosas as ondas! Voltam sempre, com a mesma impetuosidade, a banhar a praia. Enfrentam, mesmo, os rochedos, uma, duas, dez, milhares de vezes, sem se desanimarem jamais!

Assim é que, contemplando a grandeza do mar e a insignificância das minhas forças, vou perdendo o antigo ardor na luta e volta-me para Deus, unicamente, a pedir-lhe um pouco da sua luz e da sua graça! Que ele nos inspire sempre, para que, fazendo bom uso do livre-arbítrio, que ele nos concedeu, estejamos realizando os seus superiores desígnios!

Você poderia dizer tudo isto ao meu amigo, mas, talvez, não a conheça.

É só, por hoje.

Queira bem à sua amiguinha

Maria José

Teófilo Otoni, 7 de abril de 1947.

Maria José:

Acabo de receber seu telegrama. Estou quase doente com a demora da carta de Catanduva. Foi expressa ou registrada, ou, não sei ... Que teria acontecido? Nela eu disse um mundão de coisas! Não tenho cópia. Contudo tentarei aqui repetir apenas algumas das frases que me não saem da mente.

"Qual a dissonância que nos separa tanto? Desejo vê-la pessoalmente durante o mês de março, (e março que já vai longe ...) e ... ". Bem, esperemos mais um pouco. Nela disse tudo. Creio que até demais! Agora, somente "face a face". Por carta, não. Não adianta. Ela se perde, coitadinha. Não chega nunca! Com a primeira foi assim. Idem com a segunda. Gente! Isto até me deixa um pouco supersticioso.

A goiabada, pobrezinha, teve vida curta no quarto número 3 do Hotel Belo Horizonte. Durou apenas três dias! Ai! Que saudades! Era tão meiga, tão carinhosa, tão boazinha! Que falta imensa! Dolorosa lacuna!

Maria José, diga, por gentileza, com a máxima urgência, onde e quando podemos palestrar um pouco vis-à-vis. Mas, se não for quase

imediatamente, creio que será tarde demais. Por quê? Porque esta é a verdade. Entende?

Estou me esforçando para ser o mais resumido possível (linguagem paulista).

Encontrei um mundo de coisas para fazer. Fiz falas de Domingo de Ramos a Domingo da Ressurreição, às vezes duas e três vezes ao dia (até parece receita médica ...).

No próximo dia 13 vou a Valadares. Ainda não sei quanto tempo gastarei por lá.

Esperando ansioso sua carta, dando-me diretrizes francas e positivas, abraça-a o

Antônio Elias.

P.S. Você vai achar bem esquisita essa carta.
Mas ...

Ant.

Joaíma, 20 de abril de 1947.

Querido amigo:

Até que enfim chegaram as suas cartas: a de 7 deste em primeiro lugar, e logo em seguida a de Catanduva. Mesmo depois de as ter recebido fui submetida a mais uma prova: entregaram-mas no escritório, num fim de tarde apertadíssimo, clientes à espera (a meu pesar deixei de ser dona de casa para voltar a ser bancária).

Ora, tão ansiosamente eu aguardava a sua chegada, e por tanto tempo, para vê-las agora em minha secretária, fechadinhas, ocultando-me um mundo de coisas que ansiava desvendar, sem poder abri-las! Só ao chegar em casa pude entregar-me a esse prazer, e li-as devagar, com carinho, até que a lusco-fusco advertiu-me que havia obrigações à minha espera.

À noite, fui com o pessoal de casa assistir à inauguração do nosso "Cine Sto. Antônia". O filme: Eram Cinco Irmãos (os Sullivans, citados por Érico Veríssimo em A Volta do Gato Preto, que estou lendo). Uma história verdadeira e muito emocionante. Entretanto, não sei se vi bem o filme. Sei que do conjunto destacava-se uma coisa: a casinha humilde dos Sullivans, que logo adquiriu forma diferente em

minha imaginação, como acontece nos sonhos ... Ficava num ponto indeterminado do interior brasileiro; era pobre, humilde, mas alegre, enfeitada com leves cortinas de algodão e flores naturais. Nas paredes, prateleiras laqueadas com pequenos vasos de plantas ou figurinhas. No jardim, craveiros, muitos craveiros floridos, a espalharem um perfume doce e insistente.

E lá havia paz, vida e harmonia ...

E, de tal modo a "casinha" prendeu-me a atenção que, só quando se acabou a projeção e todos se levantavam para sair, como que despertei e vi que esta já não era a casinha dos Sullivans. Qual seria ela?

Mas ... vou tentar responder às suas cartas, começando do princípio.

Você me pergunta, referindo-se às minhas cartas: "Com qual das duas devo ficar?" Uma vez que descobre incoerência no caso, peço-lhe que não se preocupe com elas até que, pessoalmente, esclareçamos tudo, sim?

Tenho de envolver-me com a "dissonância", mais uma vez, por carta, não é mesmo? Pois olhe: o que me faz receá-la, não é o preconceito, embora este viva, realmente, a sugerir-me um mundo de coisas. Aprendi a desprezá-la, como a todos os juízos que o mundo possa formar dos meus atos. Recordo-me sempre, em situações idênticas, da belíssima cena de A Voz do Oeste, de Plínio Salgado, em que a

mameluco vai lutar com sua própria sombra, e, para que não se perturbe com as vozes que o chamam de louco, a seu avô, um velho índio, enche-lhe os ouvidos com penugem de pássaros, dizendo: "O guerreiro deve ser surdo para que não perca a rastro do seu destino!"

Antes disso, aliás, já ensinava a sabedoria popular: "Cada um faça o que entenda, contanto que a Deus não ofenda!"

Não, meu amigo, não é o preconceito. Receio é que a "dissonância" quebre a harmonia que deverá reinar em nosso lar. Pelo menos precisamos fazer a possível para - como direi? - nos sobrepormos a ela.

Confessar a sua existência não é declarar-nos vencidos por ela. Aliás, só estaremos seguros dos nossos sentimentos (assim o creio) se nos sentirmos dispostos a lutar por eles. De acordo?

Mas já falei demais sobre o assunto.

Passemos ao nosso encontro: também o desejo com ardor. Belo Horizonte seria ótimo ponto, mas acontece que estou de pés e mãos atados em Joáima! O correspondente do Bemca, Dr. Fidelcino, foi eleito deputado e transferiu-se para a capital sem conseguir que a substituíssem aqui. A Anésia, que trabalhava comigo, ficou noiva agora, no domingo da Ressurreição, e deixou o banco, de modo que fiquei sozinha, resolvendo tudo!

Como, pois, sair agora?

A Anésia, que se casará em maio, passando a residir em Belo Horizonte, pediu-me, até, para passar uns dias com ela, logo que esteja "instalada". Mas isto só seria possível de junho em diante.

De modo que, se você tiver pressa, mesmo, só há uma saída: "enfrentar" a provisória da Ria- Bahia até Santana, e daí a "nossa" estrada recém-construída, até aqui (oito a dez horas de viagem, se tudo correr bem).

Valerá o sacrifício? Se acha que sim, só tenho a acrescentar que venha o mais breve possível! Posso esperá-la então?

Desvaneceu-me o seu convite para "organizar e dirigir a futura casinha". Como falou alto ao meu coração a bela descrição que fez da mesma, com toda a sua modéstia e simplicidade!

Aqui para nós: teria ficado triste se me oferecesse um palacete. Creio que nunca me sentiria bem no ambiente luxuoso de um palacete ou no exíguo espaço de um rico apartamento. Gosto da simplicidade, do ar livre, do jardimzinho sem traçados geométricos.

Mas, assusta-me a responsabilidade: estarei à altura de aceitar o seu convite? Os meus parcos conhecimentos serão suficientes para fazer da casinha um verdadeiro lar? "E conseqüentemente a felicidade dos que o habitarem? Verdade é que não falta boa vontade, mas será suficiente? E ... bem, deixemos também este caso para ser discutido aqui,

muito breve, se Deus o permitir. Será bem melhor, não?

Quero apenas agradecer-lhe a confiança com que me honrou.

Meus agradecimentos, ainda, pela belíssima "Comunhão" (de um brâmane convertido) que me enviou. Palavras confortadoras, fizeram-me um bem inestimável!

É só, por hoje. Fico aguardando suas notícias.

E, como não há mais racionamento, deixo aqui para você um milhão de abraços e saudades.

Maria José.

P.S. Dia 30/4: - Apesar de estar minha carta pronta há dias, não quis botá-la no correio aqui, pelas razões que conhecemos. (Se bem que duas já foram postas no correio aí e não tiveram melhor sorte. A última enviei quando você estava em Belo Horizonte, e não avisei por telegrama para fazer-lhe surpresa. Como não falou nela, certamente foi-se com a outra). Enviá-la-ei amanhã pela esposa do Dr. Fidelcino, grande amigo nosso, que certamente se interessará pela mesma.

A razão deste "suplemento": quero pedir-lhe que, vindo mesmo a Joáima, seja prudente, não se arriscando a sair em dias chuvosos. A "provisória" da

Rio-Bahia é muito perigosa quando está molhada, e a nossa estrada aqui, também não merece inteira confiança, por ser recém-construída.

Talvez seja infantil a minha recomendação. Não me censure por isto. É que... bem, há também um pouco de egoísmo: busco minha própria tranquilidade.

Tenho me lembrado de tanta coisa para dizer-lhe, desde as travessuras da Cátia, que me faz ficar vermelhinha quando pede, à mesa: "Quero do doce do Tonh' lte!", até aos assuntos mais sérios, que nem um diário daria conta! Não preciso acrescentar, pois, que dia a dia desejo mais a sua presença! Que tal se viesse passar comigo o dia 15 de maio - Ascensão do Senhor? (Lembra-me agora que é também aniversário da minha primeira carta, não é verdade?)

Por um grande mapa de Minas estou acompanhando a sua viagem: Governador, Caratinga, Manhuaçu ... Cada dia mais distante. Quando estará de volta? Há cinco longos dias que não recebo notícias! (Mamãe, que esteve passando uns dias aqui conosco, acharia graça do que acabo de dizer, e me perguntaria: Você quer fazer dos telegramas meio de vida?)

Até breve, se Deus o permitir. O trabalho está aqui à minha espera, "impiedosamente": Banco Mineiro, Crédito Real, São Paula - Seguros de Vida ... Fim e princípio de mês, o dia fica mais cheio!

Receba uma parte das saudades que maltratam
a

Maria José

Joaíma, 21 de abril de 1947.

Antônio Elias:

"Quer uma prova de como andavam as "sombras" naqueles dias em que a "gato preto" andou fazendo reinações? Pois leia esta página, escrita há uns quatro meses atrás (por favor, não ria de mim):

- Sombras -

Crepúsculo.

Do carro que desliza mansamente pela estrada, contempla a agonia da tarde.

Céu azul-pálido, debruado de branco.

Lá ao longe escancara-se um horizonte cinzento escuro. Aqui, mais perto, há montanhas gris ...

Apenas um rastro longínquo do sol, neste ambiente de cores mortas!

Ausenta-se a luz e começa a domínio das sombras ...

Uma estranha melancolia me invade! Estranha e indefinível melancolia que veio com a lembrança de alguém. Lembrança que me faz muito bem e me faz muito mal!

Paradoxo? Não importa!

Faz-me bem relembrar as suas palavras, que sempre foram diretamente à minha alma, palavras de

compreensão. E, como é difícil, neste Saara imenso, encontrar-se a voz amiga de alguém que nos compreenda!

Faz-me bem a lembrança da sua afeição simples, despida de artifícios.

Mal me enveredo, porém, na contemplação do lado agradável das coisas, desperta-me o som metálico e inflexível de uma voz que vive a perseguir-me, desagradável e insistente como o soar das horas em longas noites de insônia: "Renuncia! Precisas renunciar! Tens de renunciar! Agora, antes que seja demasiado tarde! Não a fazes já? Pior: no futuro sofrerás mais e farás sofrer mais alguém, as consequências da tua obstinação!"

- Mas, por Deus, quem és? O que queres de mim?

- Que quero? Vingo-me de ti, porque me desprezaste sempre! Não querias acreditar em mim, pois eis-me aqui a ditar minhas ordens, que são inflexíveis! Meu nome? Fatalidade! Sou a fatalidade! Teu destino é renunciar! Renuncia! Re-nun-ci-a!

Sinto uma onda de revolta! Porque renunciar, renunciar sempre? Não, não! Não posso mais! Não renunciarei! Não ...

Fito o azul-pálido da imensidade, querendo afastar a lembrança desagradável, mas em vão: as palavras duras, inflexíveis, lá estão, em letras de fogo, a bailar-me diante dos olhos! No horizonte, nas

*montanhas, na estrada, as palavras dançam:
"Renunciar ... agora ... fatalidade ... destino ...*

*O mal que me faz a lembrança de alguém. E a
causa, também, desta melancolia estranha que me
invade neste crepúsculo gris ...*

M. J.

*Não se admire da coragem que tive de mandar-
lhe "isto", sim?*

*É que, folheando hoje um caderninho que estava
quase esquecido, dei com esta página e achei graça.*

Maria José

Prece

*(Inspirada numa "Comunhão" de um Brâmane
convertida)*

Senhor, disseste-me ontem que voltasse a teus pés, e aqui estou, feliz por poder atender ao teu convite!

Como não haveria de voltar, se tu és a luz que dissipa as minhas trevas, a mão que cura as minhas chagas, a suave consolo das horas amargas e o incomparável confidente dos pesares e alegrias?

Que seria de mim - pobre criatura - se não fosse a certeza do teu amparo em todas as horas de minha vida? Como me sinto forte quando, em meio às maiores dificuldades - sejam tarefas superiores às minhas forças ou tentações, incertezas ou sofrimentos - abandona-me inteiramente aos teus cuidados, esquecendo tudo, e tudo esperando de tua bondade infinita!

Mas, apesar de tudo, Senhor, nós, criaturas humanas, somos cegas e temos um coração duro! - Não viste a lágrima que esmaguei ontem enquanto me falavas, e não vês que ainda hoje estão úmidos os meus olhos? E o que terá arrancado estas lágrimas senão a cegueira, e a dureza do coração que se deixa abater, quando sabe que estás sempre pronto a auxiliar os pequeninos?

"Fica tranquila" - foi o que ouvi de ti ontem, quando depunha a teus pés o fardo das minhas incertezas e apreensões. "Aqui estou. Veja tudo. "Não te deixarei."

Fiquei envergonhada de meus vãos temores e decidi-me a confiar-te tudo, tudo, na certeza de que me ajudarás.

Como sabes ler no fundo dos corações, não preciso ser demasiado explícita para que me entendas. Já sabes, por certo, que quero falar-te dessa afeição que, dia a dia, prende mais o meu coração, embora tenha lutado contra ela, receosa das suas consequências. Sinto-me envolver por ela, como se fora um turbilhão que vem tentando aplainar as dificuldades e fazer desaparecer as divergências!

Venho consultar-te sobre o que devo fazer, pois se às vezes me aflige o receio de estar sendo leviana, quando abro o coração a este sentimento bom que me invade, outras vezes surpreende-me a dizer-te assim: "Não é certo, Senhor, que unidos- eu e ele-, seremos felizes? Pois se ambos amamos a ti, e o nosso ideal comum é ver-te conhecido e louvado em todo o universo!"

Só em ti confio para guiar-me nesta encruzilhada em que me encontro! "Não consultarei os "Mestres" da terra. Para quê? Perder-me-ia, talvez, num emaranhado de ideias, se me balançasse a tal.

Não, Senhor, não sei ouvir os filósofos. Só a ti entendo, porque tua linguagem é simples e dirige-se ao coração! Mais ainda: tu não somente aconselhas, mas tomas sobre ti as nossas dificuldades e as resolves sozinha!

*Por isso aqui estou a confiar-te a que me aflige.
Nada mais temerei, porque tudo resolverás por mim!*

*Vês? Já enxuguei as minhas lágrimas, e minha
fronte se desanuviou ...*

*Volta alegre às minhas ocupações e já não me
assaltam os temores.*

Tu resolverás tudo ... tudo ...

Maria José.

Joáima, 24 de abril de 1947.

*Nota: Esta "Prece" foi um desabafo do coração
sofrido, diante de Deus que tenho aprendido a buscar,
cada vez mais.*

Um grande abraço.

M.J.

Teófilo Otoni, 5 de maio de 1947.

Boa tarde, amiguinha, querida.

Aqui estou, após vinte dias de ausência forçada. Não fazia parte do programa. Gostei. Estive até na Divisa, além de Espera Feliz. Pousei uma noite em Caparaó. Tive vontade de ir ao Pico da Bandeira - dista quatro léguas de Caparaó. Mas o itinerário estava feito. Tinha de estar em Presidente Soares no dia seguinte. Lá me forçaram a fazer três palestras aos moços - no Colégio Evangélico - e a dar uma aula de filosofia no curso científico. Nem queira saber que dificuldade, que aperto passei! Salvaram-me a amizade, camaradagem e fraternal simpatia daquela gente cavalheirosa. Assim mesmo saí banhado em suor! "Quem foram que disseram que eu era peão ?!"

Falemos do que interessa.

Quanto ao pedido gentilíssimo da carta de 7 de abril, ia imediatamente dizer-lho ao amigo impaciente e desconfiado. Não sei se dar-se-ia por satisfeito. Conheço-o há longos anos. Quando embirra com uma ideia fixa, o recurso é mostrar-lhe o erro com fatos positivos e clarividentes. Mania, talvez. Talvez egoísmo insopitável. Tenho até pena dele. É mais um defeito que não pode esconder. Contudo, a carta do dia 20, lida a seguir, resolveu em parte a situação.

Por todo este mês, creio, não poderei sair. Veja: dia 11, festa das mães em nossa Igreja; dia 15, "Festa do Feijão" - programa interessante e original, organizado pela Sociedade de Senhoras; dia 20 deverá estar aqui o secretário executivo das Missões Evangélicas Nacionais. Se, porém, ele não vier tão cedo, conforme lhe pedi por interesses locais, terei de ir à Ponta da Areia. Estou em falta com o trabalho de lá. Cartas e telegramas já vieram solicitar minha presença. (Que prestígio, hein? Até Ponta da Areia? Acaso já ouviu falar nesta cidade?) Isto não significa colocar o trabalho acima de uma visita a você. Quem ousaria fazê-lo? Trata-se de um dever a que não me posso furtar. Compreende? Aceita a razão? Você é realmente um anjo!

A carta de Catanduva conspirou contra mim. Torpedeou meus formosos castelos. Não tive culpa. Dura lex, sed lex. Tenho real interesse em vê-la, ouvi-la. mesmo porque

Ninguém te mira
Sem deixar de amar-te.
Ninguém te ama
Sem morrer de amores.

"Sombras" tem forma, tem estilo, tem beleza, tem vida, tem tudo - sentimento, alma! Parabéns!

Um esclarecimento. Qual o objeto da "Renúncia", quem lhe "faz muito bem e muito mal", ou a pessoa

ligada aos seus solenes compromissos? Parece confusa esta linguagem, não é? Explico melhor.

Ontem, no calor do meu entusiasmo, visitou-me um amigo que se ausentara há dias.

- Por onde tem andado? - fui logo lhe dizendo.

- Medina ... Pedra Azul ... Joaíma ...

- Joaíma?!!!

- Sim!

- Quantos dias?

- Quatro.

- Então ouviu dizer ... conheceu ... viu, por acaso...

- Perfeitamente. Algumas vezes. É noiva.

- Noiva?!!! De quem?

- De um viajante que, por sinal, esteve lá, não faz muito.

Esse diálogo martirizante foi longo. Quantas interrogações! Quantas afirmativas peremptórias! Tive a sensação de estar sendo esmagado numa prensa! Súbitas revoltas. Mudanças intempestivas. Vontade de voar, de ser algo etéreo. Ficam-me muito bem suas exclamações substantivas: "Renúncia!" "Fatalidade!" Que cataclismo nos meus sentimentos! Com explosivos assim, só mesmo nervos de aço!

A "dissonância", agora, se me apresenta com linguagem e sentido diferentes. Será possível? Tenho-lhe absoluta confiança. Não acredito. Não é

verdade, hein, Zezé? E se fosse? Se for? Ora, que ingênuo, que infantil eu sou.

Água cantante, como tu, esta alma embrenho nas incertezas de caminhos que não sei ...

E, na inconstância em que me agito, só obtenho esta ânsia imensa de deixar o que já tenho, depois a dor de não ter mais o que deixei ...

Genuíno Menotti del Pichia, em *Juca Mulato*. E como

em certa matéria todo homem é Juca encarnado...

Vou ficando por aqui. Sinto-me horivelmente contraditório, incapaz de vislumbrar uma diretriz segura. É que, ousada e prematuramente, sem licença de ninguém, construí a humilde casinha. Era tudo. Vida de minha vida. Tesouro terrestre. E eis que, inopinadamente, fende-se o mais profundo alicerce! Vendaval? Borrasca? Não. Engano. Lamentável engano do construtor. Ele não conhecia o terreno.

Não me julgue, Maria José, por este arrazoadado desconexo. Problemas. Excessivo trabalho. Talvez seja a causa, talvez. É bem verdade que você trabalha tanto e escreve tão bem! Há humor, candura, suavidade, perfume, ouro, incenso e mirra em suas cartas. Que será? Reflexo da alma? Prática? Experiência?... Sinceramente, não acha que eu deveria escrever em outra ocasião? Em outro dia,

sem o peso terrível das nuvens densas, dos choques,
das angustiosas incertezas? Tenho ímpetos, por
vezes, de não escrever mais. Nunca mais. Tentei
experimentá-lo. Que loucura! Até parece

uma faca que alguém enterra no meu peito,
veneno que se bebe em rútilos cristais
e, sabendo que mata, eu quero beber mais ...

Agora, até que umas tantas coisas fiquem
satisfatórias e convincentemente explicadas, para
que de novo o sol ilumine o horizonte nublado, não
tratarei deste assunto.

Se não houver contraordem em face de tudo
isso, avisá-la-ei, por telegrama, quando me permitir o
Senhor a graça de ver as terras do valoroso cacique
Joaíma!

O amigo de sempre,

Antônio Elias

Joaíma, 15 de maio de 1947.

Antônio Elias:

"Nós temos o dever de julgar todo homem bom, enquanto ele não provar o contrário."

Sirva-me destas palavras para justificar a pergunta que vou fazer-lhe, dando expansão à minha natural indignação: Você tem absoluta certeza de que seu amigo é, realmente, seu amigo? Não desconfia, de leve, ao menos, que ele ficaria muito bem em certa página de "Cruzeiro", ou melhor, no "Álbum" de Péricles? Pois eu tenho minhas dúvidas!

O "caso" é que você deve conhecê-la melhor do que a mim. A amizade, certamente, é mais antiga, e não fora tudo isso, mais me agradaria proporcionar-lhe ocasião de angariar novas amizades que de ver abaladas as antigas.

Mas, apesar de todas estas considerações, como eu gostaria, agora, de encontrar o seu "amigo" e perguntar-lhe por que não foi mais leal! Porque, em vez de dizer-lhe que meu pseudo noivo esteve aqui "não faz muito", não lhe disse que esteve aqui com ele e foi testemunha das três vezes que trocamos palavras banais em encontros puramente casuais?

Admirou-se de ver-me localizar a "noiva" tão depressa? É que você falou em "viajante", e num

lapso de tempo surgiu aos meus olhos toda a trama! Infelizmente, apesar de ter em grande consideração a caridade cristã, por vezes somos forçados a admitir a maldade humana! Quanto veneno!

Sim, não posso admitir que ele tenha feito tudo isso por ingenuidade, e que, sendo amigo particular do "viajante", ignore que o meu caso com ele ficou encerrado em abril de 1946, por ocasião da sua penúltima passagem por aqui.

Se teve a intenção de passar-lhe um trote, "esporte" que aprecia muito (não creio que eu me tenha enganado na identificação do "amigo" (da onça). Se pretendeu brincar, convenhamos que a brincadeira foi de um mau gosto chocante!

Um detalhe: quando esteve aqui, o seu "amigo" foi à nossa casa, na véspera de sua viagem a fim de despedir-se do Alberto e ofereceu-nos os seus préstimos, pois daqui iria a Rubim, onde temos um irmão. "Em conversa, contando um "trote"(!) que passara no Sr. Acúrcio, aí, falou no seu nome, como que sublinhando-a. Tive, então, uma vontade enorme de perguntar por você, pelo simples prazer de falar a seu respeito. Mas sou muito desconfiada: algo me disse que o rumo tomado pela conversa não foi puramente casual, que ele queria "sondar-me" e me contive. Se tivesse perguntado, ele, provavelmente teria repetido a que me disse alguém no ano passado: que você era noivo de certa moça alourada, que

conheci ligeiramente aí. E talvez não ficasse só aí: poderia até ter marcado a data do casamento.

Perdoe-me se faço mau juízo do seu amigo, mas é que há antecedentes que me obrigam a isso, e que terei ocasião de contar-lhe, se as coisas voltarem aos seus eixos. Por enquanto, não direi mais do que isto: tudo não passa de uma criação mesquinha, cuja finalidade não posso atinar bem qual seja.

Não quero forçá-lo a acreditar em mim. Confiança não é coisa que se imponha, já lhe disse.

Não pretendo, também, apresentar-me aos seus olhos com auréola de santa. Não. Sou humana, e como tal cheia de defeitos. Mas aquele, não! Tenha paciência, é monstruosa!

Olhe: confesso que tive um pesar profundo ao vê-la duvidar assim de minha sinceridade. - "Qual o objeto da "Renúncia?"

- "A "dissonância", agora, se me apresenta com roupagem e sentido diferentes ... "Cheguei a revoltar-me! Mas considere depois que seria exigir muito da natureza humana. Procurei compreender as suas dúvidas, e acabei por achar que em seu lugar talvez fizesse a mesmo.

Meu amigo, se ainda existe dúvida em seu coração, investigue, procure saber se o malfadado caso pertence ou não ao passado, e tire as suas conclusões, adotando a solução que lhe parecer mais acertada. Mas, por favor, sirva-se de fonte mais limpa! Cuidado com o "timbó", que envenena a água!

E se, no final de tudo, a dúvida cruel ainda persistir, não hesite mais: arrase a “casinha” sem piedade, não deixe pedra sobre pedra, arranque os alicerces, e depois procure um terreno mais sólido. Faça prudentes sondagens, e aí reedifique-a sem temer as consequências do seu ato. Então, o terreno ingrato será castigado com o abandono: jamais ouvirá o riso alegre das crianças ou assistirá às suas inocentes travessuras. Não se deliciará com o canto dos pássaros, porque ali, mãos amigas não se dispuseram a plantar as árvores em que eles pudessem construir os seus ninhos. O bailado singular das borboletas por entre as flores será espetáculo desconhecido para ele, pois ali não haverá jardim nem flores, conseqüentemente. Talvez alguma flor silvestre, a medo, arrisque-se a aparecer. Talvez nem isso.

E pensar que sua carta me chegou num dos dias em que eu mais precisava que você me confortasse com o seu otimismo, me dissesse que estamos certos, que se enganam aqueles que afirmam que nos arriscamos muito, que jogamos com o futuro!

Tempestades sobre tempestades! Felizmente, nem sempre me deixo abater com facilidade. Às vezes, quando o frágil barquinho parece ser tragado pelas ondas a qualquer momento, ainda encontro forças para lutar, e busco até retirar das dificuldades novas energias e conhecimentos para enfrentar outras tormentas que acaso surgirem!

*É justo o motivo pelo qual adiou a sua vinda.
Seria muito*

egoísmo afirmar o contrário. Em parte, foi bom, pois aguardo a qualquer momento a visita do Inspetor do banco. E como nessa ocasião fico sobrecarregada de trabalhos, teria pouco tempo para dedicar a você. Talvez tenha de ir também a Pedra Azul até o dia 25 deste mês, para fazer recolhimento de saldo e assistir ao casamento da Anésia que se realizará naquela cidade. Mas isto não é coisa certa ainda.

Obrigada pelas palavras gentis a respeito de "Sombras". Embora não tenha feito curso de crítica literária, só posso atribuí-las aos óculos bicolores de efeitos mágicos que você costuma usar quando focaliza a minha pessoa, pois escrevo sem cuidado, sem método, e às vezes simplesmente para "desabafar" com o papel, como no caso de "Sombras".

Acabo de receber seu telegrama. Se a luta interna fosse apenas na China... O convite é tentador. A propósito, não lhe contei ainda que estive quase de malas arrumadas para ir passar a Semana Santa aí. Entretanto, houve força maior, que me impediu de fazer-lhe uma surpresa no dia primeiro de abril. E como não gosto de ficar chorando o irremediável... Agora é que não posso mesmo sair.

Creio que é só, por hoje.

Sua pobre amiga está "com o coração na tipoia".

Adeus. Disponha da

Maria José.

P. S. Resta uma pergunta sua a responder: se não teria sido melhor deixar para escrever em outro dia. Respondo com ênfase:

Não! Nada de disfarces ou recalques! Seja sempre franco e espontâneo comigo, e nunca lhe agradecerei o bastante. Sou amiga das atitudes claras, da naturalidade, e detesto esse falso “controle”, quase sempre de más consequências!

(la deixando aqui um abraço para você, mas lembrei-me a tempo de que você se “esqueceu” de mandar-me o seu, na última carta. E como l’amour ne se paye pour amour (Céus! não terei maltratado o francês?) ...

Maria

Teófilo Otoni, 18 de junho de 1947.

Esta é a oitava carta que lhe escrevo, sem, no entanto, mandar-lhas. A primeira era de dez páginas datilografadas; a segunda, seis; a terceira, quase sete; a quarta... a quinta... Isto parece até brincadeira: escrevo; leio; rasgo! Por quê? Nem sei, Maria José, nem sei. Talvez seja porque há quinze dias venho ensaiando uma viagem a Joaíma!

Ia de avião, na semana passada, até Jequitinhonha. Ia de automóvel com o Paulo do Rosário, que deve estar por aí; ia num sedã que ia! Ia! Esse verbo no imperfeito me faz tanto mal!

Trabalhos de última hora, imprevistos, têm sido a causa de estarmos, ainda, digo melhor, eu andando na lua. Ah! Com certeza são efeitos do eclipse! Serei, acaso, parente do Acúrcio?

Esta semana estava tudo resolvido: Vou mesmo. “E a fala que você precisa fazer no dia 24, no grêmio dos moços, sobre 'Medicina e Religião'”? alguém me lembrou. O "outro eu", aquele que já esteve aí muitas vezes.

No fim do mês tenho e, impreterivelmente, ir a Valadares e Belo Horizonte. Assim vai passando o tempo. Mas não se assuste por isso: hei de ver Joaíma.

Que têm as cartas com isso? perguntará você. Nada, Maria José, nada. Esquisitices assim não as posso ter?

Você se enganou completamente quanto à pessoa do meu amigo. Não se trata de gente de sua amizade, creia-me. Olhe o júízo temerário, hein?

Não concordo com certas coisas de importância mencionadas em sua carta. Dir-lhas-ei um dia. Tenho receio de escrever e a carta não seguir!

Então teve um mês de muito trabalho, hein? Como eu gosto de gente que trabalha!

Tome lá seis milhões de abraços, por enquanto... Até breve.

Antônio Elias

Joaíma, 26 de junho de 1947.

Meu prezado amigo:

Paz e alegria desejo-lhe de coração.

Trabalhava ontem, no banco, quando alguém me pediu que lhe fizesse um troco. Levantei-me, troquei o dinheiro, e me dispus a continuar o trabalho, quando o “alguém” perguntou se eu era a

Maria José. Respondi, um pouco surpresa, mas a surpresa foi muitíssimo maior quando ele me disse que era seu amigo, e a seu pedido veio procurar-me! Quase esfregava os olhos para certificar-me de que não sonhava...

Não acertei bem com as primeiras palavras a dirigir-lhe, mas a sua gentileza salvou a situação, e pouco depois já prosávamos com naturalidade. Falamos de seu trabalho, da sua maneira sui generis de gozar as férias trabalhando, e como respondesse se conhecia São Paulo, ele negativamente à sua pergunta falou-me das belezas de Catanduva, Campinas, Santos. Por fim, ofereceu-se para levar alguma coisa para você, e por isto fiz hoje um “cedinho” para escrever, e vou tentar ainda fazer um doce para mandar-lhe.

Não queria escrever antes de receber sua carta “volumosa”, pois, diante da transformação que tenho notado ultimamente, pressinto algo que me

entristece, e receio ser importuna. Mas, por uma vez, vá lá.

Quanto ao doce, era para ser feito, agora, na casinha, mas a querida casinha ficou exposta às tempestades, de modo que não sei, infelizmente, qual será o seu destino. Assim, vou fazendo aqui mesmo, à espera de que o sol brilhe outra vez, e volte a tranquilidade ao meu coração.

Ainda não consegui interpretar o seu silêncio. Não tenho deixado um telegrama sem resposta, entretanto, quantos dias sem a menor notícia! Quando insisto, fala em “terreno movediço” e... silêncio outra vez. Quem me dera nervos de aço e coração de matéria plástica!

Já disse ao coração: “Bem-feito! Você não quis acreditar que o irmão gêmeo, daquela história, era perigoso, que maltratava e fazia sofrer. Agora não tem direito a queixas!”

É só o que me permite o tempo, hoje.

Como lhe disse por telegrama, estiveram aqui o Inspetor e a Gerente do banco, que, atendendo ao volume de negócios a acertar, em vésperas de balancete, mandaram, para auxiliar-me, um funcionário da agência. Apesar disso, não tem faltado trabalho!

Até breve.

Com saudades, despede-se a

Maria José

Joaíma, 27 de junho de 1947.

Meu amigo:

Estenda a mão à palmatória.

Que sirva de "expição" pelo juízo temerário, tudo o que tenha sofrido nestes últimos dias, uma ou outra lágrima que me tenha traído, por exclusiva culpa - veja agora - da minha leviandade. Teria sido tão simples dizer: "Não é verdade o que lhe disseram, houve engano do seu amigo, foi mal-informado." Mas não o amor-próprio reagiu de forma espetacular, as circunstâncias ajudaram, e o resultado foi aquele ridículo juízo apressado.

Expus aos seus olhos um defeito que até então julgara não possuir.

Bem, razão leve você ao dizer que não conhecia "o terreno", pois se eu própria não o conheço bem. "Entretanto, já lhe disse em uma das minhas primeiras cartas: "Cuidado! As rosas são mais visíveis que os espinhos!"

Antes de receber a sua carta, já descobrira o meu lamentável erro, pois a José Cesário tinha estado comigo mais uma vez e se denunciara.

Acredite: sinto-me pequenina hoje!

não faça a impossível para vir a Joaíma agora, nem pense que vejo com maus olhos o adiamento da visita. Preciso ser razoável e mereço, também, um castigo. Pode esquecer-se um pouco de mim (deve

ser fácil) e atender aos seus deveres, sem receio. Tudo se resolverá, oportunamente, conforme os desígnios de Deus.

Recebi as" seis milhões de abraços", mas chegaram envoltos numa rajada fria que chegou a assustar-me! Acaso procediam de algum dos polos?

Não devo escrever mais hoje. Talvez por ter dormido pouco esta noite, talvez por outros motivos (excesso de trabalho e responsabilidades), sinto dificuldade em coordenar as ideias, a cabeça a rodar, fragmentos de sete cartas a me passarem diante dos olhos, com a lembrança dos assuntos importantes que não puderam vir com elas ... Excuse me.

Para finalizar, um abraço que encerre o calor dos meus sentimentos e a afirmação da minha sinceridade.

Maria José

Teófilo Otoni, 7 de julho de 1947.

Boa noite, minha fada!

...E a história se complica, porque você me enfeitiçou! Tenho, por vezes - não se entristeça por tão pouco - feito uma força gigantesca para esquecê-la. Ando, trabalho, durmo, acordo, vivo com você, no pensamento, é claro. Não se apresse, portanto, em julgar-me, nem fique rubra com essa linguagem. Quero falar um pouco mais. Prepare-se. Se não estiver disposta a ouvir, pare e me devolva a carta. Feito? Então...

Não sei se a amo com absoluta segurança. Sei apenas que você já é parte integrante de minha vida. Não sei se poderemos edificar juntos a encantada casinha. Sei somente que não tenho planos de construí-la com outra. Não sei se após algumas horas ou dias de palestra comigo, teria prazer em continuar; mas sei, por um processo todo particular, que a admiração e o afeto que lhe dedico atingiriam o clímax.

Não parece uma declaração à ginásiano? Ria-se. Não faz mal. Sou recruta no assunto. Mas a ideia está clara, não é?

Tive vontade de passar-lhe um telegrama assim: "Responda franca e definitivamente se aceita direção

casinha". Qual teria sido a resposta? Estará mesmo decidida a lançar a sorte comigo? Sabe bem qual é a minha profissão? Qual seria o seu futuro?

Não estranhe essas perguntas tão abruptas. Quero, de fato, visitá-la. Falar-lhe. Ouvi-la. Viver ao seu lado. Pense. Reflita bastante. Diga depois, sem constrangimento, se convém eu ir ou não. Se for positivo, aí ajustaremos tudo. Sim, tudo. Assim o espero.

Os "beijos" - não é esse o nome dos docinhos? - lembram aquela deliciosa página de Alencar: " ... a virgem dos lábios de mel ... " Bem quisera devolver-lhos pessoalmente, com juro dobrado! Outra vez se assustou? Ora, já é tempo de ir acostumando-se. Afinal, faz mais de um ano que conversamos. Logo, devo ter certos direitos adquiridos.

Não desejo tratar de mais nada nesta noite. Falei além do suficiente para se decidir o destino de duas vidas.

Milhares e milhões de abraços já lhe mandei. Por isso peço licença para mudar, pelo menos só esta vez, o final da carta: beija-a com toda a alma, o "proprietário" (da casinha ...),

Antônio Elias

Joaíma, 20 de julho de 1947.

Bom dia, meu Príncipe Encantado!

Pois nas histórias de fadas, não entra sempre, obrigatoriamente, o príncipe? Logo ...

Olhe: você gosta de histórias de fadas? Pois eu gosto tanto, que vou contar-lhe uma. Começa assim: "Era uma vez, uma fada, que" - mas, não! A história é longa, temas de conversar muito, hoje, e assim a "volume" ficaria grande demais. Mas vou ver se escrevo a história, para guardá-la com outras, que são o fruto das minhas horas de lazer, e talvez lha envie algum dia. Posso contar-lhe pessoalmente, também, se Deus a permitir. Neste caso, faríamos de conta que os tempos de criança tinham voltado. Que tal?

Ah! Esqueci-me de dizer-lhe que a história é inacabada. Encontrei-a num velho livro de contos, cujas últimas páginas a tempo consumira. Desde então me pergunto qual seria o seu final, pois nela há uma feiticeira - sabe o seu nome? Creio que é a dona da voz metálica, que aparece em "Sombras", uma feiticeira, repito, que vive às turras com a fada, cujo poder é menor que o seu! Acha que, logicamente, esta última será vencida? Mas você desconhece a sua resistência, a sua vontade de vencer!

Existe outra singularidade na história: a fada ama um príncipe! Ah! Fadazinha louca! Não sabe que os príncipes são para as princesas?! Já ouvi dizer que uma fada pudesse amar?

Ó, meu amigo, não zombe das minhas fantasias! Afinal de contas, a imaginação é um bom meio de fugirmos da realidade quando ela é meio ingrata! Acaso não teremos conseguido muito, se nas horas escuras da vida ainda contarmos com a capacidade de sonhar? não sei se é a falta de conhecimentos profundos que me obriga a imaginar o que não consigo compreender ou deduzir logicamente. O fato é que encontro um prazer estranho em dar asas à imaginação.

Mas ... sou obrigada a voltar à realidade! Aqui me tem, pronta a responder às suas perguntas. Perguntas, perguntas, sempre perguntas! Ao alcance da minha vista, sempre há interrogações. Mas se pergunto, não me respondem/ Ou estarei enganada? Ah! Deve ser isto: às vezes alguém me responde, mas este alguém é a Razão, e a sua voz, que é estridente, desagrada-me. Por isso não quando o que me diz! Só me apraz ouvir o Coração, mas este não merece confiança, pois não é bem ajuizada!

Vou começar respondendo a sua carta do princípio Queria que estranhasse quando você disse: ando, vivo etc., etc., com você"? Ora, meu amigo, isto não é novidade para mim, que tenho um inquilino com

"direitos adquiridos" em meus pensamentos, e não os abandona em hipótese alguma!

E se lhe dissesse que também fiz uma força enorme para esquecê-lo? Mas tudo conspirava contra mim. Até o rádio, quando o ligava, tinha de apresentar-me um programa de valsas/ Quando senti que me faltavam energias para tanto, disse ao Senhor, numa prece ardente, que, por mim, me confessava vencida. Que ele, então, se visse que caminhávamos para um abismo, fizesse cair entre nós uma barreira -e eu respeitá-la-ia! Ai de mim, que nem a palavra empenhada soube cumprir, pois quando surgiu algo semelhante à temida barreira - e foi a indiferença de uns dias atrás, precedida de uma tempestade - atirei-me a ela sofregamente, procurando destruí-la, só atentando no que fazia depois de a ter feito! Viu que beleza de autodomínio?

Pergunta-me se sei qual é a sua profissão. Sim. Antes de conhecê-lo pessoalmente, já sabia! Esta pergunta, como vê, foi fácil. Quanto à outra: qual seria o meu futuro, peço-lhe que me ajude a respondê-la, depois que, por minha vez, lhe perguntar alguma causa! Sim, eu também sei perguntar! Lembra-se de me haver dito que adquirira o hábito de perguntar, pelo fato de lecionar de vez em quando? Pois eu também já lecionei! & como gostava da profissão! Mas isso não vem ao caso. Já me enveredava para a brincadeira, quando o assunto é seríssimo, pois joga-se a futura de duas vidas!

Chegou a minha vez de perguntar, e agora vejo quanto já fugi ao assunto, por mais de um ano, em parte por achar que, sendo "delicadíssimo" e "demasiado complexo" (lembra-se?), só poderia ser discutido face a face. Em parte, com receio de levantar a cortina e assistir à morte das minhas ilusões!

Eis as perguntas você sabe que sou católica? Que pratica a minha religião com carinho e que a coloco acima de tudo na vida? Sei que o mesmo acontece a você, com relação à sua, e receio que seja este o mais sério problema que defrontamos, pois se um de nós fosse indiferente sobre este ponto, talvez se tornasse tudo mais fácil!

Não quero, com isso, dizer que sou intolerante, que me aferro ao princípio de que "só presta o que é meu", absolutamente! De- testo a atitude hipócrita de quem quer que seja que não admita outro ponto de vista que não seja o seu. Conheça pouquíssimo a sua religião, porém, o suficiente para respeitar-lhe os princípios e até admirar algumas de suas faces, sem que isso signifique veneração aos princípios em que fui educada, e que têm raízes profundas em minha alma. Alguém talvez chame a isso-acender uma vela a Deus e outra ... "Eu, porém, adoto essa norma de vida por achar que não devo ser "impermeável", mas trazer as janelas abertas para que a mente e os pensamentos sejam "arejados".

Desde que a minha afeição por você começou a crescer, a ponto de ver-me obrigada a afastar a palavra "impossível", que me norteara até então (isso data, mais ou menos, da época em que você apontou a "amiga da onça"), quando tive de admitir uma possibilidade, remota, embora, de unirmos as nossas destinos, serviu-me de base a exposto acima e - sobretudo -, o fato de procedermos do mesmo tronco: o Cristianismo, e de possuirmos, como afinidade, o mesmo amor vivo e ardente ao Cristo, a mesma admiração pela sua doutrina, o mesmo desejo de vê-lo conhecido e glorificado!

Pode ser, porém, que isso não seja o bastante. Que não pese, também, na balança, o fato de admirá-lo profundamente, de sentir grande confiança em você, de descobrir afinidades em pontos de vista, desde o fato de ambos não gostarmos de fox e apreciarmos, ambos, a valsa, lembra-se? Tudo pode ser, pois os meus poucos conhecimentos limitam-me demasiado o horizonte. E é por isso que lhe peço que me ajude a resolver se você deve vir ou não! Você sabe o essencial, isto é, que embora tenha aprendido a pôr dúvidas sobre a identidade desse sentimento que se apresenta com o nome de Amor, tudo me leva a crer que realmente gosto de você. Ajude-me, pois, a tirar uma conclusão, pois se começo a pensar demasiadamente nisso, receio enlouquecer!

Acolherei de bom grado, creia-me, qualquer que seja a sua opinião. Cheguei a um ponto, que acho que

só nós dois, com a auxílio exclusivo da graça divina, poderemos resolver o nosso caso. Já tentei ouvir opiniões alheias, mas foram tão contraditórias e superficiais, que logo as recusei.

Ai, tem, pois, quase tudo (diria muito mais, se não fosse a necessidade de resumir, resumir, para passar ao papel). Passa as chaves para as suas mãos, pedindo a Deus que o ilumine, e a você, que pense e reflita, para responder-me, como me pedira, sem nenhum constrangimento. Se achar que poderemos conciliar os nossos interesses, não para uma união fictícia, mas para uma verdadeira comunhão de duas vidas, em que sejamos confidentes recíprocas " verdadeiros amigos, agradeçamos ao Senhor e procuremos "edificar juntos a encantada casinha". Se, ao contrário, concluir que enveredamos por caminho errado, voltemos atrás enquanto é tempo!

Só duas coisas lhe peço: 1) Que a resposta a essas perguntas tarde o menos possível, a fim de ser abreviada esta "agonia lenta"; 2) Se for desfavorável o seu parecer, em face do exposto, não desça a detalhes, para explicar-me por a mais b que estamos errados. Diga simplesmente, por carta ou telegrama, que a feiticeira da história venceu a fada, e pronto! Então procurarei ensinar a fadazinha a sonhar, a imaginar, a criar uma porção de histórias bonitas, até que os fragmentos do seu coraçãozinho tenham sido unidos por esse poderoso "cola-tudo" que se chama - tempo!

Finalmente, não me acuse de haver fugido à resposta franca às suas perguntas. considere que elas foram pesadas, e ... seja cava- Cheira Ajude-me, pois mais do que nunca me sinto como uma criança desamparada!

E agora, meu amigo, afastemos para um lado esse assunto que pesa como chumbo, e, para finalizar, falemos de algo mais leve, como se nada houvesse a preocupar-nos seriamente.

Por exemplo, fiquei enormemente surpresa ao verificar que você sabia o nome dos docinhos! Sim, senhor, pois o que sempre observei em casa, foi que, os homens, em geral, gostam de doces, mas são incapazes de distinguir pelo nome os mais conhecidos! Pois se até eu, que aprendera a receita de minha cunhada, só vim a saber a nome, agora, quando os preparava para você e tive dúvidas sobre a medida do açúcar, sendo obrigada a consultar o Dona Benta! não pense que minto: é a pura verdade!

Cumpre-me dizer-lhe, agora, que se você realmente aprecia os docinhos que faço, serei feliz se puder oferecere-los por toda a minha vida!

Carinhosamente despede-se a sua

Maria José

Joaíma 28 de julho de 1947.

Bom dia, meu amigo!

Que tenha sempre a acompanhá-lo as bênçãos do Senhor, é a que lhe desejo de coração.

"Faça-se a santa vontade de Deus" - foi esse admirável ensinamento cristão que me devolveu, antem, a paz, quando estava contrariadíssima com a demora de minha última carta, cuja resposta esperava que viesse bem depressa, para "abreviar esta agonia lenta", como lhe disse na mesma.

"Faça-se a santa vontade de Deus" - disse-me a voz do locutor, ensinando-me a ser mais desprendida, a confiar mais um pouco na proteção divina! Isso foi à noite, quando, sem ânimo para sair, fiquei ouvindo rádio. Mas, você também ouviu aquele programa? Pois tive a impressão de que estivesse ali, ao meu lado, ouvindo também aquelas palavras que me trouxeram tanta paz!

É preciso paciência para esperar as idas e vindas dessas cartas! Para você, é só entregar ao correio e é quase certo que em oito dias, mais ou menos, chega às minhas mãos. O mesmo não acontece comigo, pois se mandar por Jequitinhonha (agora, que não há correio aérea), a carta irá por Araçuaí, que é por onde vêm as suas. Mas, em vez de oito dias, gastará, talvez, o dobro ou mais, pois irá, então, rio acima, de

canoa! Por Águas Formosas, já sabemos como é quase um mês! Assim, tenho de esperar uma pessoa certa, que vá a Teófilo Otoni. Foi o que fiz agora, mas a pessoa a quem confiara a carta foi obrigada a ficar, à última hora, e passou-a às mãos de outra, que daí prosseguiu viagem para Belo Horizonte. Conclusão se não recebeu a até hoje, é quase certo que ela foi passear mais adiante. Mas, ainda pode chegar.

Esperemos.

Para não atrasar mais a resposta, resolvi escrever novamente. Menos que naquele dia (20), pois era domingo e pude passar quase a dia todo escrevendo. Foram seis folhas, quase sem margem, e letra miudinha! Fantasiei muito, também, pois escrevi do "Pais dos Sonhos" ou "Reina Encantado", nem sei mesmo de onde.

Hoje serei mais "resumida" (aprendi a expressão).

Da sua carta pude deduzir o seguinte: você quer encontrar-se comigo, mas acha que, para vir a Joaíma, precisa, antes, de uma resposta decisiva. Em parte, é justa a sua pretensão, pois bem sei como domina o preconceito em lugares pequenos, de preferência, e assim, talvez tivéssemos um pouco cercada a liberdade de discutir os nossos problemas-como direi? - "sem compromissos". Mas, aí é que está a círculo vicioso: necessidade de um encontro antes da resposta decisiva. não acha que seria temeridade tomarmos uma resolução definitivo assim de longe, sem uma longa conversa sobre "qual seria o nosso

futuro"? Sei qual é a sua profissão, e você sabe, também, (assim o creio), que sou católica (sobre este assunto, falei longamente na carta de 20, e não quero estender-me mais, agora). Penso que a "dissonância" merece um exame mais cuidadoso. Conseguiremos sobrepor-nos a ela? "É bem verdade que se fosse ouvir apenas o coração, dir-lhe-ia, afoitamente, que sim! Mas gostaria que você me dissesse com franqueza, como encara a questão. não é difícil fazê-lo por carta?

Você me disse que não sabe se, após algumas horas ou dias de palestra consigo, teria prazer em continuar. Por quê? Que pretenderá dizer-me assim, que possa abalar as minhas convicções ou desvanecer os meus sonhos? Sim, pois quantas vezes já me surpreendi a pensar que seria feliz se cada dia de trabalhos, lutas, derrotas e vitórias, pudesse findá-lo conversando com você, fazendo-o participar das minhas alegrias e pesares, recebendo, em troca, as suas confidências! E tudo poderia ser desfeito com algumas palavras, apenas? Ou interpretei mal sua frase?

Bem vê, meu amigo, que, se pretendemos construir algo, não podemos prescindir de um encontro. A distância só é boa auxiliar quando se trata de desfazer: sofre-se menos. Mas tenho otimismo suficiente para crer que, em nosso caso, há fatores que nos podem conduzir à vitória.

Logo: ou nos encontramos em Joáima, para discutirmos pontos de vista, e, no caso de descobrirmos reais afinidades, consolidarmos a nossa felicidade, ou prolongaremos, até que eu consiga sair, este estado de incertezas, discutindo por carta, apenas, os nossos problemas, buscando solucioná-los a distância (o que acho difícil). Você aponta outra solução?

Aí está, em traços rápidos, o que penso deste caso. Peço-lhe que diga com franqueza se está de acordo comigo, quais os seus receios etc.

Ó, distância, distância que me dá a impressão de ver "congeladas" as minhas palavras, como dizia a "garganta" da anedota, falando do frio que fazia em sua terra! Não tem razão a trova que diz, que "quem inventou a distância, não entendia de amores"?

Bem, meu amigo, creio que, como apêndice ao "jornal" do dia 20 (nele foi até um conto de fadas ...) é suficiente o que disse aqui. Também, o papel já não me serve de intérprete fiel. Acho que fica sempre algo a dizer ...

Se tivesse boa voz, procuraria traduzir o que sinto, cantando baixinho, para você, aquela canção mexicana que diz assim:

*Quiero verte una vez más
Estoy tan triste ...*

*Mas acontece que, como cantora, sou uma
negação.*

Até breve.

Carinhos e saudades da sua

Maria José

Teófilo Otoni, 11 de agosto de 1947.

Maria José!

Viva!

"Impossível" - palavra que deve desaparecer por completo de nossa mente. De acordo?

Arrumei no avião-correio uma passagem até Jequitinhonha. Deveria ir na próxima quinta-feira. Hoje desisti! Estamos construindo uma Igreja. Estará pronta em meados de setembro. Tudo está sob meus cuidados. Perdoe-me a falta de modéstia. Enquanto não for inaugurada, terminantemente não poderei sair. Por isso, quando você ameaçou vir: que susto! Foi tamanha a alegria que "certos indiscretos" me diziam: "Tirou a sorte grande?" - "Sim. Isso se deu há tempos. Porém vou receber o prêmio por estes dias, era minha resposta. E estes dias começam a desapontar-me.

Logo após a inauguração da Igreja, provavelmente na última semana de setembro, preciso cumprir uma solene promessa. Promessa? Que há de mais?! Também as faço. Leia a cartinha anexa. Veio em boa hora. Você disse acreditar em mim. Nesse caso, a cartinha ser-lhe-ia mais um motivo de confiança. Não admire a linguagem do colega.

De qualquer maneira, Joáíma está no meu programa. Em outubro gostaria de ir a São Paulo visitar a família. É claro que desejo palestrar com você face a face antes mesmo de ir a Resplendor. Como? Parece absurdo, não me leve a mal pela franqueza. Acho, pelo menos agora, mais fácil você vir. Se concordar, venha sem demora.

Não estou com muita disposição de discutir o assunto por carta. É difícil e longo. Tenho medo de, fascinado pelos encantos da Fada, não poder raciocinar com clareza!

Com a chave que, generosa e confiantemente me passou às mãos (obrigado, Princesa!), só poderei revelar o seguinte: temos, de fato, um grande denominador comum: Cristo! Trabalhamos e vivemos pela grandeza do seu reino aqui na terra. Graças a Deus que você pensa assim! Mas os meios e os métodos que aceitamos são divergentes. Temos de anunciar o Senhor seguindo ambos a mesma estrada. Meu ardente ideal é fazer da "casinha" um protótipo do lar de Betânia, onde o divino Mestre se sentia bem, e podia refazer-se das suas caminhadas e das críticas mordazes dos fariseus e falsos doutores da Lei! Fazer da "casinha" uma tenda missionária, uma fonte de luz e paz para os seus habitantes e para todos quantos dela se aproximarem, um pequeno e humilde oásis no meio do imenso e causticante deserto da incredulidade humana! Isto somente será possível com uma ajudadora de visões largas,

"janelas abertas", cristã de fibra, não de rótulo. De espírito paciente, sofredor, dócil, meigo, humilde, capaz de sacrifícios e de renúncias, a fim de que o Senhor Jesus seja em nossa vida realidade absoluta. Você não é "intolerante"; nem eu. Falemos, pois, com coragem, na certeza de que, "se ambos te amamos e nosso ideal comum e ver-te conhecido e louvado em todo o universo", claro está que a "casinha" em breve será construída!

Fico com a chave para mostrar-lhe a casa toda pessoalmente.

Abraça-a e não a esquece,

Antônio Elias.

P.S. Quando dependemos de organizações, devemos esperar somente aquilo que elas podem fazer. Quando dependemos de educação, devemos esperar somente o que ela pode fazer. Quando dependemos do homem, devemos esperar somente o que ele pode fazer. Quando dependemos de Deus, devemos esperar todas as coisas que ele pode fazer. E ele faz tudo para o bem dos que o amam sinceramente.

Em tempo: conto certo com os "beijos" por toda a vida.

Ant.

Teófilo Otoni, 11 de agosto de 1947.

Boa noite, Zezé.

Escrevi-lhe, hoje, uma carta às pressas. Tinha de ir a uma fazenda - a quilômetros daqui - e não queria deixar para mais tarde. Voltei há pouco. Não resisti à vontade de falar de novo com você. Feiticeira, hein? Sim. Eu que o diga! Quem devo preferir, a Feiticeira ou a Fada? Se eu ouvir o coração, a Fada; a razão, a religião, a Fada. Sou protestante. Nada de feitiço.

Ia-me esquecendo de que, positivamente, não desejo resolver por escrito o que nos preocupa há largos meses. Não! Façamos de conta que as montanhas já foram escaladas, vencidos todos os obstáculos. Reina entre nós compreensão recíproca. Existe afinidade, moral e espiritual. Estamos, pressurosos, fazendo os últimos reparos nos planos, para que num futuro bem próximo, humilde, graciosa, feliz, reponte, sobre a Rocha dos Séculos, nossa casinha querida! Feliz, completamente feliz, eu serei então!

Boa noite, meu anjo!

Antônio Elias.

Teófilo Otoni, 14 de agosto de 1947.

Alô, princesinha dos meus olhos. Bom dia!

Não sei se terei a felicidade de alcançar o avião-correio. Acordei muito tarde. Que maçada!

No dia 11 escrevi-lhe duas cartas, uma de manhã, outra à tarde! Disposição, hein?

Ando doente de vontade de falar-lhe! Francamente, você me enfeitiçou! Isso é maldade, fadinha. Vida ou Feiticeira? Ai! Que cerco! E se eu continuar, adeus avião. Creio que este bilhete vai chegar antes das cartas.

Abraços do

Antônio Elias.

Confiança em Cristo

(Traduzido e adaptado de um hino finlandês)

Descansa, ó alma, eis o Senhor ao lado;

Paciente leva, e sem queixar-te, a cruz.

Deixa o Senhor tomar de ti cuidado:

Ele não muda, o teu fiel Jesus!

Prossegue, ó alma: o amigo celestial

Protegerá teus passos no espinhal!

*Prossegue, ó alma, o trilho é estreito e escuro.
Mas no passado Deus guiou-te assim!
Confia agora a Deus o teu futuro,
Que esse mistério há de aclarar-se enfim.
Confia, ó alma; a sua mansa voz
Ainda acalma o vento e o mar feroz!*

*Confia, ó alma: a hora vem chegando,
Irás de Cristo, o teu Senhor, falar.
Sem dor nem mágoas gozarás cantando
As alegrias de um celeste lar.
Descansa, ó alma; agora há pranto e há dor.
Depois o gozo, a paz, o céu de amor!*

"Que esse mistério há de aclarar-se enfim" ...
Abraços e até logo.

A. E.

Teófilo Otoni, 16 de agosto de 1947.

Maria José:

Bom dia!

Estou lhe mandando um exemplar do Evangelho de São João - *A Vida mais abundante*. Gostaria que o lesse imediatamente, sem pular uma linha. É uma majestosa apresentação da divindade do Senhor Jesus.

Precisamos falar muito, muito mesmo. Por enquanto vou resistindo à tentação de escrever. Mas, com que luta!

Abraça-a com saudades atômicas o

Antônio Elias.

Joaíma, 21 de agosto de 1947.

Antônia Elias:

Meu abraço saudoso.

"Se concordar, venha sem demora." Claro que concordo! Há muito tempo que não desejo senão "voar" até aí para ver solucionado a nosso "caso" tão complicado! Mas, como fazê-lo? Estou tão presa em Joaíma quanto você em Teófilo Otoni! Fiquei sozinha à frente do "Bemca", e um dever imposta pela amizade obriga-me a estar aqui, até que o Dr. Fidelcino cheque para resolver a situação. Esperávamos que ele viesse na semana passada (como lhe telegrafei), mas depois de ter vindo até aí, teve de voltar a Belo Horizonte, onde se demorará ainda, pelo menos oito dias! Isso tem sido um martírio para mim, acredite-me, e mais porque pesa na balança o fato de não ter amor à profissão.

Fique certo, porém, de que uma folga de oito dias, pelo menos, que consiga, rumarei a Teófilo Otoni, sem perda de tempo!

"E a história continua assim: "Depois, a feiticeira encerrou a príncipe em um castelo, a fada em outro, e, tendo ocultado suas chaves em lugar seguro, pôs-se a rir perdidamente (um riso que tal não parecia, visa de megera), dizendo assim: "Agora, vamos ver quem pode mais!"

Sem comentários ...

Encontrei uma frase, em sua carta, susceptível de ser interpretada de duas formas, o que me deixou levemente preocupada. Foi esta: "Temos de anunciar o Senhor, seguindo ambos a mesma estrada". Quer apontar-me a sentido exato, ou prefere fazê-lo quando tiver de "mostrar pessoalmente a casa"?

E a preocupação foi aumentando à medida que você ia dizendo que precisava de uma ajudadora de "espírito paciente, sofredor, dócil, meigo, humilde, capaz de sacrifícios e renúncias" ... Tive ímpetos de tomar emprestada a lâmpada daquele grego (Diógenes?) para sair com você ajudando-o a procurar essa maravilha! & sabe Deus se a acharíamos, mesmo de lâmpada acesa em pleno dia!

Olhe: achei-o excessivamente otimista em sua carta (teria sido para agradar-me?): "Claro está que a casinha em breve será construída!" é o que desejo de coração, meu amigo, mas não convém acenar-me com o paraíso, quando a estrada para lá acha-se ainda juncada de espinhos e empecilhos difíceis de serem transpostos! Se o casamento, por si só, é um problema a ser resolvido. exigindo muito desprendimento de ambas as partes, que não será quando se caminha para ele tendo, já, pela frente, um problema de enormes proporções? não estou desanimada: a palavra "impossível" foi, mesmo, riscada. Mas quero colocar as coisas em seus devidas lugares.

Com muito entusiasmo apresentei a ideia do diário. Seria uma forma de prosar diariamente com você. Mas depois fiquei pensando se não seria desumano "impingir-lhe" o conhecimento em seus detalhes, de uma vida banal, vazia. E senti-me desanimada.

Fiquei devendo ao seu colega uns largos momentos de bom humor! Ri, a mais não poder, imaginando "a bocarra da noite mastigando o Pão de Açúcar". Achei interessantes, ainda, as observações sobre a "vida solitária" e tive vontade de convidá-lo (ao seu colega) para ajudar-nos a procurar a criatura perfeita que faça companhia à sua solidão.

Mas vou terminar, pois à falta de portador direto, resolvi mandar a carta par Jequitinhonha, a título de experiência, e a pessoa que vai levá-la está à minha espera.

Até breve.

Com um abraço, muitas saudades da

Maria José

Teófilo Otoni, 26 de agosto de 1947.

Maria José!

Boa noite!

Está aqui no hotel, de passagem para o Rio, vindo de Estância - Sergipe - um ilustre sacerdote, Monsenhor Antônio de Freitas. Jantamos juntos, ele, Acúrsio, Raymundo - filho de D. Maninha - e eu. Falaram bastante sobre vários assuntos, sendo, porém, ponto central, religião. Várias vezes o distinto sacerdote declarou em alto e bom som: "Sou padre há 25 anos. Nunca ataquei ninguém, principalmente protestantes. (Obrigado!). Admiro-lhes a vida e a grande paixão que têm pelo Cristo", "Pena é", disse-lhe também repetidas vezes, "que o Sr. não possa dizer isso a todo mundo!" Sinceramente desejei sua presença e contribuição à palestra.

O bispo de Caratinga esteve recentemente em Valadares. Exortando as moças e moços católicos, disse-lhes: "Muito cuidado com vosso futuro! Não vos mistureis com os heréticos. Mas, se quiserdes fazê-lo, preferi, então, os protestantes". (Apoiado! Muito bem! Obrigado!). Sem nenhuma alusão.

Viajo na próxima segunda-feira para Resplendor. O colega tanto escreveu e telegrafou, que me

convenceu. Eu sou assim. Se insistem, aceito. Talvez seja por isso que ainda não fui a Joaíma.

Anseio por sua carta, minha querida amiguinha. Tenho, até, me impacientado. Que dirá ela? Teremos dado mais um passo para frente? Concordaremos, enfim? O Senhor, em quem confiamos, dirá a última palavra,

Transbordantemente saudoso, abraça-a o

António Elias

Teófilo Otoni, 28 de agosto de 1947.

Salve, Maria José!

Queria escrever para você um esboço dos princípios que os evangélicos aceitam e defendem. Por cúmulo da felicidade, veio-me da Bahia - gentileza de um colega - *O que cremos*. Vai anexo. Em síntese admirável, verá as doutrinas pelas quais vivemos e lutamos. São exclusivamente bíblicas, por isso sublimes e eternas!

Leia com atenção e carinho *O que cremos*. Diga depois o que pensa, e se está disposta a aceitá-las e vivê-las para honra e glória do Senhor Jesus. E diga também se. . .

Hoje já é quinta-feira. Nada de carta nem de diário. Nessa marcha, creia, 56 os lerei na volta de Resplendor. Se isso acontecer, que martírio, meu encanto!

Vulcanicamente saudoso, abraço-a com votos de que o Senhor a abençoe, ilumine, dirija e guarde-a para os esplendores de sua felicidade.

Sinceramente

Antônio Elias

Joaíma, 28 de agosto de 1947.

Querido amigo:

Tenho em mãos sua segunda cartinha do dia 11 e o retrato. É tarefa difícil descrever-lhe a alegria que me trouxeram!

Sobre este último, leia o que escrevi hoje no diário. Quanto à carta, espero que, de ora em diante, empregue sempre horas vagas, à noite, para fazer outras semelhantes, pois foi uma das melhores que tenho recebido! Ela mostrou-me novos horizontes, ensinou-me um outro "abre-te-sésamo" capaz de proporcionar-nos a posse de grandes tesouros! Sim! "Façamos de conta"! Por que nos consumimos tanto assim com o que está por via? não adianta vivermos assustados com a fantasma do futuro, do momento em que teremos de descobrir se é uma só a estrada que temos a nossa frente! Viva- mas a momento presente em toda a sua plenitude, "fazendo de conta" que tudo está solucionado! Não é verdade que sonhar é uma coisa adorável?

Então não mais tentarei sufocar a plantinha tenra que certo jardineiro plantou em meu coração: ela que se desenvolva como achar melhor! Depois ... que me importa depois? Talvez à sua sombra tudo se resolva mais facilmente um dia!

Muito a propósito, não só do que acabo de dizer, como da sua pergunta sobre se deve dar preferência à Fada ou à Feiticeira, lembrei-me de um filme fantástico que vi em Belo Horizonte há uns três anos, e cuja enredo conserva de memória, por ter me agradado muito. Trata-se de Casei-me com uma feiticeira.

não posso furtar-me ao desejo de reconstitui-lo em traços largos, para você, arriscando-me, embora, a ouvi-lo dizer: "Ora, eu também já o vi".

É mais ou menos o seguinte:

Em certa noite de tempestade, um raio abateu um carvalho secular, que fara plantado sobre as cinzas de dois feiticeiros, um velho e sua filha maça, que desde então se viram livres e saíram a vagar pelo mundo, sob a forma de tênue fumaça.

Ao passarem, certo dia, por um casal de namorados, a feiticeira manifestou o desejo de readquirir sua forma de criatura humana, para fazer com que alguém se apaixonasse por ela! O pai fez-lhe, então, a vontade, provocando, para isso, um incêndio em um grande hotel, no qual, ela se transforma em Verônica Lake, e é salva das chamas por um elegante cavalheiro!

Bonito, alinhado, ele é o tipo que ela imaginara! Logo, escolheu-o para "vítima", e foi empregando todos os meios ao seu alcance para fazê-lo interessar-se pelos seus encantos, o que ia conseguindo. Achando, porém, que devia precipitar

os acontecimentos, conseguiu do seu pai a receita de um "filtro" que tinha a propriedade de deixar a pessoa que o tomava profundamente apaixonada por quem lho oferecia.

Preparou-o sol a forma de refresco, que seria oferecido ao namorado, mas, enquanto eles prosavam na sala (a casa era mal-assombrada), um quadro desprendeuse da parede, caindo sobre a cabeça da feiticeira, que perdeu os sentidos; ele, o galã, correu, aflito, à procura de algo que a reanimasse, e encontrou um copo de refresco, numa linda bandeja.

"Como deve ter adivinhado, " feitiço virou contra a feiticeira" que se apaixonou perdidamente pelo namorado!

Casaram-se e eram imensamente felizes, quando chegou a dia em que, segundo as leis da feitiçaria (?!), ela havia de morrer, ou perder a forma de criatura humana. Seria à meia-noite em ponto! A pobrezinha sofria, sabendo disso, pois já não se interessava pelo feitiço, mas vivia unicamente para seu amor! Acabou revelando tudo ao marido, que a idolatrava também.

Era indescritível a dor de ambos! Quando os ponteiros do relógio se aproximavam da hora fatal, eles se abraçaram como se buscassem amparar-se mutuamente!

Momentos de intensa emoção! Os ponteiros se encontram ... separam-se novamente... e... eles não compreendem por quê. Passou a hora tão temida e

ela ali está, viva e bela como antes! Que teria acontecido? ¿ a poder da feitiçaria?

"Ah!", ela exclama finalmente. "Compreendo tudo! Foi a poder do amor! O amor venceu a feitiçaria, pois é mais forte que tudo, até que a própria morte!"

Aí está a história como ma conservou a memória. Rimou. mas é verdade?). Deve estar cheia de falhas, mas é mais ou menos assim.

Gostou?

A moderna feiticeira, porém, (a da sua imaginação) não possui a receita do filtro mágico, e tem ainda a desvantagem de ver muito limitados os seus poderes! Mas só deseja poder exclamar como a outra, um dia: "O amor ajudou-nos a encontrar a mágica fórmula de uma conciliação!"

E aqui um ponto final.

Vou empregar todo o meu poder (de feiticeira) no sentido de obrigá-lo a escrever mais frequentemente!

Um esclarecimento: não se impressione muito com a minha última carta, em que chamei-o de "excessivamente otimista". Agora, eu também já sei "fazer de conta".

Com a mais saudoso abraço, despede-se a

Zezé.

P. S. No momento não tenho um retratinho recente que sirva para mandar-lhe, mas encomendei filmes

para nossa Kodak e logo que cheguem, mandarei alguns.

A mesma.

Teófilo Otoni, 30 de agosto de 1947.

Boa noite, Zezé!

Estou chegando de uma fazenda onde temos trabalho. São somente 23h45! Para amanhã, meu programa é enorme. Segunda, viajo. Quis dizer-lhe uma palavrinha antes de tudo.

Carta, nada! Diário foi procurá-la. Devo regressar no dia 10. Até lá, que agonia! Vai mal, minha Fadinha. Muito mal. Enfim, como diz La Rochefoucauld: "A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, assim como o vento apaga as candeias e acende o fogo". Pena é que você faça suas reservas.

Não lhe pergunto como tem passado, o que tem feito, o que resolveu etc., porque espero ver e saber tudo no "Diário". Se ele me ocultar algo...

Boa noite, querida! Que o Senhor a reserve para um formoso vaso de bênçãos. E perdoe-me a sinceridade, mas não posso dormir sem beijá-la.

Antônio Elias.

P.S. Tive a tentação de mandar-lhe anexa a cartinha do colega. Vaidade? Talvez. Que fique, porém, somente entre nós. Aliás, como se vê, ela não é um elogio ao meu humilde opúsculo, senão

propaganda do livro: *Cristo ou Barrabás*? Não. Meu talentoso e amável colega não foi hábil no método. Contudo, farei a propaganda.

E se quiser tolerar mais uma impertinência... Bem, abraçá-la-ei, apenas. Não lhe quero perturbar o sono.

A. Elias

Resplendor, 4 de setembro de 1947.

Maria José!

Que é que há? Porventura está zangadinha
comigo?

Não me faça isso, querida, nem por sonho.

Poderá explicar a razão de tamanho silêncio?

Agradecido.

Abraços do

Antônio Elias

Joaíma, 8 de setembro de 1947.

Meu amigo:

"Envio-lhe hoje mais algumas páginas dos "Serões em nossa casinha".

Espero que você não repare as falhas de que estão cheias, mas, ao mesmo tempo, faça a sua crítica e apresente sugestões, como de professor para aluna. Não renunciei à ideia de entrar para a sua classe, e assim poderíamos começar já, não é mesmo?

Agora diga-me: por que não deu notícias até hoje? "Excesso de trabalho? Tenho sentido muitas saudades, e cheguei a redigir mais de um telegrama para você, enquanto esperava o endereço ... que não veio até hoje!

Mas creio que tenha sido por motivo justo, e não fico zanga-da. Só um pouco intranquila!

Suas cartas não chegaram até hoje. Foi só dizer que eram oito dias certos, para ficar de mentirosa. Gostaria que você experimentasse mandar pela OMTA, sobrescritando aos cuidados de Francisco Sena Kangussu, em Jequitinhonha, para dizer-lhe, então, a resultado. (Francisco é amigo, e costuma "agenciar" nossa correspondência aérea. "Que tal uma prova?

Agora vou trabalhar um pouco.

Muitos abraços e saudades da

Zezé

*P.S. Este é o terceiro "volume" que envio durante
a sua ausência Acuse recebimento*

A mesma

Teófilo Otoni, 11 de setembro de 1947.

Zezé:

Chequei ontem, delirando de saudades! Encontrei apenas à minha espera um telegrama do dia 30: "Feliz viagem" e a "carta volumosa" do dia 28. Por onde andarás a outra a que se refere? Porventura foi procurar aquela perdidinha de amores que se extraviou no ano passado? Talvez ... Esperarei mais dez dias. Se não aparecer, exijo segunda via com notas marginais, *post scriptum* etc., sob pena de abalançar-me daqui, tomar um teco-teco (que risco!) e ir a Joáima destruir tudo, tudo ... que nos coloca tão distantes! Distantes? Claro, Clarividentíssimo. Prova? Ei-la.

Ausento-me uns longos dias. Chego esfalfado de um trabalho intenso. Saudoso, apaixonado, ardendo em febre afetiva (cuidado com o incêndio!), entro. Empoeirada e vazia, sem calor, sem luz, sem vida, encontro a nossa casinha! Vazia! Apenas uma carta e um telegrama transmitidos de Joáima. Joáima! Isto, então, é vida? Está certo? É justo? Veja bem o que anda fazendo, pois não suportarei jamais a repetição da cena. E mande a segunda via.

Casei-me com uma Feiticeira, era-me novidade. Gostei. É exatamente o que conscientemente desejo fazer. "Diário", esplêndido! É assim mesmo: simplicidade, sinceridade, fidelidade. E que os serões, que

me vieram tocar suave e profundamente as cordas da alma, continuem com a mesma doçura e encanto "até que a morte nos separe"! Estarei excessivamente otimista?

Um convite.

Nos dias 26, 27 e 28 deste mês, dar-se-á o ato de inauguração de nossa igreja em Teófilo Otoni: adquirimos duas casas no ano passado e adaptamos uma para templo.

Devem estar conosco pelo menos quatro pastores, cremos, das igrejas de Valadares, Caratinga etc.

Fará conferências o Rev. Dr. Cícero Siqueira, diretor do colégio evangélico de Presidente Soares.

Esta é magnífica oportunidade para você honrar-nos com sua presença e ter uma ideia de nossa gente, nossa igreja e do culto que tributamos a Deus. Existe ainda outro motivo. Outro? Sim. Forte, indômito, pugnaz. Para que dizer-lhe? Por isso esqueça um pouco esse banco que me vai provocando ciúmes, e "abanque-se" por estas plagas.

Se eu continuar, adeus, Avião!...

Sinceramente abraça-a o

Antônio Elias

Joaíma, 12 de setembro de 1947.

Bom dia, meu Príncipe querido!

Como vai você?

As saudades "atômicas" começaram, hoje, a maltratar-me muito, de modo que, chegando ao escritório, tratei de adiantar o meu trabalho, para vir prosar um pouquinho com você.

Como foi de viagem? E de "falas"? Olhe: você sabe, mesmo, o que significa a expressão "saudades atômicas"? Pois então poderá imaginar o que senti nesses dias em que o colega e as "falas" absorveram toda a sua atenção. Já estava enciumada, porque quem não podia, absolutamente, vir tão cedo a Joaíma, tinha encontrado, de repente, uma semana disponível para ir a Resplendor, e eis que nem uma notícia recebo! Na minha impaciência, não podia esperar em casa. A partir do dia 3, comecei a ir diariamente ao telégrafo, e nada!

Mas já falei tanto no assunto, que você certamente terá imaginado um quadro em que aparece a mulherzinha ranzinza, a ameaçar com o indicador o marido, exigindo mais atenção, impondo-se, sem respeitar os seus problemas etc. Pois bem, substitua o quadro, que eu também não gosto dele. Acho mais bonito quando a mulher concorda com Júlio Dantas, que disse que ela "deve ser como a

palha miúda com que se encaixotam porcelanas: palha que não chama a atenção, e que mal se vê, mas sem a qual tudo se quebraria". Ou até com aquele que disse: A felicidade do homem "eu quero", e a da mulher é "ele quer".

Recebi, de uma vez, três cartas suas, sendo uma de 14/8, que foi a Setubinho(!), voltou a Teófilo Otoni (novo carimbo de 27/8), daí a Jequitinhonha e, finalmente, Joáima! As outras são de 16 e 26/8. Ao que tudo indica, nenhuma delas veio por via aérea. E a minha, que seguiu há quase um mês? Que espécie de correio aéreo nos serve?

Achei belíssimos os versos que me mandou, e de tanto ler, já os tenho quase de cor! Parece que foram feitos de encomenda para nós, não é verdade? E cada vez que os leio, sinto invadir-me uma onda de confiança e paz! "Descansa, ó alma, eis o Senhor ao lado."

Estou lendo também **A Vida mais abundante** (a Evangelho de João). Com muita atenção e devagar. Veio em boa hora, pois ultimamente não tenha sido muito feliz com os livros que tenho lido. Imagine que, forçada pelas circunstâncias, tive de "alinhar" até um romance espírita! Acho bom conhecer um pouco de tudo, mas tenho horror ao espiritismo. O romance **Renúncia**, embora traga de espaço a espaço conceitos elevados; embora exalte a prática da caridade etc., não é uma história viva, real. Ali, os bons são **completamente** bons, não possuem defeito

algun, ao passo que os outros são de uma perversidade a toda prova. Não têm sequer um traço de bondade! As situações são forçadas, irreais! O martírio!

Agora estou recuperando o tempo perdido, e não podia fazê-lo melhor que lendo um pouco de "tudo o que há de mais belo no mundo"!

Comecei a experimentar uma sensação de liberdade com a chegada de dr. Fidelcino, que agora deverá liberar-me do Banco Mineiro. Ele seguiu ontem para Pedra Azul, onde pleiteará sua substituição no cargo de correspondente. Estou pedindo a Deus que tudo se resolva depressa, embora ache difícil.

Então, você costuma ceder quando insistem, não é mesmo?

Sim senhor! E eu que não sabia desta! Pois agora vou "tomar o seu fôlego", sabe? Vou fazer mais que insistir: vou impor! Sim! Agora, ou vem a Joaíma antes de ir a São Paulo, ou farei a greve do silêncio: não receberá mais uma só carta! Vamos ver quem pode mais? Não me chame de convencida, hein? Você virá a Joaíma, depois irá a São Paulo, e quando tiver de voltar, a Senhor permitindo, irei ao seu encontro em Belo Horizonte. Ok?

Se é verdade que precisamos tanto de um encontro, que o papel não comporta o que temos para dizer um ao outro, e que dia a dia cresce mais a saudade, por que prolongar essa "agonia"?

Resta-me dizer-lhe que lamentei deveras ter estado ausente à palestra com o Monsenhor Antônio. Não que estivesse à altura de contribuir, como você disse gentilmente, mas apenas para juntar aos seus os meus aplausos ao esclarecido sacerdote. Assim é que está certo!

Confiando plenamente em Cristo, peço-lhe que nos mostre o caminho certo, desejando de todo o coração que seja este caminho um só para nós dois, que o trilharemos unidos, por toda vida!

Sua

Zezé.

Teófilo Otoni, 13 de setembro de 1947.

Minha amiga:

Boa noite!

Estava ensaiando para escrever-lhe, aproximadamente às 22 horas, quando me vieram chamar para atender a uma mensagem transmitida pelo radioamador de Caratinga. (Que bom se em Joáima ou Jequitinhonha houvesse radioamador! Poderíamos papear um pouco.) Só me foi possível voltar agora 24h45! É bem tarde para uma palestra, hein? Incomodá-la. Sair do sono reparador e justo. Bem, estamos juntinhos. Falarei suavemente, em surdina. Ao despertar-se, as antenas da alma hão de transmitir-lhe tudo com absoluta fidelidade.

Encontrei ontem à tarde o Diário dos dias 1 e 2. Parecia ter feito viagem longa e cansativa: estava todo sovado. Mas, chegou. Fiquei mais alegre. A mesma sorte desejo à "extraviada" de agosto!

Não sabia que seus olhos (nossos?) foram torpedeados. Deficiência de luz? Excessiva leitura? Lágrimas? Talvez, talvez...

O olhar amado e langue
deixa um rastro de luz
como um rastro de sangue...

Será este o seu mal? Que vaidoso sou eu! Às vezes, apesar do otimismo que vibra em mim, reponta-me, qual horrível espectro, o "impossível". Então, creio ver o meu vulto em teus olhos, tão vago como as sombras, que espelha a água morta de um lago...

Sugeri, por telegrama apenas "Convém parar Diário". **Convém é proibitivo** até que se resolva o problema dos óculos. É claro que terá de prosseguir depois, incluindo, se possível, os dias de férias compulsórias. Combinado? Recomenda-se aceitar. A ideia de "secretário" só será admissível quando vivermos e trabalharmos juntos. Também necessito urgentemente de uma secretária. Olhos? Não, minha deusa: coração!

"Minha amiga". É este o tratamento que prefere? **Minha amiga** está na ordem direta de **meu amigo**! Logo..., mas não discutiremos por isso. "Há razões que a própria razão não explica." Pascal.

Continue dormindo, meu anjo. É melhor. Está acordada? Que sorriso gostoso, inspirador, fascinante. Estarei delirando? Teria razão o filósofo chinês que, sonhando ser **borboleta**, passou um dia agitadíssimo a perguntar: "Onde está a realidade: sou homem ou borboleta?" Creio, pela pergunta, que o ilustre pensador morreu sem saber. Não quero correr o mesmo risco. Vou tirar a prova. Depois?

Depois sonhos,
depois risos,
depois beijos!
Depois...
E depois, amada?
Depois...
Depois, nada...
...que nos separe...

Você, meu retratinho, é mesmo um amor. Vou
beijá-lo outra vez.

Antônio Elias.

P.S. Enquanto sonhas que o "alguém" foi para a
América não haverá grande perigo, pois ele prefere a
Síria. É a voz do sangue. O pai era sírio-libanês
legítimo. Sabia?
Cuidado com ele! Às vezes pode querer fazer alguma
mascateação...

Em outubro desejo ir a Catanduva visitar a família. Temos de nos avistar primeiro. Virá aqui ainda este mês? Aceita o convite para as solenidades inaugurais da nossa igreja?

Good night, my dear and good look for you!

A.E.

Teófilo Otoni, 17 de setembro de 1947.

Você!

Não sei se foi devido ao acúmulo de serviço ou à sua presença perturbadora que esqueci a OMTA. Não escrevi. A carta irá amanhã pelo Militar.

Tenho verificado que, quando estamos juntos, quase não raciocino, controlando-me, até, com dificuldade. Afigurasse-me um estado de estarecência, hipnose ou coisa semelhante. Empolga-me ouvi-la, vê-la, abraçá-la uma, duas, três, dez... vinte vezes? Não. Uma só durante muitas horas. Exagero? Ora, não é o que tenho feito? Hoje, por exemplo, quem me tomou mais tempo: o trabalho ou você? Não tem culpa? Nem eu, e isso precisa acabar! Quantas vezes hoje nos vimos, falamos, discutimos, e...? É demais!

Verdadeiramente ando *mucho* mudado! Quero só ver até onde iremos assim. Até à Síria? Dizem que a água de lá é bem fria e excelente. Naturalmente será recomendável para o meu calor.

Ah! Você... Você, meu adorável retratinho, está ficando tão manchado!
Que será?

Antônio Elias.

Joaíma, 21 de setembro de 1947.

Meu amigo:

Estou muito desapontada com o seu silêncio, pois esperava que você experimentasse o mesmo "alvorço" que senti com a perspectiva de um próximo encontro. Que será? Mudou de opinião?

Estava decidida a esperá-lo aqui, como disse em minha última carta, mas esperando poder sair no fim de outubro ou princípio de novembro, para fazer um passeio e novo exame de vista. Cheguei, porém, à conclusão de que até dezembro estarei presa ao banco, e assim sendo resolvi forçar a obtenção de oito dias, ao menos, para o exame de vista, deixando para depois o passeio!

Como achasse que o meu caso poderia ser resolvido aí ou em Belo Horizonte, telegrafei pedindo sua opinião, pois poderíamos aproveitar esses dias para o encontro tão desejado! Inexplicavelmente, porém, você se mantém silencioso! Não sei o que pensar, pois não é a primeira vez que surgem esses dias de mutismo! É fada "guerra de nervos"?

Perdoe-me essa linguagem, mas a verdade é que, às vezes, uma pontinha de dúvida ainda me maltrata muito!

Estou escrevendo para aproveitar a excelente oportunidade que será a passagem, por essa cidade, de uma pessoa muito amiga, que se ofereceu para levar qualquer coisa. Trata-se de D. Cecília Rodrigues, criatura simples e muito bondosa. Prometeu-me levar, pessoalmente, a carta, se não chegar muito tarde. Pedi-lhe, então, que de volta (dia 28 ou 29), procurasse também suas notícias para mim.

Pretendo sair daqui no próximo dia 1º, para Teófilo Otoni ou Belo Horizonte, se Deus quiser.

Não tenho escrito no diário, pois desde que descobri a causa da dor de cabeça que vinha sentindo ultimamente, decidi-me poupar a vista enquanto for possível.

Encerrando, por hoje, a palestra, passo a aguardar suas notícias.

Um grande abraço com as saudades da

Maria José.

Joaíma, 25 de setembro de 1947.

Boa tarde, querido!

Ter-se-ia inspirado em La Rochefoucauld, o autor da quadrinha que diz assim:

*Como o vento para o fogo
É a ausência para o amor:
Se é pequeno, apaga-a logo;
Se é grande, torna-o maior!?*

Não importa saber. Creio que um e outro têm razão quando afirmam isso. Mas, afirmo convictamente, que qualquer deles teria hesitado em menosprezar assim a ausência, se houvesse conhecido o correio de Joaíma.

Sim, esses "Correios e Telégrafos", se não chegam a abalar o amor que criou raízes, não deixam, entretanto, de fazer malabarismos com o coração da gente! Empréstam-nos até atitudes quixotescas, pois não é verdade que, de vez em quando, estamos aí a lutar contra os moinhos... de nossa imaginação? Não estará no caso a minha carta de 21 deste? Com você a palavra.

Olhe: por mais que desejasse fazer-lhe hoje uma longa carta, não me é possível: estou escrevendo

com dificuldade, talvez devido à fumaça das queimadas, que me deixa os olhos ardendo, além da visão deficiente. Dir-lhe-ei, pois, uma palavrinha, apenas!

Recebi, nesta semana, quatro cartas, que deixo para responder pessoalmente, se Deus não mandar o contrário. Foram elas: de 4/9 (Resplendor), de 11/9, e, a seguir, duas mais velhas: de 28 e 30/8. Todas muito gentis e muitíssimo caras ao meu coração!

Sinto não poder escrever muito, hoje, sobre a casinha abandonada,

etc., etc... E o diário? Se soubesse as saudades que tenho sentido dos

serões. Mas seria imprudência escrever. Além do meu trabalho obrigatório, os preparativos rápidos de viagem impuseram-me atividades "extras", à noite etc. Paciência.

E você? Trabalhando muito, não é verdade? Quero agradecer-lhe mais uma vez o convite que me fez, e na impossibilidade de aceitá-lo, dizer-lhe que estarei com você em pensamento, a fim de apresentar-lhe os parabéns por ver coroados de êxito os seus esforços!

Até breve, querido, e que na próxima semana possamos matar essa "sodade marvada"...

*Que mais tinha a dizer-lhe? Bem, creio que é só.
Ah! Sim!*

*Era... era apenas um ... abraço muito afetuoso que
tinha para mandar-lhe.*

Ok?

Saudades "ciclônicas" da

Zezé

Teófilo Otoni, 25 de outubro de 1947.

Alô, querida!

Saúde e paz no Senhor.

Recebi o telegrama. Fui logo procurar a pessoa indicada. Não sabe quando voltará. Depende da passagem pela estrada. Prometeu vir aqui antes da viagem. Oxalá fosse amanhã! Ah! Estrada sempre duvidosa, incerta, difícil! Já notou que tudo que se relaciona direta ou indiretamente com Joáima, é assim? Estrada, OMTA e... Pois é, nada definido, claro, positivo. Por quê?

Meu velho mestre de psicologia costumava dizer, referindo-se a certas faces do ministério: "O pastor precisa ter nervos de aço". Se hoje me fosse dado o privilégio de assistir à mesma aula, teria sem modéstia — algo bem curioso a acrescentar! Sim. Tenho uma experiência complexa: choques inesperados, emoções violentas, ora com, ora sem as "faces" da vida pastoral. É que, sutis, graciosos, encantadoramente, dedos mágicos dedilham as cordas de minha alma.

Ai! Fadinha dos meus sonhos, você é todo o paraíso! Pena estar tão longe, tão distante, inacessível ao pobre pecador que, de tanto ouvir

"Não!" já vai sentindo diminuída a força que o impulsionava — esperança!

Se, a despeito das dificuldades tremendas, as chuvas, a estrada não melhorar, oferecendo tráfego constante, duradouro, seguro, feliz, teremos de, urgentemente, procurar outra via. E, sem dúvida, aquela, a que só tem uma entrada e uma saída: a última porta!

À linda borboleta ali-brilhante

A flor dizia assim:

Que diferentes somos! Vês que eu fico.

E tu foges de mim!...(?!)

Quero receber muito breve uma carta bem longa. Que venha condensada de notícias, viagens, banco, trabalhos, cofre(?), títulos, pagamentos, Dr. Alberto, política e... olhos, óculos, diário, planos, programa, resoluções, atitude etc.

Com votos de um mundo de felicidade e de
bênçãos,
Saudosamente abraça-o

Antônio Elias

P.S. Dentro de dez dias devo estar em Belo
Horizonte com destino ao Sul de Minas.

Antônio

Joaíma, 31 de outubro de 1947.

Antônio Elias

Encontrei, realmente, um colosso de trabalhos acumulados à minha espera. Um dia após minha chegada, recebi a visita do pessoal do Banco Mineiro (inspetor, gerente, e um funcionário que permanecerá aqui até dezembro). Em consequência do esforço excessivo, meus olhos foram novamente "torpedeados", obrigando-me a um repouso absoluto.

Mas, perguntará você, a que vem tudo isso?

É que poderia dizer-lhe que só devido a essas razões vai tão atrasada a carta prometida! Elas foram poderosas, não tenha dúvida, e na realidade tolheram-me quase por completo, mas, fazendo um exame rigoroso, pude chegar à conclusão de que, ainda que nada me houvesse impedido, embora ansiasse por dizer-lhe algo, não teria conseguido escrever-lhe logo que cheguei!

Há estados de alma que não se descrevem facilmente, e eu atravessava um deles. Trevas, lutas, choques, incertezas; momentos de esperança e horas de desespero. Um desejo imenso de perseguir algo que se me escapava e tinha a forma vaga da felicidade. Quando começava a correr em busca dessa coisa indefinida, um abismo se abria aos meus

pés, obrigando-me a recuar! Pesadelo? Talvez! Provavelmente, também, um resultado de enorme tensão nervosa.

Disse acima "atravessava". É provável que o tempo do verbo não seja rigorosamente este, pois não cheguei ainda ao outro lado do escuro túnel. Não senti em cheio, no rosto, a luz que, certamente, brilha lá fora e que mal diviso como os primeiros e indecisos sinais da madrugada!

Venho encontrando esses primeiros indícios de luz, na confiança em Deus, em cujo seio começo a abandonar-me por completo. Que coisa confortadora é poder dizer, balbuciando, embora, como criança que começa a falar, esta palavra admirável: Fiat!

Outra coisa não posso fazer, no momento, senão confiar em Deus! Esfalfei-me pelos caminhos à busca do rumo certo, e, como resultado, trouxe o coração ferido, dilacerado pelos espinhos, os pés chagados, e a incerteza na alma tal como aí se instalara antes. Agora, tudo entreguei ao Senhor. Graças a ele, tenho conseguido orar e confiar. Orar como nunca fizera antes, e confiar de moda inédito e consolador.

(Talvez o esteja aborrecendo com as minhas divagações. Se assim for, não me zangarei se dobrar a carta e colocá-la no envelope, pois, assim mesmo, já terei dito o que precisava dizer. Sinto necessidade de confiar a alguém o meu esquisito estado de alma, e esse alguém tem de ser, forçosamente, você, que bondosamente tem me "ouvido" e compreendido há

mais de um ano! Não importa a "ameaça" de fazer o papel de "amigo ouvinte").

Compreendi, afinal, que é insensato pretender forçar as situações a nosso bel-prazer. "Deus é tão sábio, o universo criado por ele, tão grande, e nós, criaturas humanas, tão pequeninas, que não percebemos, às vezes, que algo que nos fere, ou contraria os nossos interesses, tem de ser assim, em benefício desse todo harmônico, tão altamente dirigido"!

Às vezes, também, quando no auge do sofrimento somos levados a crer que ele desviou de nós a sua sagrada face, suavemente nos faz ver, então, que apenas usa a sua vara de bom pastor, para chamar-nos à realidade.

Somos, realmente, quais formiguinhas impotentes, incapazes até de vislumbrar, a olho nu, onde está a verdade!

Foi a contemplação de tudo isso que me obrigou a voltar-me mais e mais para Deus, na certeza de que ele dará as últimas pinceladas no quadro que não soubemos ou não podemos concluir, e que, feito assim por suas mãos divinas, não poderá deixar de ser uma obra-prima!

Agora, poderá dizer-me, com a maior sinceridade, o que pensou e sentiu após a minha saída? Mas sejamos francos e sinceros, pois assim faremos "a nossa parte", em colaboração com a graça divina!

Não lhe ficou, como a mim, a impressão de que tenho estorvado "um pouco a sua vida, e, de modo particular, a sua profissão? Não sentiu, também como eu, uma saudade arrasadora, dessas que nos pedem para não tentar descrevê-la? Diga-me tudo, tudo. Esqueça-se, por um momento, de que tem preguiça de escrever, e creia que já me acho mais forte, mais desperta e sempre disposta a ouvir sua palavra franca e sincera.

Envio-lhe alguns retratinhos. Os outros que deram cópia (alguns ficaram perdidos) foram esquecidos na esmaltadeira elétrica (fui elogiar o "barbeiro" daqui e foi este o resultado...) e ficaram piores do que estes: o esmalte quebradinho e defeituoso. Acontece que o retratista é também proprietário de uma casa comercial (em liquidação, no momento). Só trabalha naquele ramo "nas horas vagas". Conclusão: paciência!

Não se esqueça de devolver-me os retratinhos que tirei do álbum, para modelo, sim? Pode ser ou está difícil?

Creio que é só o que me permitem os olhos, por hoje.

Não deixe de recomendar-me às amizades, especialmente ao Rosa e ao casal Silas-Eurídice.

Abraça-o com muitas saudades a

Maria José

Joaíma, 4 de novembro de 1947.

Antônio Elias:

Senti, há poucos momentos, uma grande emoção, algo assim como uma súbita ascensão ao céu, e logo uma queda pelo espaço infinito! Sabe lá o que é isso? Não faz mal: contar-lhe-ei tudo.

Estávamos almoçando. Todos, à mesa, silenciosos, num desses momentos em que falta assunto. De repente, invade a sala, a meu coração e a minha alma, numa voz cheia, certa palavra que me habituara a ouvir como um hino festivo, como cantos de pássaros e bimbalar de sinos em manhãs cheias de sol: "Alô!"

O primeiro impulso foi correr à porta para recebê-lo, tão certa estava de que aquela palavra era propriedade sua, que ninguém mais tinha o direito de pronunciá-la assim em minha presença! Alucinação dos sentidos! Em poucos segundos deixei escapar uma exclamação que falava alto do meu desapontamento, e que ficou sem explicação para os que me olharam, admirados! Como e para que explicar? Ninguém compreenderia o que senti!

Era um amigo de Alberto que vinha procurá-lo. Tive vontade de dizer-lhe uma porção de coisas: que não é bonito zombar assim da dor alheia etc., etc. ...

Coitado! Como se lhe coubesse a culpa desse destino cinzento que me tocou!

Gostou das fotografias? As outras não ficaram prontas ainda.

Espero, com ansiedade, a sua carta! Que virá dizer-me? Vou experimentar mais uma vez o correio de Águas Formosas. Em virtude das chuvas, a estrada de rodagem está fechada e a vinda do avião é problemática. Espero que desta vez tenha mais sorte. (Não repare a desordem. Antes, atribua-a à pressa com que escrevo para não perder o correio.)

Até breve.

Não se esqueça muito depressa de quem lhe envia agora um milhão de abraços saudosos

Zezé

Joaíma, 25 de novembro de 1947.

Alô, querido!

Ouvi sua voz inconfundível a chamar-me, e é como sempre, alegremente, que venho recebê-la, feliz ante a perspectiva de mais uma palestra suave e boa como aquelas em que sentia fugir-me a alma para ficar presa às suas palavras, quando discorria sobre um tema elevado e bela!

Li e reli muitas vezes sua carta, e em um ponto me detive maquinalmente, obrigando-me, por fim, a um raciocínio. "Já notou como tudo o que se relaciona direta ou indiretamente com Joaíma é assim (duvidoso, incerto)? Nada definido, claro, positivo. Por quê?"

Não, querido, você não disse bem. Não é tudo o que se relaciona com Joaíma. Incerteza, dúvida e indecisão podem ser definidas como sinônimos de fraqueza. Joaíma viril, que herdou do bravo cacique o nome e o amor aos feitos arrojados, indignar-se-ia ouvindo-o falar assim!

Considere, antes, que a fragilidade é traço essencialmente feminino. Eu diria, pois, que essa incerteza e essa indecisão mais se relacionam com certa Fada, cuja varinha mágica perdeu o dom de resolver tudo. É ela, sim, a culpada! Mas, que quer?

Pobrezinha! Contar-lhe-ei a sua história e verá se não foi justa a sua indecisão, suas dúvidas e incertezas!

E que um Príncipe ofereceu-lhe, certo dia, uma casinha encantada e o seu amor, e ela, que vivia triste e sozinha, sentiu-se estranhamente feliz, deu asas ao coração e à imaginação, e lá se foi, perseguindo uma quimera!

Pelo caminho, quantas vezes se deteve a sonhar! Quantas vezes espalhou pelos aposentos da “sua” casinha, braçadas de flores frescas, caprichosamente arrumadas em jarras artísticas! Quantas vezes abriu, em imaginação, as janelas, para que a casinha recebesse, nas manhãs alegres, o beijo do sol! E, à hora do crepúsculo, ouvindo em surdina a Ave-Maria, lá estava ela, aguardando a volta do Príncipe, sob a luz frouxa de um abajur amigo! Sonhou, sonhou muito! (Sonhar, foi, talvez, o seu mal, pois em sonhos tudo pode acontecer, e a realidade é sempre fria e intransigente!)

Ao avistar, finalmente, a casinha, a Fada delirou de alegria! Como era linda, tal como a imaginara!

Veio a Príncipe ao seu encontro e viveram, então, rápidos momentos de felicidade, de alegria sem par! E chegaram os dois, sonhando, em frente ao castelo de suas ilusões!

Será preciso dizer-lhe o que aconteceu, então? Creio que não. Você, por certo, já adivinhou que a Fadazinha encontrou fechada a única porta pela qual poderia ali penetrar, segundo a sua fantasia.

E não havia outras portas? Sim, mas uma, disse logo o Príncipe, estava "fora de cogitações" e a outra, aquela que ele lhe indicava e por onde queria introduzi-la, era inacessível! Ela chegou a sondar as suas forças, a ver se seria capaz de alcançá-la; mas depois fez a si mesma uma pergunta: "Quais os motivos que me levaram a não recusar imediatamente a porta que ele me oferece (a que implica admitir a hipótese de passar por ela)? Acaso estariam abalados os fundamentos em que me firmava antes, quando nem sequer pensava em sua existência?

E a resposta veio, espontânea e sincera: "Os motivos? Amor ao Príncipe! Desejo de seguir pela vida ao seu lado, ouvindo-a dizer sempre "Alô!", à porta, pondo em alvoroça o coração. Desejo de segurar, com ambas as mãos, esse lugar de ajudadora de uma criatura boa, compreensiva, extremamente gentil! Foram estes, apenas estes, os motivos!

Considerou, então, a Fada que, aceitar aquela entrada com essa disposição, seria desleal. Poderia, mesmo, fazer-se infeliz e ao Príncipe também, passados os primeiros momentos de gozo, pois isso sempre acontece quando não medimos o alcance de nossos atos, ao perseguir a felicidade terrena!

"Passar por aquela porta", disse então, "só se fosse conscientemente, segura da resolução tomada!" Essa segurança e essa firmeza, porém, só

poderiam vir depois de longas e pacientes pesquisas, feitas sem a tentação de uma recompensa imediata!

Foi então que a Fadazinha se deu conta de sua situação, e lembrou-se mais uma vez de que “os príncipes são para as princesas”...

Lançando um olhar pelos domínios em que se achava, descobriu uma veredazinha pedregosa - a única saída que se lhe oferecia - e que era indicada por uma seta encimada por uma palavra seca: "Renúncia"!

Devia ter se decidido logo, não? Mas, faltaram-lhe as forças e ela deixou-se cair exausta, assustada com a aridez da estrada que devia percorrer! Daí, esse momento de "dúvida", de "incerteza", de "indecisão"!

Agora, diga-me: não teve um pouco de razão, a coitadinha, em hesitar um momento?

Mas tudo se resolverá: o próprio Príncipe indicou-lhe um manancial, que, embora já conhecesse ligeiramente, ela não sabia que tinha o dom de emprestar sempre novas forças ao viajor abatido! E ela, que estivera prestes a fracassar, que sofrera o horror de ver-se envolta em densas trevas, experimenta já um novo ânimo, depois de sorver um pouco daquela água!

Vejo-a agora, a dizer ao Príncipe que, justamente por amá-lo, é que acha que deve retroceder! Não se julga capaz de fazer a sua felicidade, em face das circunstâncias, e, voltando nesse momento, restar-lhes-á, pelo menos, a lembrança de um sonho lindo.

Lembrança que ficará como essência rara em um lencinho mimoso, a exalar-se devagarinho, insensivelmente.

Ajudando à Fada, dir-lhe-ei, querido, que jamais me esquecerei da expressão de desencanto que surpreendi no olhar de uma criança, em certo dia de Natal, quando um Papai Noel "sertanejo", de barbas feitas de algodão, distribuía presentinhos! Ela, que nesse dia fizera barulho em casa, para que a deixassem ver de perto a velhinho dos seus sonhos, ficou decepcionada! Aprendi, então, que não se deve tocar nas ilusões demasiado belas. O contacto com a realidade pode empanar-lhes o brilho, ou desfazê-las por completo!

Este consolo restará à Fada, que se dispõe a voltar pela estrada íngreme, depois de desejar ao Príncipe que uma Princesa meiga e bela encha de alegria a casinha que não pode ser sua!

Ela não se arrepende de haver sonhado. Aceita simplesmente a realidade da vida e diz, num ato de conformidade, assumindo a culpa de suas penas:

*... yo te bendigo Vida,
porque nunca mi diste ni esperanza fallida
ni trabajos injustos ni pena inmerecida.*

*Porque veo al final de mi rudo camino
que yo fui el arquitecto de mi propio
destino;*

*que se extraje las mieles o la hiel de las
cosas,
fue porque en ellas puso hiel o mieles sabrosas:
cuando planté rosales coseché siempre
rosas!*

Creio que justifiquei a seus olhos a atitude da Fada. Mas, se restar alguma dúvida, escreva. Diga sincera e francamente o que pensa, lembrando-se do que lhe disse certa vez: não procuro, sozinha, uma solução para o nosso caso; antes, a buscamos juntos e a que resolvemos será de comum acordo.

Diga se recebeu, finalmente, a carta que levou os retratos.

Com um abraço, as mais vivas saudades da

Maria José

Teófilo Otoni, 1 de dezembro de 1947.

Alô, Zezé!

Cheguei faz algumas horas. Vim doido para ler suas cartas. Só encontrei uma, a de 31 de outubro. Não escreveu mais? Li-a bem desapontado. Você não se define. Vejo lutas... lutas... mas não vejo desfraldar-se no topo sagrado da decisão a bandeira da vitória. Não podemos continuar assim, Zezé. Tenho pensado muito. Relembro, diariamente, dezenas de vezes as duas falas a que você assistiu: relembro a dificuldade que senti para proferi-las — estava amarrado! Relembro "com terror no peito", sua frase de explicação à cunhada: "Senti que estava muito distante dele e que não lhe podia fazer a felicidade"(!). Diviso-lhe em cores tremendas o que se passa na alma. Penso em como deve ser o lar do pastor, as qualificações da esposa, seus ideais, sua paixão pelo trabalho do companheiro etc. Você preencheria todos os quesitos com exuberância magnífica se quisesse fazê-lo. Mas insiste em lutar sem um ponto definido. Parece mesmo que, no fundo, está desejando solução negativa! Ora, sejamos bons amigos, bem leais, bem francos: você está disposta ou não a aceitar a cruz e a coroa de esposa de pastor protestante? Condições? Apenas esta: você terá de

ser protestante, minha querida. E se soubesse que tesouro lhe estou oferecendo!

Nada mais de indecisões e agonias: resolva e me telegrafe. Sim ou não. De qualquer sorte, faço questão de contar sempre com sua amizade.

Gostei bastante dos retratinhos. Você está um mimo. Que tal os outros? Já estão prontos?

Gostei de Patrocínio. O discurso ficou lá para ser publicado (gente boa!). Quando vier, mandar-lhe-ei uma cópia. Dia 7 vou paraninfar os bacharéis do Ginásio Caratinga. Coitados! A seguir irei à Vitória.

Como vão os nossos olhos? Cuidado!

Com profunda saudade

Antônio Elias

Teófilo Otoni, 15 de dezembro de 1947.

Alô, Zezé!

Achei sua carta – bilhete azul – bem ponderada e sensata. “Há razões que a própria razão não explica.” Você, no entanto, explicou tudo muito bem. Cada um tem uma maneira própria de amar.

Você ama a Deus acima de tudo. Eu também tenho me esforçado para, dentro das limitações humanas, fazê-lo o centro por excelência de minha vida. Ora, São Paulo, o príncipe dos teólogos, ensina: “Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que o amam.” Logo...

Não deixe, minha querida, de estudar a “questão religiosa” nem de ouvir os nossos programas radiofônicos. Pede-lhe uma amizade profunda e sincera.

Em janeiro estarei em São Paulo, se o Senhor permitir. Se eu arranjar um colega que me substitua em Teófilo Otoni, mudar-me-ei para Araraquara no próximo ano.

Abraço-a com votos de intensa felicidade. O amigo certo.

Antônio Elias

Joaíma, 12 de janeiro de 1948.

Alô, Príncipe!

Como vamos passando? De certo, muito bem, ao lado dos seus entes queridos! Que esteja, realmente, feliz, e que se prolongue muitíssimo essa felicidade, é o que posso desejar-lhe de coração nesse início de ano.

Há dias desejava mandar-lhe algumas notícias minhas, mas não escrevi por ignorar o seu paradeiro. Finalmente recebi a carta de 15/12, e, pensando encontrá-lo ainda em Teófilo Otoni, telegrafei dizendo que seguia carta, devendo chegar até 11 deste, pois pretendia escrever por um caminhão que estava de saída para lá. Chegou, porém, a tempo, o seu “alô” bandeirante, e agora escrevo, numa tentativa de encontrá-lo ainda em São Paulo! Admira-se?

Ora! Entre Minas e São Paulo, pelo correio, a distância é de dois meses, mais ou menos!

Sua mensagem de Natal foi a mais linda que me veio às mãos! Muito agradecida! Quanto a mim, não pude escrever-lhe naquele dia de poesia e beleza, o mais encantador do ano. Fiz apenas uma “carta a Papai Noel”. Mas esta, mesmo ele, a velhinho prudente, pediu-me que não lhe mostrasse! Como já lhe disse, sou muito obediente...

Mudemos, porém, de assunto, falando do que interessa hoje.

Como lhe disse em meu telegrama, pretendo viajar para Almenara depois de 15 deste. Mas não vou a passeio: mudo-me para lá. Passo a residir com a minha velhinha, cujos 70 anos de idade reclamam os meus cuidados! Quero tirá-la da fazenda e tomar para nós uma casinha na cidade, pois sua saúde não permite mais levar a vida de outros tempos.

Em fevereiro, o Senhor permitindo, irei a Belo Horizonte, a fim de fazer novo exame de vista, pois não fui feliz em Teófilo Otoni, e estou lutando com as mesmas dificuldades de antes, em virtude de não me haver "ajeitado com o novo "par de olhos".

Essas são as notícias que queria mandar-lhe, para que, em chegando, por acaso, a saudade de um "papinho" pelo correio, saiba onde encontrar-me (presunçosa que eu sou, não é verdade?).

O endereço pode ser simplesmente - Almenara - Norte de Minas, ou acrescentando, para maior clareza, Farmácia de Vigia.

Ontem tive a satisfação de falar com alguém a seu respeito. Esteve em nossa casa (vindo de Jequitinhonha) uma turma de moças, que veio passar o dia em Joáima. (Desculpe-me, se não está correta a frase) Fazia parte da caravana, uma baiana, de Itabuna, que estuda no Colégio Americano, em Salvador. Menina bem-educada, simples, de maneiras encantadoras. Logo inspirou-me simpatia.

Estivemos conversando sobre línguas; perguntou-me se falava inglês, e eu lhe respondi com certa mágoa: "Não. Cheguei a arranjar um ótimo professor, mas" a voz morreu na garganta.

Como sabe, existe algo que se chama associação de ideias ... Colégio Americano ... "Meu" professor de inglês... e: "Você não o conheceu, por acaso?" "Espere. Ele estava aqui em Minas, não é mesmo? É moreno, usa óculos. Só não tenho certeza do nome! Mas deve ter sido ele, sim! Até hoje lembro-me perfeitamente do final de sua palestra: "Estareis preparados, quando soar a trombeta, no momento supremo?"

E ela, que tinha estado calada durante todo o tempo em que as outras discutiam animadamente os preparativos para o carnaval, mostrou, finalmente, um brilho diferente no olhar! Senti-me duplamente feliz, por ter conseguido, também, descobrir um assunto que lhe interessasse! E conversamos muito, muito mesmo!

Formamos um grupo à parte, enquanto o outro grupo tratava de assuntos alheios aos nossos interesses.

Coisas da vida!

(Ela, a minha nova amiguinha, chama-se Yeda. Não é protestante, como julguei a princípio, mas católica.)

Agora, uma palavra sobre o seu pedido, de continuar a estudar a questão religiosa: continuarei,

sim, na medida do possível, embora me seja penosíssimo ter sempre presente esse assunto de tamanha grandeza, que foi a causa do maior golpe que até hoje me desferiu a vida! E quando não puder fazer outra coisa, repetirei, ao menos, a bela oração de São Francisco de Assis: "Grande e magnífico Deus, meu Senhor! Ilumina o meu espírito e dissipa as trevas que me envolvem! Dá-me a graça de conhecer-te bem, para que melhor te sirva!"

Até outro dia, meu amigo!

Aproveite bastante as suas férias, procurando um pouco de descanso, que você bem o merece.

Com muitas saudades, despede-se a

Zezé

P. S. Depois de pronta esta, minha viagem para Almenara foi adiada, por motivo de força maior. Enquanto não lhe mandar notícias por telegrama, é que estou ainda por aqui.

A mesma.

Fazenda Iguaçu, 28 de fevereiro de 1948.

Antônio Elias:

São 9 horas da noite. Encerrei há pouco a "luta" de dona de casa na fazenda! Imagine você que a nossa cozinheira pedira uma folga para passar o fim de semana com uns parentes. Fui então experimentar se ainda sabia fazer um jantar. Até aí tudo bem. Mas eis que chegam alguns hóspedes (pessoas amigas, em viagem para Belo Horizonte) e eu fiquei logo impressionada que o arroz ficara sem sal etc., etc.

"E que tenho eu com isso?", perguntará você. É que quero explicar-lhe que escrevo às pressas, apenas para dar-lhe rápidas notícias, enquanto todos já dormem e mamãe está incomodada com o meu "serão"! Amanhã cedo os nossos amigos prosseguirão viagem e uma oportunidade como esta é coisa rara, aqui! Só por isto!

São estas as notícias: tenho recebido os seus telegramas. Telegrafei para Catanduva e Ribeirão Preto, mas creio que você se desencontrou dos telegramas, pois quando recebia o endereço aqui, já era velho! A fazenda fica longe e os meios de comunicação são raros. Minha viagem teve de ser adiada, pois tive de assumir a direção da casa da fazenda e providenciar ao mesmo tempo a mudança

para Almenara, o que não tem sido fácil! Creio que irei em março, mas não tenho certeza do dia!

Estou um tanto apreensiva com o novo impulso tomado pela "mato" de nossa propriedade, pois sabe Deus os tormentos que tenho sofrido!

Você está mesmo disposto (ou esteve) a enfrentar um novo encontro? E depois?

Bem, não posso escrever. Sinto cansaço e sono, e amanhã preciso levantar-me com o sol! Não fora isso e os cuidados de mamãe, escreveria mais. Quero apenas que você não fique zangado comigo, atribuindo meu silêncio à preguiça etc., etc.

Perdoe a desordem que vai por aí e aceite o meu grande abraço saudoso.

Zezé

Teófilo Otoni, 15 de março de 1948.

Alô, Zezé!

Muita saúde, muita alegria, muito gosto pela vida e muita felicidade, eis o meu desejo. Após 65 dias felizes, regressei. Achei nossa Teófilo Otoni de uma monotonia de espantar! Talvez seja devido ao fato de eu não ter conseguido transferência. Por força de compromissos que assumi, deram-me gentilmente, para aqui, mais um ano! Também agora de duas uma: ou será de fato só mais este, ou resolvo ficar por século!

Sim, porque esse negócio de se edificar uma casa pensando em mudança não é recomendável, não acha?

Quanto ao mais, tudo na rotina de sempre.

Tinha quase certeza de que nos avistaríamos em Belo Horizonte. Mas tinha é tempo imperfeito, não é? Consolava-me um tanto a ideia de uma cartinha à minha espera em Teófilo Otoni! É assim. As coisas por aí tomaram mesmo, definitivamente, rumo diferente! É a vida. Paciência *nostra*.

Fale um pouco da sua mudança, de sua terra, de seu povo. Sempre gostei de ouvi-la. Por isso mesmo via com maus olhos o Banco de Joaíma.

Penitencio-me pelo engano, pois agora tudo piorou!

Seguem, com muito atraso, os retratinhos.

Quando viajará? Não quer tentar nova consulta por aqui? Com muitas saudades abraço-a

Antônio Elias

Iguaçu, 6 de abril de 1948.

Meu Príncipe:

Um grande abraço saudoso, que lhe fale também do meu desejo de vê-lo sempre feliz e vitorioso pela vida!

Vou tentar, pela terceira vez, responder sua cartinha. (Não precisa admirar-se, pois não deve ter se esquecido de uma ocasião em que fez sete cartas, muito grandes, para enviar-me apenas uma oitava, bem magrinha) Mais adiante falarei sobre isso.

Fiquei alegre ao saber que gozou de 65 dias felizes em suas férias. É tão bom quando a gente se sente feliz a ponto de poder falar dessa felicidade a cada momento, semeando otimismo! E a felicidade, ao mesmo tempo que pode ser definida como uma coisa extremamente simples, ao alcance de todos, se nos mostra, também, muito complexa e distante! (Não precisa assustar-se que vou parar logo, logo, com a minha "filosofia barata".)

Sobre a transferência para São Paulo, estou em pleno acordo com você (sempre aconteceu assim, aliás, com exceção, apenas, do mais importante para nós! Infelizmente!). Acho que deve fixar-se de uma vez, aí. Nada de "edificar pensando em mudança"!

Desejei também, como você, o encontro em m Bela Horizonte. Mas ao mesmo tempo temia-o! Talvez pelo mesmo motivo que me leva a escrever-lhe longas cartas para depois fazê-las em pedacinhos. É assim: há 69 dias que estou na fazenda, preparando a mudança para Almenara. Enquanto espero que fique pronta a "casinha" (não se parece, absolutamente, com aquela do conto de fadas!), tenho de enfrentar a solidão neste pedacinho de terra que fica "bem pra lá do fim do mundo"! Nenhuma leitura, nenhuma palestra edificante, ou interessante, ao menos! Nessas condições, os pensamentos se assemelham a "cavalos espantadiços e soltos que correm no estreito espaço entre as têmporas, com patas que pisam causando dor.

Afundo-me no trabalho procurando afastar a lembrança que me maltrata. Mas enquanto arrumo nas formas a massa dos queijos, enquanto vou mexendo a tachada escaldante de goiabada, ou distribuindo o farelo de milho com os pintinhos novos, da última ninhada, os pensamentos afloram, insistentes, zombando de minha ingenuidade.

Escreva-lhe, então. Mas a carta se assemelha a um soluço, é uma queixa inútil, que em vez de alegria, causar-lhe-ia aborrecimento! Aí, zás! Mando-a para o fogo! E pergunto: "Para que fazer outra? Continuar edificando a casinha dos meus sonhos para depois ser forçada a mudar-me?" E se procuro distrair-me ouvindo um pouco de música, encontro-me com a voz

sentimental de Pedro Vargas que parece querer confirmar os meus pressentimentos:

*Para que recordar,
Se nos hace sufrir?!
Tratemos de olvidar
Para poder vivir!*

Você esperava encontrar uma carta à sua chegada aí. Pois a carta esteve prontinha para ir! Mas, quase no momento de entregá-la ao portador ... (... "para que recordar?...") guardei-a! Não cheguei a queimá-la e talvez lha envie a título de curiosidade.

Minha viagem ainda não foi marcada definitivamente, por motivos relacionados com a nossa mudança e saúde de mamãe. Mas creio que sairá breve.

Não quero tentar nova consulta aí, como você sugere. A vista continuaria no mesmo e o coração voltaria muito pior! Prefiro ir a Belo Horizonte. Talvez chegue até ao Rio.

Poderia escrever mais, hoje, mas receio enveredar por um assunto que me forçaria a dar a esta carta o mesmo destino das anteriores. E, de insipidez, basta, não é mesmo?

Agora você tem a palavra. Fale-me de você, do seu trabalho, da escola de alfabetização, das viagens etc. Mande-me uma dose de otimismo, de alegria, de confiança!

Pagando adiantadamente, envio-lhe todas as saudades que estão comigo!

Abraços da

Zezé

P. S. Pretendo seguir pelo avião da "Nacional". Pena que não esteja pousando em Teófilo Otoni, não é?

A mesma.

Segue uma caixinha de doce para as horas vagas.

M.J.

Teófilo Otoni, 15 de maio de 1948.

Alô, querida!

Recebi ontem, profundamente alegre, seu expressivo telegrama de felicitações. Você é mesmo um amor. Pena é ser algo indecisa.

Como vai passando? Os nossos olhos já foram examinados? Quero vê-los prontos para qualquer atividade; até ler, ler muito para o pastor descansar...

Minha ida a Almenara atrasou um pouco o restabelecimento. Fui exclusivamente para encontrá-la. Tenho viagem marcada para Ponta da Areia. A seguir espero poder ir de OMTA a Belo Horizonte. Avise-me ao certo, o quanto possível, até quando estará aí para que eu não chegue tarde.

Não tem planos de voltar por Teófilo Otoni? Ser-lhe-ia por demais difícil?

Recomende-me aos da casa.

Abraça-a com saudades o companheiro para todas as horas.

Antônio Elias

Belo Horizonte, 24 de maio de 1948.

Querido:

Desejo ardentemente que a minha carta vá encontrá-lo muito feliz e completamente restabelecido.

Com grande atraso (que a sua bondade me perdoará, por certo) venho dar-lhe conta das minhas atividades por aqui, e responder sua cartinha.

"Nossos olhos" estão quase bons, graças a Deus. Fui muito feliz com os novos exames, e o oculista animou-me bastante, ao contrário do que fizera nosso amigo daí. Falta apenas acabar de acostumar-me com os óculos novos. Incomoda-me também uma ligeira irritação, causada, talvez, pelo uso dos óculos insuficientes, que espero ver desaparecer logo.

Quanto aos passeios, pouco tenho a contar-lhe. Não é "papo", não! Fiquei um bocado distante do centro, de modo que só tenho saído durante o dia, assim mesmo para ir ao dentista, fazer compras etc. Fui ao cinema uma só vez (!), com o pessoal de casa (Dr. Fidelcino e esposa), e uma vez, também, ao Parque com Anésia, que não tem sido a companheira de outros tempos, em virtude de ter uma mimosa garotinha a roubar-lhe todo o tempo!

Teófanos não se dá muito bem com o "asfalto", de modo que regressou logo. Em resumo: não posso dizer-lhe que estou gostando muito do passeio. Acho tudo tão insípido, que já tive até vontade de voltar! Não será porque "a alegria não reside nas coisas que nos rodeiam, e sim no mais interior da alma"? Quem diz?

Estou disposta a tirar a prova. Pretendo seguir para a Via no fim desta semana, e passar uns oito dias, ao menos, por lá, onde conto com a boa vontade de duas amigas, bem mais animadas que eu! Não acha bom? Peço que se pronuncie, logo ao receber esta, pois o meu programa pode ficar sujeito ao seu.

Creio que não voltarei por Teófilo Otoni, pois já me mandaram para cá, com passagem de volta na bolsa. Talvez com receio de que eu mudasse o itinerário. Eu bem gostaria de poupar-lhe a incômodo dessa viagem até aqui, pois já não foi pequeno o sacrifício de ir a Almenara! E se ao menos me animasse uma viva esperança de poder fazê-lo feliz, em retribuição a tanta bondade, tanta dedicação que não me passam despercebidas! Mas cada dia me convenço mais de que só um milagre tornaria realizável o nosso sonho, e Jesus não quis fazê-lo ainda. Antes continua a dormir na barquinha.

Você me chamou de indecisa. Não pense que vou defender-me. Não. Quero apenas dizer-lhe o motivo dessa indecisão que você não aprecia. Não havia descoberto ainda? Pois é simplesmente por gostar de

você! Gostar de uma forma diferente, profunda, difícil de descrever! Ser impelida em um sentido por essa afeição poderosa que encheu a minha vida e deslumbrou-me por completo, quando outra força igualmente poderosa age em sentido contrário, a dizer-me incessantemente: "Não há remédio - ai de ti! - para o amor impossível!"

E note-se que, apesar de tudo, consegui, certa vez, reunir todas as forças e tomar uma decisão: trabalho perdido! Nem chegou a aparecer cinza sobre a brasa! E agora? Não sei, mas se houver necessidade de renunciar outra vez, que a faça você. Eu não posso mais! Combinado?

Agora ouça, meu bem: não leia esta carta com olhos de "crítico". Há muita desordem por aí. Por isto mesmo vou finalizando por hoje.

Fico aguardando suas ordens. Darei notícias sempre.

Muitos abraços saudosos da sua

Zezé

Encontramo-nos em Belo Horizonte, como combináramos, num fim de semana do mês de maio (de 18 a 20), depois dessa última carta.

O clima, entre nós, era tenso. Aquela afeição sincera que nascera há mais de um ano, sem que a buscássemos, e encontrara a barreira de pertencermos a igrejas diferentes, nos fazia sofrer.

Agora, ali, o tempo de que dispúnhamos era curto: dois dias, apenas. Ele foi visitar-me na casa em que me hospedara — dos amigos Dr. Fidelcino e D. Eurídice Viana.

A seu convite, fomos, no domingo, à Escola Dominical de uma Igreja Metodista. E, à noite, à Segunda Igreja Presbiteriana, que estava no seu início.

O que aconteceu você vai encontrar nas páginas seguintes, no "Testemunho", que escrevi na época, a seu pedido.

Mas, há um detalhe interessante: o impacto espiritual que eu recebi naquele domingo foi tão forte, que não consegui compartilhar com ele, que viajou de regresso na segunda-feira sem saber a causa das minhas lágrimas.

Somente uns dois ou três dias depois, sentindo, pelas circunstâncias, a direção de Deus (inclusive numa entrevista com um padre, que teve atitude completamente diferente dos outros que consultara, animando-me a ir em frente naquele caminho), eu lhe mandei um telegrama:

"Não desanime ainda pt Cristo está conosco pt Estou agindo pt Breve chegarei aí vg o Senhor permitindo pt Diga algo Saudades Zezé"

Novamente nos encontramos, agora em Teófilo Otoni. Conte-ihe a experiência. Ele orou comigo e tudo mudou! Regressei a Almenara. As cartas, agora, são feitas em clima de tranquilidade, paz e na expectativa do casamento.

Almenara, 7 de agosto de 1948.

Meu bem:

Um grande abraço, com muitas e muitas saudades para você. Como tem passado? Fez boa viagem?

Eu vou bem, graças a Deus. Só um pouco desapontada com a facilidade que tenho encontrado para tratar dos assuntos que dizem respeito àquela abençoada casinha que um dia sonhamos construir. Deus quis que fosse assim para que eu aprendesse a ter mais confiança!

Creio com firmeza que foi ouvida a oração que fizemos, pois tenho encontrado abertas portas que julgava emperradas para sempre! E mais ainda: tenho alcançado tantos favores do Senhor, mesmo de ordem material, que me sinto desaparecer diante de tanto poder e de tanta bondade!

Mas, não quero, em absoluto, desvanecer-me com as primeiras vitórias. Bem sei que ainda podem surgir muitas tempestades, logo que a minha posição fique mais definida, o que não aconteceu ainda por nutrir o desejo de fazê-lo com muita firmeza e com os olhos bem abertos, como tive ocasião de dizer-lhe com muita sinceridade. Entretanto, quero enfrentá-las, às tempestades, como aquele pássaro que certo

pintor colocou em uma tela que simbolizava a verdadeira paz. Já ouviu falar dele?

Com passos mal seguros, embora, vou-me enveredando pelo caminho, recordando as palavras sábias daquele doutor da lei: "... se esse desígnio, ou essa obra, é de homens, se desfará, mas se é de Deus, não podereis desfazê-la"! E pergunto: se ele me trouxe até aqui, através de mil empecilhos e barreiras tremendas, não terá sido por algo que escapou à minha percepção?

Peço-lhe que não repare essa porção de cousas que vou dizendo assim "a torto e a direito". É que anseio por repartir com você um mundo de observações, resultado de experiências inéditas! Mas, num futuro próximo, se Deus quiser, teremos tempo para isso, não é mesmo?

Hoje disponho de pouco tempo, pois é sábado, "dia dos aflitos", além disso, fui informada de que a mala de Teófilo Otoni fecha-se ainda hoje.

Já estamos instalados na nova casa, embora ainda falte instalação elétrica e uma porção de coisas de menor importância. Mamãe, dia a dia, pior da vista.

Está se convencendo de que deve ir a Bela Horizonte tentar outros recursos. Nada resolvido, porém, até aqui.

Você, quando aparecerá, para rever a "Praia da Saudade"? Disse por telegrama que aguarda condução (para onde?) e, ao mesmo tempo, pede para escrever. Vai esperar pela carta?

*Com as minhas recomendações aos amigos daí,
envio-lhe muitas saudades e uma porção de abraços
bem grandes.*

Sua

Zezé

Teófilo Otoni, 19 de agosto de 1948.

Alô, minha querida!

Não peço desculpas pelo atraso em escrever-lhe porque você já sabe que, dentre as lamentáveis negações que me caracterizam, esta é uma delas!

Sua carta, embora mui sintética e ultra racionada, alegrou-me bastante, principalmente quanto às "facilidades", etc. Parabéns! Para ambos, você e eu, não é? A experiência evangélica nos ensina que, pelo menos oitenta por cento de nosso sofrimento é por falta de decisão. Devemos ponderar, analisar e pronto! Sim, ou não. Isto do ponto de vista humano. Com Deus é assim: "*agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação*" (2Co 6.2). Todas as advertências bíblicas são sempre: "Agora"! "Hoje" Hebreus 3.7,8. Falando bem francamente, minha querida, você não deve exigir mais provas de que o Senhor está do nosso lado. Acho mesmo que tem sido paciente e que lhe tem mostrado exuberantemente (privilégio raro o seu! Creia-me) que você pode e deve amá-lo e servi-lo, do lado de cá. Mas a ele, somente ele. Um só é o Salvador: "*Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo...*" Atos 16.31. Um só é nosso "*... Advogado junto ao Pai*" 1 João 2.1; um só é mediador: Atos 4.12. Enfim, a Bíblia de capa

a capa revela esta irretorquível verdade. Se você já compreende assim e sente este tesouro no coração (que maravilha!) suba correndo o cume da montanha espiritual, hoje mesmo. Agora, lance os temores e cuidados sobre o Senhor, e, com absoluta confiança, exclame: de hoje em diante, pela graça de Cristo, serei cristã sem cogitar de maioria ou minoria - um com Deus é sempre maioria; sem temer preconceitos, comentários, choques, tristezas, consequências. Sem complexidades hierárquicas de santos, anjos etc.; sem multiplicidade de adoração e cultos. Adorarei somente ao Senhor Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e para ele viverei até à morte. Ele disse: "Tudo que pedirdes a Deus em meu nome, eu o farei". Eu te peço, meu Senhor, a ti que me tens amado antes que o mundo existisse, que me conduzas, confiante, desassombrada, cheia de gozo, pela estrada da luz e da vida, hoje e sempre. Amém.

Tem coragem de fazer dessas linhas soltas sua oração sincera? Se tem, diga comigo: "Sou cristã evangélica! Sou protestante!" Porventura falei sozinho? Tal não permita o Senhor!

Falei oito vezes na Igreja de Valadares. Houve 120 decisões! Estarei em Vitória, fazendo trabalho da mesma natureza, de 24 a 29. Ore por mim, para que o Espírito do Senhor opere no auditório e haja muitas conversões. Devo regressar no dia 3.

Estamos preparando a Igreja para comemorarmos o seu 1º aniversário com uma formidável semana evangelística. O avião, Arauto do Evangelho, virá somente dia 30 e ficará conosco até o fim da campanha, dia 3. Por essa razão ele não poderá ir buscá-la, porque você precisa estar aqui no máximo dia 26, início da campanha. A volta, porém, é garantida. Ele irá levá-la.

O avião daqui me levará a Montes Claros, para trabalhos de evangelização, de 5 a 8 de outubro. Esta foi a condição que os missionários americanos me impuseram para virem aqui nos ajudar. É muito para mim, mas aceitei confiado no Senhor. De Montes Claros irei a Almenara se Deus quiser.

Também em outubro devo ir a São Paulo, a fim de tomar parte numa reunião de missionários. Até outubro, meu programa é apertadíssimo. Por isso é indispensável sua presença aqui para definirmos certas coisas, "data", etc., etc.

Não pense nem por um minuto que é má vontade de minha parte eu não ter ido aí. Não, meu amor. É que preciso de pelo menos dez dias disponíveis e até outubro não terei nenhum! Você tem sido gentil e tolerante. Compreendo e agradeço de coração tanta bondade e sacrifício. Mas, venha mais esta vez. Somente esta. Será a última. Depois estaremos juntos, minha querida, juntos até a morte. *Okay?*

Aqui todos lhe querem bem e mandam muitas saudades. Apresente meus votos de saúde, paz e

alegria àquela que deu a vida à mais formosa criatura e que há de ser o anjo de minha vida. A ela, sua mãe querida, minha admiração; e a você, meu tesouro, o maior, mais sincero e o mais saudoso abraço do mundo,

Ex corde

Antônio Elias

P.S: Leia os folhetos com muita atenção. Leia de novo. Mais um abraço

Antônio.

Almenara, 28 de agosto de 1948.

Filhinho:

Escrevo hoje só para dizer-lhe que estou com muita saudade! Que a saudade, às vezes, me surpreende em meio ao meu trabalho, a mão, que levava a agulha ao bordado, queda inativa, enquanto os olhos buscam muito distante uma imagem querida. E encontram-na? Sim, pelo "milagre da saudade"! Encontram-na, bebem o seu olhar. Depois, clamo-os à realidade: - Então, não preciso concretizar o sonho? Logo, vamos trabalhar! Aqui estão alguns trapinhos singelos que servirão para tornar mais atraente a casinha encantada. Com a graça do Senhor, eles testemunharão o amor e a alegria (distintivos dos verdadeiros cristãos) que transbordarão dos seus habitantes! A "Tenda Missionária" tem de ser um recanto aprazível.

E as mãos voltam a trabalhar ativamente, com muito amor!

(Mas olhe, meu filho: apesar de trabalhar com muito amor, com grande alegria, as costuras não têm "rendido". Estão atrasadinhas que faz pena!)

Até logo.

Deixe de ser ingrato e escreva mais um pouco. Até hoje não luma carta sequer!

*Quer trocar comigo o "mato" que possui? Garanto
que a meu dá o dobro!
Abraça-o carinhosamente a*

Zezé

Almenara, 8 de setembro de 1948.

Meu querido:

Lembro-me bem da primeira vez que sonhei com você. Foi um sonho um tanto simbólico, quando éramos apenas amiguinhos. Eu estava passeando de bicicleta em um lugar muito pitoresco, onde havia flores silvestres, árvores bonitas e pequenas cascatas brilhantes. De repente, encontrei-me em um despenhadeiro e fui descendo a toda velocidade, sem conseguir frear a bicicleta! Quando via iminente o tombo, você surgiu inexplicavelmente e segurou a bicicleta, livrando-me do perigo.

Hoje tive um sonho semelhante. Mas não terminou bem como o outro: pelo contrário, deixou-me desgostosa!

Imagine que eu soubera de sua chegada, mas, para encontrar-me com você, tinha de atravessar um rio caudaloso, de águas barrentas! Assim mesmo não hesitei! Apresentaram-me uma embarcação estranha, com asas movediças (e que me disseram chamar-se "caçamba"), e nela me meti, a ver se alcançava a outra margem. A "caçamba" deixou-me só, pois, ao alcançar o barranco, lembro-me de que lutei desesperadamente contra a correnteza poderosa, montada em um jumentinho. Mas venci!

Bem, você já está rindo de minhas “aventuras”. Não vou contar tudo, pois o sonho foi longo e cheio de detalhes, como aqueles dos mentirosos “profissionais”.

Resumindo, dir-lhe-ei apenas que não consegui encontrá-lo, após a difícil travessia! Foi longa e infrutífera a busca!

Acordei triste, mas a primeira coisa que fiz foi um ato de conformidade com a vontade de Deus. Disse-lhe assim: “Senhor, devo à tua bondade sem limites, tudo o que possuo, inclusive este amor que ilumina os meus dias. Eu desejava e te pedia sempre, que, se me houvesse reservado um companheiro, fosse ele um cristão sincero para que tu pudesses reinar soberano em nosso lar. Tu mo apresentaste e eu recusei-o porque não via nele o cristão verdadeiro, não tinha “olhos para ver”. Mais uma vez demonstraste, então, o teu amor para comigo, tocando em meus olhos e curando-me da cegueira espiritual, apesar da minha resistência. Agora, os obstáculos imensos, que antes julgara intransponíveis, foram vencidos com o teu auxílio, e eu me sinto animada por um grande desejo de unir-me ao eleito do meu coração, para que ele, inspirado pelo teu Santo Espírito, ensine-me a ser uma verdadeira crente, a voar de vitória em vitória até a glória de contemplar-te um dia, findo o combate.

Mas tu sabes melhor do que eu o que me convém. Por isso deixo tudo em tuas mãos. Peço-te que

resolvas tudo e me concedas a tua graça para que tudo o que me tens reservado, alegrias ou pesares, eu receba de bom grado, feliz por amar-te e ter a ti por meu Pai bondoso. Amém.”

Felizmente, a "nuvem" não teve o poder de lançar sombras sobre o meu dia. Afinal de contas, sonho é sonho, reflexo de mil impressões diferentes. E quem confia em Deus vive alegre e despreocupado, não é, meu bem? Você, por exemplo, está tranquilo porque sabe que sua noiva orou com você, conforme pediu em sua última (digo única) carta (perdoe o cacófato). Sabe que ela não mais fechou seu coração às luzes divinas? Antes tem procurado ser dócil. Que espontaneamente, sem outro convite a não ser o do divino amigo, começou a frequentar a Igreja Evangélica. Que não inicia as atividades do dia sem ler um pouco da Palavra de Deus, e aproveita sempre os ataques que fazem aos protestantes, para, sem nenhuma pretensão, humildemente, fazer pequenos estudos, não tendo encontrado, até agora, sérios motivos de dúvida sobre o caminho que se decidiu trilhar. Sabe tudo isto, não é verdade?

E sabe que eu e sua noiva gostamos muito de você?!

Li sua carta para mamãe. Eu estava comovida e de vez em quando a voz me faltava. Ela ficou muito séria e calada. Passado algum tempo, perguntou-me (imagine o que?) se depois de casados, você continuaria a viajar tanto assim! Veja bem o cuidado de uma mãe: ela não se preocupou com o convite que

você me fez para seguir a Igreja Evangélica. Já chegou à conclusão de que coisa ruim não é, pois tem sido testemunha da paz e alegria que o evangelho trouxe ao meu coração. Além disso, tenho-lhe falado e esclarecido, sempre que surge uma ocasião. O que lhe deu cuidados, porém, foi aquilo que decerto a experiência lhe ensinou: a ausência do esposo deixa um enorme vazio em casa! Fiquei meio embaraçada, mas respondi-lhe que suas viagens não costumam ser longas, e que sempre que for possível, eu o acompanharei (falei a verdade?). Quanto ao mais, Deus resolverá!

Mas a você vou dizer outra coisa (não se zangue com a brincadeira): olhe, se você não tomar cuidado, não terá tempo para se casar!

Agradeço-lhe de coração o convite que me fez para a festa da Igreja. Dou-lhe os parabéns por tudo o que tem feito e desejo sinceramente que da semana de evangelização resultem muitos frutos.

Muito sinceramente, também, lamento não poder estar presente aí nesses dias. O principal motivo, você não ignora, pois deve lembrar-se porque apressei o meu regresso em julho. Não pense que estou querendo poupar a minha pessoa. Absolutamente. Depois de muitas lutas vou chegando a uma conclusão que, graças a Deus, tem sido segura, e tenho enfrentado toda a sorte de adversidades sem medo nem desfalecimentos. O que acho que não devo fazer é melindrar alguém que não

admite o meu ponto de vista e sofre por ver-me de perto a acompanhar algo que julga um erro. Hei de orar para que Deus os ilumine. Mas por enquanto, para que negá-la? - repugna-me abusar da alegria com que me recebem, para magoá-los!

Pode ser que eu esteja errada. Pode ser fraqueza minha. Neste caso peça-lhe que me esclareça e perdoe. Mas a impressão de minha última estadia aí ficou bem nítida e não consegui apagá-la!

Não ficará zangado comigo? Você diz que precisamos resolver alguma coisa, data etc. Mas não diz também que virá em outubro? Nessa ocasião não poderíamos combinar tudo? Se quer saber algo com maior antecedência, posso dizer de minha parte a seguinte: local, estou mais ou menos certa de que o melhor será Almenara. Falamos aí, em Belo Horizonte, mas vou chegando à conclusão que "boa romaria faz quem em sua casa está, em paz.". Aqui será tudo menos solene, mas creio que será melhor. Acho ainda que você não deve tomar casa sem ter certeza se ficará ou não aí. Penso que, por pouco tempo, não vale a pena arrumar uma casa para desarrumá-la depois.

Quanto à data, teremos de prorrogá-la ainda um pouco se tomarmos casa logo, pois estou quase só, a fazer minhas costuras, e sem que os trapinhos estejam prontos não se pode arrumar casa, não é mesmo?

Li os folhetos que me mandou. Reli também e gostei muito! Já vou passá-los adiante, como tomei a liberdade de fazer com as revistas que me emprestou (Unitas), pois acho que "não se acende uma luz para colocá-la embaixo do alqueire". O Senhor dignou-se admitir-me ao seu trabalho e não quero que me encontre de mãos vazias.

Finalizando, envio-lhe lembranças de mamãe e lembranças minhas aos amigos que aí deixei.

Para você, meu encanto, um abraço maior, mais sincero e mais saudoso que o seu, que, conforme você disse, era o maior, mais sincero e mais saudoso do mundo!

Zezé

Teófilo Otoni, 30 de outubro de 1948.

Alô, querida!

Saúde e paz no Senhor.

Vou passar-lhe, hoje, um telegrama-carta. Mas graças a Deus descobri um portador em tempo. Ele deve voltar em poucas horas. Aproveite-o para mandar-me suas notícias.

Submeto, agora, à sua apreciação, o seguinte. Fixemos o casamento para janeiro? Faltam dois meses. Final de ano é de muito aperto para mim. Não poderia tirar um mês de férias para gozar da lua... sem sérios prejuízos para o trabalho. Além disso, saberemos, até lá, onde vai ser nosso rancho. Pondere e avise-me.

Queria também que escrevesse, com a máxima urgência, sua história e experiência evangélica, sem esquecer as duas famosas entrevistas com os padres. Fale de sua vida e fé antigas, primeiras impressões evangélicas (protestantes), leituras, o culto de Belo Horizonte, sua resolução, consequências que teria de enfrentar, resultados etc., etc. Procure, em tudo, excluir-me ao máximo. Se de todo não for possível, a referência deverá ser "um novo amigo", "certo crente", etc. Quero escrever um livrinho até o fim do ano, sobre "Testemunhos Vivos!"

que será publicado, pela Missão para fins missionários. Será dividido em três partes:

I - Introdução e histórias;

II - Testemunhos vivos;

III - Outros fatos.

Desejo fazer um trabalho pequeno, real, vivo, dedicado às Igrejas evangélicas, com o fim de incentivar a obra missionária no Brasil. Ajude-me, pois, neste ensaio, cujo alvo é a glória de Cristo por meio da salvação de almas.

Estou-lhe dando tarefa ingrata, principalmente agora. Mas, minha querida, convém ir se acostumando com a cruz. Posso contar com essa joia para brilhar em *Testemunhos Vivos*? Se estiver de acordo, mande-ma dentro de quinze ou vinte dias.

Aí vai o *Apóstolo dos Pés Sangrentos*. Quando se cansar na escrita, leia-o e, não se preocupe com enxoval. De acordo?

Com recomendações à amável sogra, (mãe?) ao Teófanês e tia Laura, abraça-a saudoso, o

Antônio Elias.

Almenara, 2 de novembro de 1948.

Antônio Elias

Meu abraço saudoso, com o desejo sincero de encontrá-la forte, bem-disposto e sempre cheio de zelo para com a missão que Deus lhe confiou e da qual já aprendi a orgulhar-me!

Recebi hoje seu telegrama, que, graças a Deus, pôs fim a um silêncio martirizante de dezesseis longos dias "sem sol" para mim.

Por que este "acionamento"? "Guerra de nervos"? Não acredito! Nem seria aconselhável começarmos tomando esse trilho duvidoso, que pode conduzir a choques, mal-entendidos etc.

Não deve ser isso.

Falta de assunto? De tempo? Ou...? Bem, não devo estar a fazer indagações. Você é livre para fazer o que bem lhe apraz, e, pelo muito que lhe quero, esforço-me para cercear o menos possível essa liberdade. Confio em você e é o bastante, não? Quis somente dar-lhe uma ideia de como passei estes últimos dias, torturada pela saudade, indo quase diariamente ao telégrafo, para receber sempre um "não", seco e indiferente.

Fui ontem ao cinema. Sentia necessidade de distrair-me um pouco. À minha frente, tomou lugar um casal de noivos. Conversando, alegres e despreocupados, certamente a fazer planos para o futuro, eles pareciam ignorar o resto do mundo. Que coisa maçante, não acha?

É verdade que ainda não lhe mandei o número solicitado para a aliança: doze, parece ser o melhor. Treze, fica bem para a mão direita, mas folgado na esquerda.

Quando saio, para ir ao cinema, por exemplo, costumo virar anelzinho. Mas não me sinto bem. Tenho a impressão de que estou mentindo.

Hoje, pela manhã, esteve aqui uma amiguinha. Perguntou-me se tenho notícias de Teófilo Otoni. Disse-lhe que não. Contei-lhe o caso do extravio e demora das cartas. Ela se admirou de não termos experimentado ainda a OMT A. Disse-me que tem aí uma amiga com quem se corresponde. Manda cartas e encomendas pelo velho que traz o correio de Jequitinhonha. Ele se encarrega de despachar tudo e retira ainda a correspondência que vem daí, e que ela recebe sempre com três ou quatro dias. Ficou de mandar aqui o velho, para procurar minha correspondência, e estou escrevendo para fazer mais esta tentativa de encurtar a distância indesejável. Noivar de longe é péssimo; e sem notícias, muito pior!

Fiquei alegre e curiosa com o seu primeiro telegrama. Desejosa de conhecer de perto os

“resultados magníficos da campanha”. Não tem nada para contar-me? Exemplos que sirvam de estímulo, de conforto? Por que não me oferece uma migalha das bênçãos que receberam e das quais, por estar ausente, não pude participar?

Vi-o, aqui, cheio de zelo para com os “novos” que aí deixou. Intimamente, alegrei-me com isso. Você cumpre o seu dever com amor, por amor. Identificou-se de tal maneira com o seu trabalho, que nele encontra alegria, descanso, estímulo, a razão de ser da sua vida! Que beleza! Por isso, mais o admiro: gosto de ver a medida cheia! Meias medidas não me satisfazem!

Mas, lembro-lhe uma coisa: também faço parte dos “novos”, e, por uma condição insensata que me impuseram, vejo-me impossibilitada de entrar em contato com os mais antigos, de orar com eles, dando conforto e alegria ao meu coração! Só pela graça de Deus me mantenho firme, seguindo a “Cristo, sem véus”, pela nova estrada de deslumbramentos que me indicou, e na qual veja espinhos a desabrocharem transformando-se em flores! Só pela graça de Deus não me comovem as lamentações dos que não podem compreender minha transformação, nem me seduzem os cantos de sereia do mundo enganador! Só pela graça de Deus encontro explicação para as dúvidas que me assaltam e para as perguntas difíceis que me fazem “os outros”.

Perdoe-me se tenho revelado egoísmo. São fraquezas humanas. Mas, decididamente, não pretendo ser um peso morto em sua vida! Daí o meu desejo de alicerçar a minha fé (que em outros tempos só tinha raízes no coração), de ampliar os meus conhecimentos, de entrar, desde já, em contato maior com você, com o seu trabalho!

E, em vez disto, um isolamento cada vez maior, um silêncio persistente. Não, meu bem, não comecemos assim. Você já me disse que no ano passado é que estive apaixonado. Não me importa, não faz mal. Deixemos cair o cartucho escuro, chamuscado, do "amor-foguete". Mas, tratemos com carinho a chama delicada do "amor-lareira", para que não se apague. Antes, possa aquecer-nos por toda a vida! Este amor não será um fim, mas um meio, se, pela nossa solicitude e constante atenção, o mantivermos sempre vivo, para que nosso lar seja um lugar de refrigério, um ponto de apoio para a realização da missão que Deus tem confiado a cada um de nós. O que não acontecerá se nele viverem criaturas que em absoluto não façam caso dessas mil pequeninas provas de carinho e atenção que se podem praticar sem método, a esmo, e parecem insignificantes em si, mas, somadas, podem representar a felicidade, a vida, o calor de um lar!

Falei demais. A esta hora você deve estar rindo da minha "eloquência". Não faz mal. Talvez se convença, também, de que não vamos bem com esse

alheamento, esse indiferentismo desconcertante. E de que, se me faz falta a palavra do noivo querido, não sinto menos a ausência de notícias do pastor, do diretor espiritual.

O enxoval vai bem. Singelo, pobre, mas trabalhado com amor, com muito carinho.

Dia 4/11: Só hoje chegou o correio de Jequitinhonha. Voltará hoje mesmo. O "velho" que conduz a mala esteve aqui há pouco. Por sinal que não é velho, como eu pensava. Prometeu-me tomar cuidado com a correspondência. Caso dê certo, e você não se enfade com isto, mandarei uma carta por semana. Ok? Lembre-me às pessoas amigas, especialmente às famílias Peixoto e Eler. Aguardo ansiosa a sua carta, meu bem. Recebê-la-ei como a terra sequiosa recebe a chuva benfazeja, como uma bênção do céu! Não estou fazendo frase, mas uso apenas a imagem que me ocorreu como sendo a mais real, a que lhe dirá melhor quanto o quero.

Receba as recomendações de mamãe e Lale.

Para você um abraço grande, muito grande e saudoso da sua

Zezé.

Teófilo Otoni, 3 de novembro de 1948.

Minha querida

O portador que me fez escrever a carta em 5 minutos, porque estava de saída para Almenara, acabou indo para Araçuaí!

Vou colocá-la imediatamente no correio da OMTA. Acuse o recebimento por telegrama e mande com urgência a sua nova vida evangélica.

Muitas saudades

Antônio Elias.

Zezé!

Seguiu a carta pela OMTA. Estou aproveitando o portador para você mandar notícias quando ele vier. Se a carta chegar em tempo, mande o meu pedido para não atrasar o meu trabalho, isto é, o livro! Colabore comigo nessa nova tarefa.

Grato por tudo e muitas saudades

Antônio Elias

Teófilo Otoni, 3 de novembro de 1948.

Teófilo Otoni, 8 de novembro de 1948.

Alô, querida!

Aí vai o Apóstolo dos Pés Sangrentos. Leia-o com *carinho e imediatamente*.

Escreva o pedido meu e mande-mo com a maior urgência. Quero aprontar o livrinho dentro de vinte dias. Dependo, agora, somente da sua parte.

Esperava ir aí aproveitando a oportunidade da condução. Infelizmente não há lugar! Tomarei a primeira que aparecer.

Gostei do conteúdo de sua carta. Você tem razão, em parte.

Saudades a todos. Abraço-a sinceramente.

Antônio Elias.

Almenara, 9 de novembro de 1948.

Meu querido:

Acabo de receber sua carta e apresso-me em respondê-la para aproveitar a volta do correio.

Você não achou extraordinária a coincidência de resolvermos, ao mesmo tempo, experimentar a OMTA? Não é verdade que a mão do Senhor está conosco?

Fiquei muito alegre com a sua carta. Não imagina como estava sofrendo com a ausência de notícias! Somos assim, as criaturas humanas que nos achamos ainda muitíssimo distantes da perfeição, do ideal: o espírito aspira às alturas, tem ânsias de correr, voar, desprezando tudo o que é supérfluo, dispensável, tudo a que não é absolutamente necessário para a sua união mais íntima com o ser infinitamente perfeito que o criou. Mas a matéria lhe dá pés de chumbo. Quanta razão tem São Paulo, não é verdade?

Acho que a sua ideia, de marcarmos o casamento para janeiro, é excelente. Pelas razões que me apontou e por outras mais: estava sobrecarregada de trabalhos, com o enxoval, e certa de levar tudo sem concluir. Agora posso trabalhar com mais calma.

E... "quem foram que disseram que eu era peão?"... Poderia dizer-lhe que, em absoluto, não me acho capaz de escrever qualquer coisa que possa figurar em seu livro, mesmo porque se trata de um assunto bastante delicado. Mas, em vez disso, propus-me colaborar com você, tentar escrever algo, confiada no Senhor, dizendo como o profeta Isaías: "Eis-me aqui, Senhor! Envia-me a mim!"

Faltam-me os meios de contar aos meus irmãos, de modo atraente, a grande descoberta de minha vida, o meu encontro com o Cristo vivo! Mas tu, que me proporcionaste este encontro, também me darás os meios de falar dele, bem alto, com alegria, com vibração, para que muitos escutem, e provem, igualmente, a grandeza do teu amor! Amém.

Vou escrever, meu bem. Depois que o fizer, você, por gentileza, lapidará a pedra bruta, tirando o que sobra e acrescentando o que falta, e, então, poderá fazer com ela "uma joia" (Presunção e...).

Quanto à promessa de vir aqui este mês, sei que a fez com uma dose enorme de boa vontade, visando, mesmo, um sacrifício, em vista de suas múltiplas atividades. Gostaria de ter forças para dizer-lhe: "Não venha, é demais para você!" Mas como sou egoísta! Só posso dizer: "Venha, o mais breve possível! Estou para morrer de saudades! Venha, e então irei com você à igreja e procuraremos remover a barreira que neste sentido foi colocada em meu caminho! Venha depressa, sim, meu encanto?"

E é só, por hoje. Preciso correr para alcançar o correio.

Mamãe, Teófanês e Dinha Lale agradecem as recomendações e as retribuem.

Uma porção de abraços, saudades e carinhos da sua noiva

Zezé

Almenara, 18 de novembro de 1948.

Antônio Elias:

Aí vai o seu pedido. Escrevi-o mais porque confio que você não irá publicá-lo só para não desagradar-me. Achei-o grandalhão e desajeitado, cheio de falhas. Precisava passar muitos dias na gaveta para ir sendo polido, aparado, e, talvez, feito de novo! Você me deu uma pressa louca. Por seu turno, a Stela, que veio ajudar-me nas costuras, não me dá sossego, dizendo a todo momento: "Quero que prepare o meu trabalho! Nesse ritmo, daqui a um ano você terá feito metade do enxoval!"

Pedi-lhe que dissesse qual deveria ser o máximo de folhas datilografadas e a resposta ainda não chegou. Com receio de perder o portador, arrumei assim mesmo. Quis fazê-lo menor, mas não achei jeito de resumir sem que ficasse mutilado. Procurei ser simples e sincera ao máximo. Aproveitei as impressões principais, aquelas que ficaram mais vivas na lembrança. Agora, peça-lhe que corrija-o (não consigo, além de outras coisas, acertar com a colocação dos pronomes demonstrativos). Corte o que estiver sobrando e acrescente o que faltar. Só não permito que toque na parte em que me refiro àquele amigo. Conheça o melhor do que você.

Ficarei satisfeita com o que fizer, principalmente se for bastante sincero e mandar a papelada para a cesta. Quero trabalhar muito para maior glória de Deus, mas, por enquanto, nada sei ainda e pode ser que suponha que esteja rezando, quando em realidade... Bem, é o povo que diz assim.

Vão uns retratinhos. É mais um esforço para você não se esquecer muito depressa assim. Como foi de viagem? Quando me anunciará sua vinda aqui? Com muitas saudades, um abraço da

Maria José

- O "TESTEMUNHO" –

Na carta escrita por ele, no dia 30/10/48, veio um pedido: "...Queria que escrevesse com a máxima urgência sua história e experiência evangélica..." "...

Procure, em tudo, excluir-me o máximo. Se de todo não for possível, a referência deverá ser: 'um novo amigo', 'certo crente' etc. Quero escrever um livrinho até o final do ano, sobre 'Testemunhos Vivos!', que será publicado pela Missão, para fins missionários."

O testemunho foi escrito, o livrinho foi publicado pela "Imprensa Independente Editora S/A, de São Paulo, contendo esta e outras histórias de Teófilo Otoni. Extraímos do texto escrito na época, o seguinte, que servirá de complemento para as cartas:

ENCONTREI-ME COM CRISTO!

"Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo." (Ap 3.20)

Não raras vezes experimentei um desejo ardente de ter parte mais ativa no trabalho do Senhor. Levava, porém, uma vida cristã deficiente. ...

Vida cristã! Mas vida cristã sem Cristo? Sem a sua palavra a animar-nos, a guiar-nos, a repreender-nos quando necessário? Não, não era possível!

Nunca havia lido a Bíblia, nem sequer o Novo Testamento, ou, ao menos os Evangelhos!

A primeira Bíblia que li foi a vida de um cristão integral, de um crente sincero, da Igreja Presbiteriana de Teófilo Otoni. Esse meu novo amigo, conhecedor da natureza humana, limitou-se a aconselhar-me a leitura do Novo Testamento e a orar por mim. Não insistia em mostrar a superioridade da religião evangélica. Não era preciso. Por mais que eu procurasse convencer-me de que estava errado o seu ponto de vista religioso, saltava-me aos olhos o seu grande amor a Cristo, a paz que lhe ia na alma e, a destacar-se de maneira impressionante, sua inabalável confiança em Deus!

Ah! Se todos os cristãos pensassem mais seriamente nas palavras de São Paulo quando diz que somos como carta de Cristo" (2Co 3.3)! Se todos pudéssemos ver quantos olhos estão fitos em nós, certamente a nossa vida - "Bíblia que todos leem" - seria bem mais edificante! ...

Fui descobrindo, aos poucos, alarmada e bem a contragosto, que a minha fé só tinha raízes no coração. Dúvidas pequeninas, que em outros tempos guardara no subconsciente, tomaram forma e subiram à tona com extraordinário vigor, perturbando-

me, abatendo-me, pois nas horas de adversidade deixava-me dominar pelas preocupações.

Procurei um sacerdote. Expus-lhe, sem nada ocultar, o estado de minha alma. Disse-lhe que sempre apreciei essa religião viva, da alma para Deus, sem necessidade de intermediários, de aparato exterior, sem excesso de medalhas e de imagens. Que começava a pôr em dúvida os dogmas da Igreja Romana e a sentir uma irresistível atração pela singeleza da religião evangélica. Disse-lhe mais: que não desejara, nem buscara esse estado de coisas, e agora procurava, desesperadamente, um ponto de apoio, um pouco de luz nas trevas em que me achava!

Ele lamentou que eu tivesse tomado esse caminho. Disse-me, entre outras coisas, que aquilo que eu chamava de "aparato exterior" era necessário, pois éramos compostos de corpo e alma e não podíamos ter a religião só para a alma.

Calei-me. Aprendera a obedecer cegamente e não lhe disse o que, de modo vago, ocorreu-me no momento, ou seja: que houvesse o culto interior e exterior, vá lá. Mas o que não podia mais caber-me na cabeça era que o aparato exterior dominasse, estorvando os anseios da alma que deseja voar livre e simplesmente para o seu Criador!

Falei-lhe do meu desejo de fazer um estudo sincero da Bíblia, invocando com humildade o Espírito Santo, a fim de que ele dissipasse as minhas dúvidas (Jo 14.26). O padre cerceou-me esse direito, 160

dizendo que tal estudo seria perigoso porque "o Espírito Santo não inspira uma pessoa isoladamente"!!! (Atos 8.29; 10.19).

Pedi-lhe, então, que me indicasse algo para ler. Aconselhou-me Psicologia da Fé. Comprei o livro do padre Leonel França para logo verificar, com tristeza, que não era daquilo que eu precisava!

Rugia a tempestade e eu procurava cuidadosamente ocultar tudo de meu amigo protestante. Nem argumentava com ele, receando que descobrisse a brecha. Devia haver uma saída pelo lado de cá, e procurava-a com todas as minhas forças!

Fui a outro padre. Precisava ler alguma coisa que eu não sabia onde encontrar. Tinha necessidade de descobrir a saída naquela escuridão! Também este não me compreendeu: mandou que lesse Na Luz Perpétua, meditações sobre vidas de santos.

Só Deus poderia socorrer-me! Jamais deixara de invocá-lo. E agora o desespero forçava-me a um mais completo abandono em seus braços de Pai amantíssimo!

Foi então que se deu o grande encontro!

Estava em Belo Horizonte e, a convite de meu amigo de Teófilo Otoni, fui à Segunda Igreja Presbiteriana, que se reunia na casa do Dr. Francisco Martins. Não era a primeira vez que entrava numa Igreja Evangélica; mas nas duas vezes anteriores, em Teófilo Otoni, portei-me como simples observadora.

Agora, porém, o sofrimento moía-me o coração. As dúvidas atormentavam-me. Decidi-me orar com os outros. Pensei que, afinal de contas, em qualquer lugar se podia fazer uma oração.

Quando o Rev. Armando Ferreira, a convite do dirigente da reunião, iniciou uma ardente invocação ao Espírito Santo, abri o coração, mendigando também um pouco de luz que aclarasse aquelas trevas densas aliviando minha alma torturada!

A resposta não se fez esperar: senti como que uma nuvem, um orvalho divino a refrigerar meu coração sedento. Senti, de maneira clara e inolvidável, a presença real de Cristo naquele ambiente singelo, de recolhimento e paz. Tive ímpetos de dizer bem alto:

"É aqui, sim, que ele está! Ele se compraz, por certo em vir confortar os seus amigos neste lugar de encantadora simplicidade!

Creio que palavras não descrevem esse encontro da alma com Cristo!

Lágrimas inundaram-me os olhos e eu deixei que elas corressem livremente - nem poderia impedir que assim fosse! Chorando, ouvi os hinos e o sermão. E, enquanto o pregador falava sobre "o Caminho, a Verdade e a Vida", sobre a verdadeira paz, que só Cristo pode dar e que brilha em meio às maiores tormentas, eu deixava que aquelas palavras desalterassem a minha sede espiritual!

Vale acrescentar um fato interessante.

Após o culto, ainda sob a impressão daquele encontro maravilhoso, mas prevendo as lutas e, por incrível que pareça, receosa quanto ao rumo a seguir, tomei em minhas mãos um livrinho que alguém havia deixado ao meu alcance. Era um Hinário Evangélico. Abri-o ao acaso. Meus olhos caíram sobre o hino 120: *Deus velará por ti*. De deslumbramento em deslumbramento, fui bebendo as palavras inspiradas desse hino:

*Não desanimes!
Deus proverá;
Deus velará por ti.
Sob suas asas
Te acolherá...*

*Por toda a vida;
Na dor, na lida,
Jamais te deixará...*

Em casa, à noite, quase não pude dormir. Era pequeno o meu coração para conter a grandeza daquela revelação! E desejava encontrar a quem pudesse dizer:

"Encontrei-me com Cristo! Encontrei-me com Cristo! Ele agora vive em mim e nada mais poderá afastar-me dele!"

Esse acontecimento, se não solucionou de vez todos os meus problemas espirituais, deitou por terra

as barreiras que em torno de mim erguera o preconceito. E, abrindo de par em par as janelas do entendimento, deixou que a luz penetrasse em abundância, para que um livre exame da Bíblia, feito com humildade e confiança em Deus, mostrasse o caminho a seguir.

Decidi-me, finalmente, pelo evangelho, não sem pensar nas lutas e provações que enfrentaria por isso. Elas vieram, como esperava: incompreensões, palavras amargas, lágrimas de entes queridos.

Eu via tudo e não era insensível. Mas, ouvia também, a cada momento, a voz do Mestre a dizer-me: "*Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize!*" (Jo 14.27).

Amigo que me lê: se não te impedem os rumores do mundo, presta atenção! Ouvirás umas pancadinhas leves e insistentes: é ele! o divino amigo que ainda não se cansou de esperar por ti! Corre! Não te detenhas. Ele quer somente que abras a porta! Não hesites, e descobrirás maravilhado que ele traz para ti um tesouro que excede todo entendimento!

Acolha-o bem - e terás encontrado a verdadeira felicidade!

Maria José de Almeida

Teófilo Otoni, 8 de dezembro de 1948.

Minha querida:

Bom dia!

É bem possível que você esteja preparando outra "catilinária", isto é, chamadinha pelo meu silêncio. (Sou pretensioso, hein?) Desculpas não as tenho para apresentar-lhas, pois você deve estar, e está de fato, em primeiro lugar em torno de toda a minha atividade. Que há, então? Nada. Sou assim mesmo. Aliás, minha querida, isso não é novidade para você, não é fato?

Creio, também, que infelizmente não poderei ir aí este mês, por razões bem ponderáveis.

Primeiro: Tem aparecido muita gente nova na igreja. Essas pessoas precisam de assistência e cuidado especial.

Segundo: Estamos fazendo uma campanha pró-profissões de fé, a encerrar-se por ocasião do culto de vigília, em 31 próximo.

Terceiro: Tenho de, ainda este mês, impreterivelmente, ir à Ponta da Areia, fazer relatório do ano de trabalho, para ser apresentado à Missão, e terminar o livrinho. Tudo este mês!

Quarto: A igreja católica está realizando, pelos alto-falantes, uma série de conferências violentas contra nós. O conferencista veio com o "Sr. Bispo". É

ótimo orador. Como a coisa foi demais, resolvi no terceiro dia "pegar o peão". Estou respondendo também pelo alto-falante de nossa igreja. Nunca pensei que o alto-falante fosse prestar um serviço tão grande!

Os ânimos estão um tanto agitados (os de lá). Há os mais disparatados comentários: uns que me vão convidar para uma polêmica; outros que se vão queixar à polícia etc., etc. Francamente, topo qualquer parada, contanto que não seja para tomar uma garrafa de vinho.

Até onde irá tudo isso? Creio que vai terminar logo, pois, o ilustre padre modificou por completo a linguagem das suas últimas conferências.

De um resultado já estou certo: vamos ganhar mais gente para a causa do Cristo vivo!

Nada disso, porém, justifica o meu silêncio. Mostra apenas que estou meio ocupado e que agora não posso, nem devo sair. Diriam que fugi. E quando você soubesse disso ficaria muito triste, não é?

Seu trabalho está ótimo. Aliás, não foi surpresa. As alianças irão comigo. Escreva.

Saudades do

Antônio Elias.

Almenara, 12 de dezembro de 1948.

Antônio Elias.

Recebi, agora mesmo, sua carta de 8 deste, e apressadamente faço-lhe estas linhas para aproveitar a volta do correio.

Estou meio confusa: que seria da carta que iria “no próximo sábado (27/11) pela OMTA”? Veio mesmo, ou transformou-se na que acabo de receber? Estou inclinada a aceitar esta última hipótese, pois é o que tudo indica. Você é incrível, sabe? Pena é que eu seja incapaz de zangar-me seriamente, pois então passar-lhe-ia de verdade uma porção de pitos! Mas, você é perspicaz demais. Já sabe que em vez de ficar com raiva, eu acabo achando uma graça infinita e rindo, mesmo, pelo “jeito” que você sabe dar depois. Mas não vá fazendo sempre assim, hein? Um dia a casa pode cair.

Então, a coisa aí está pegando fogo, hein? Você viu como eu fiquei batendo o dedo? Veja bem como faz, sim? Quero ver um bonito resultado! Vou orar com mais ardor ao Senhor para que ele a inspire sempre, e a sua defesa seja uma apresentação mais e mais real do Cristo vivo! Mas pelo que lhe é mais caro, não me deixe aqui “jejuando”! Vá informando o desenrolar da história!

Bastam os dias em que o telégrafo fica interrompido e o avião não vem por causa da chuva que cai, cai sem parar!

Ontem, consolei-me com a D. Rute Profeta, de Governador Valadares. Há uns cinco dias soube que ela se achava aqui e desejava conhecer-me. A chuva, porém, só deixou-me ir procurá-la ontem. Assim mesmo fiquei presa lá uma tarde quase inteira, esperando que pudesse atravessar a rua alagada. Gostei dela. Distinta, alegre, viva! A palestra que mantivemos fez-me bem. Prometeu-me ainda uma longa e boa prosa em nossa casa.

Mas a coitadinha está sofrendo horivelmente com a falta de notícias de casa! Os telegramas chegam com grande atraso, e as cartas não chegam! Quem já está “calejada” pela distância, passa regularmente mal; e quem não está?

Você não me disse uma palavrinha sobre os seus, se tem sabido deles, se estão todos bons! E o “Rancho Alegre”? Não sabe ainda onde será localizado? E os retratinhos? Ficaram bons?

Olhe: se pudesse chegaria bem pertinho de você, sem ser vista, e diria bem alto ao seu ouvido: tu! -- como gostava de fazer com os meus irmãos, quando era criança, e os via bem alheios, distraídos.

Você despertaria?

Bem, não leve a mal minhas brincadeiras. Sabe muito bem que elas apenas traduzem interesse por você, pela nossa felicidade, e, às vezes, um desejo

muito natural de localizar um certo quê, difícil de se definir. Nada mais!

Ore por mim, de todo o coração. Preciso muitíssimo do auxílio divino para vencer uma batalha difícil.

Lembre-me aos amigos.

Com saudades a

Maria José

Almenara, 22 de dezembro de 1948.

Meu querido:

Implorando ao Pai Celestial suas bênçãos preciosas para você, neste Natal e no ano que se avizinha, creio que não preciso desejar senão que ele as meça pela intensidade do afeto que lhe dedico - e você terá bênçãos a flux! Que ele lhe conceda tantas alegrias quantas são as vezes que o meu pensamento foge para você. E a tristeza não encontrará lugar onde possa aninhar-se em seus dias!

Perseverança na prática do bem, ardor e zelo no serviço da Senhor, muitas e muitas vitórias - eis um pouco do que lhe desejo, de modo especial, nestes dias que precedem a grande festa do Amor - a Natal do Senhor Jesus!

Eu seria muito pretensiosa se achasse que você tem sentido tanto quanto eu a distância que nos separa agora, quando todos gostam de unir-se aos seus entes queridos, para juntos comemorarem a maior data cristã!

A sua ausência, a par da ausência de notícias suas, tem representado um vácuo imenso em minha

vida nestes dias festivos! Sustentam-me apenas as lições preciosas que tenho aprendido na escola do Senhor. Assim mesmo, não posso furtar-me a suplicar-lhe com lágrimas nos olhos que seja este o último Natal que tenhamos de passar assim distantes um do outro. Que no próximo ano possamos celebrar em nosso lar a grande festa da família, unidos, felizes, agradecendo a Deus as bênçãos que certamente nos terá concedido até lá.

Junto uns docinhos que Papai Noel encarregou-me de mandar-lhe. Disse que se chegarem melados, a culpa é do tempo. Não houve sol para os secar. Com um mundo de saudades, um abraço da

Zezé.

Teófilo Otoni, 22 de dezembro de 1948.

Alô, minha mui querida:
Saúde e paz no Senhor.

A OMTA deve logo aparecer por aqui. Por isso, vou dizendo o que, no momento, julgo mais importante.

Desejo-lhe, de coração e de alma, o Natal mais feliz de sua vida. Vida vivida até agora, é claro. Para o futuro, espero no Senhor que estaremos juntos vivendo e prodigalizando aos outros um pouco daquilo que se chama verdadeira felicidade. Sim, havemos de cristalizar nossos ideais e nossa vida, na gloriosa Rocha dos Séculos - Cristo - para que, na bonança ou tempestade, de dia ou de noite, divisemos, em letras de fogo, o verso inspirador: "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará" (Sl 37.5). Se vivermos esta sublime realidade, imitaremos a avezinha que cantava sempre como se fora a mais feliz do mundo. Portanto, anelo para você, para mim, para os nossos e aos que nos rodeiam, dias de maior compreensão, e, conseqüentemente, um futuro mais risonho e feliz. Por hoje, minha noivinha leal e verdadeiramente amada, "distante e saudoso", é tudo quanto posso fazer e desejar.

Que o Natal seja para você, D. Joana e a toda a família, a mais expressiva mensagem de alegria, gozo, e absoluta certeza de vida eterna.

Vamos bem. Voltei ontem de Ponta da Areia. Os padres largaram o campo da luta e voltaram às posições primitivas. Parece, no entanto, que estão dispostos a não perder nenhuma ovelha. Mas os fatos vão demonstrando exatamente o contrário.

Dia 28 p.p. professaram seis adultos. No próximo dia 31, por ocasião do culto de vigília, vamos receber mais um grupo, se Deus quiser (Rm 8.31). Vão aí dois retratinhos. Ambos tirados à noite - 3 de outubro. Gostei dos que me mandou. Ficaram bons mesmo.

Somente depois do dia 31 é que poderei fixar a data de meu comparecimento por aí. Até lá, esperemos, meu amor.

Com um grande abraço e muitas saudades,

Antônio Elias

Teófilo Otoni, 29 de dezembro de 1948.

Zezé!

Recebi ontem o seu telegrama urgente do dia 21 e também a carta de 12! Enfim, chegaram.

Há calma no front e, enquanto isso, vamos consolidando nossas posições e ganhando terreno. Nossas reuniões têm sido maravilhosas, graças a Deus.

De que se trata o seu problema difícil? Se for possível, vá tratando de dizer-mo. Aborreçam-me as incógnitas. Talvez seja esta a razão de eu ser um péssimo matemático.

Nada sei ainda sobre o rancho, nem se o teremos fixo. A missão está contando certa a minha permanência aqui. Eu, positivamente, estou muito indeciso. Tenho orado bastante para que fiquemos onde o Senhor determinar. É só.

D. Rute foi pagar-lhe a visita? Vai tudo bem? A família está em paz? Os meus vão muito bem, pois já faz bom tempo que não tenho notícias.

Lembranças a todos.

Abraços do

Antônio Elias

Teófilo Otoni, 5 de janeiro de 1949.

Alô! Zezé.

Vai aí a certidão. Diga ao Teófanês para providenciar, isto é, deixar tudo pronto para as assinaturas. Provavelmente estarei aí na próxima semana.

Não se assuste com a minha idade, pois espero ficar ainda muito mais velho.

Vamos ver se a OMTA vai hoje.

Abraços do

Antônio Elias

Teófilo Otoni, 8 de janeiro de 1949.

Zezé!

Como lhe falei na carta de quarta-feira p.p., a que levou a certidão, devo aparecer muito em breve levando um colega para celebrar a cerimônia religiosa. Iremos de Valadares a Pedra Azul e de lá, a Almenara.

Minha maior dificuldade tem sido o fato de eu não saber ainda para onde iremos. Somente no dia 25 próximo haverá, em Campinas, reunião dos chefes. Creio, no entanto, que ficaremos aqui, dependendo apenas de a Missão concordar com as minhas exigências que são mínimas. Senão, sairemos por esses Brasis afora numa grande aventura religiosa, o que, para mim, seria o ideal.

Deixe tudo prontinho para, quando eu chegar, realizarmos imediatamente o casório. As alianças, como disse, irão comigo. Muito grato pelos doces. Como sempre, estão ótimos!

José Rosa está aqui. Veio para noivar. Ficou contentíssimo quando soube que nós nos ajustamos, enfim.

Recomende-me à família e à Igreja.

Abraço-a com muitas saudades.

Antônio Elias

Almenara, 8 de janeiro de 1949.

Meu bem.

Estou profundamente alegre porque acabo de ler duas preciosas cartas suas, e você sabe que são dias de festa aqueles em que recebo as suas notícias, pois suavizam as torturas que me impõe a saudade!

Gostei muito de tudo o que me disse. Vi que você está satisfeito, alegre com os bons resultados de seu trabalho, e de coração agradeço a Deus, pois já não posso distinguir a sua alegria da minha alegria, nem a sua felicidade, da minha felicidade. Elas se confundem de tal maneira, que quando você sorri, todos podem ficar certos de que estou alegre!

Apreciei muito os retratinhos! Fiquei tão entusiasmada ao vê-los, que cheguei a beijá-los, esquecida de que dizem os entendidos que não se beija retrato da pessoa de quem se gosta, sob pena de vê-la esquecer-se da gente. Tenho um punhado de coisas para contar-lhe, mas que pena! Quando o correio chega, vai entregando a carta que trouxe e diz: "Se quiser escrever, faça-o depressa que viajo daqui a pouco!" Se a gente escreve com antecedência, agora, nesse tempo de chuva, não pode saber nunca o dia em que ele chega, e a carta vai ficando velha. Paciência. Vou falar-lhe apenas sobre o essencial.

Não se preocupe com o "problema difícil". Ele se prende àquele telegrama em que você me disse: "Vá a Igreja", lembra-se? Compreendi logo que você estava com razão, e embora tenha dito por carta que aguardava sua vinda para solucionarmos o caso, comecei a lutar com os obstáculos que barravam o meu caminho, dos quais o maior era certamente a minha timidez em casa. Timidez de quem se habituou a ser sempre dócil à voz do pai, do irmão, que, por sua vez, nunca usaram de violência para impor uma opinião. Ao contrário, empregaram sempre esta outra arma, infinitamente mais poderosa que é a doçura, a delicadeza no pedir!

Que coisa difícil, meu bem, as lutas que venho sustentando!

De um lado, o desejo ardente de dizer aos quatro ventos que agora sou uma nova criatura porque abracei o evangelho, fonte de luz, de alegria, da verdadeira sabedoria! Necessidade de orar na Igreja, trabalhar com os irmãos na fé! De outro lado a barreira fria da incompreensão a dizer assim: "Você é dona de sua consciência. Faça o que achar melhor, siga o caminho que achar conveniente. Mas se me resta o direito de pedir-lhe alguma coisa, quero apenas que seja prudente (!!!). Não vá à Igreja por enquanto. Além destes e mais estes motivos, procure compreender o que se passa com mamãe: ela nada diz porque não quer barrar o caminho dos filhos, mas

sofre, porque foi outra a sua educação. Não pode compreender a seu ponto de vista!"

Eu bem vejo a fragilidade desses argumentos. Deus é suficientemente poderoso para impedir que eu seja causadora de um desgosto ou de um choque em sua velhice, que lhe fizesse mal. Ele, que "até aqui me ajudou", que me conduziu por este caminho, quer certamente que eu o siga com desassombro, deixando-lhe o cuidado de suavizar os espinhos mais agudos! Mas, por que será, Senhor, que não acho em mim a coragem de rebelar-me, de dizer "Não posso obedecer-lhe"? Sofro caladinha, oro com fervor, choro às ocultas nos momentos em que é mais intensa em mim a luta. Mas sinto-me impotente!

Às vezes, acho que até disso tiro proveito, pois "todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus". Se antes eu desejava, apenas, ir à Igreja, hoje anseio por poder frequentá-la, amo-a muito mais, dou-lhe mais valor ainda! Obtive "licença" de ir pelo Natal. Mas que felicidade, meu Deus! Apesar de ter os sapatos encharcados pela chuva que me castigou durante o trajeto, apesar de constatar que a Igreja de Almenara precisa urgentemente de alguém que a dirija com orientação mais segura (posso dizer assim?), apesar de tudo, quanta alegria. Como agradei a Deus a bênção que me concedeu!

Falei tudo, meu bem! É este o problema que você pode até chamar de "tempestade em um copo d'água"!

Queria contar-lhe ainda a conversa séria que tive com o maioral do espiritismo da cidade. Conversa que atraiu até "auditório", da qual, graças a Deus, sai-me bem (pretensão e caldo de galinha não fazem mal a ninguém). O pior é que o homenzarrão quer forçar-me a "digerir" um livro espírita (que horror! basta-me lembrar de Renúncia)! Não me neguei a fazê-lo, para que ele não pensasse que estou com medo! Passei também uns folhetinhos para ele.

E se eu pudesse contar-lhe um jeitinho que o Senhor me deu para enviar o seu evangelho a um pobre preso? Não sei se colherei frutos, mas, a minha parte ficará feita.

Mas não tenho tempo para contar-lhe coisa alguma! Queira Deus que ainda encontre o correio! Vou guardar as notícias para quando você chegar.

Até breve, meu bem! Deus lhe guarde sempre, em todos os momentos de sua vida.

Abraça-o carinhosamente a

Zezé

P.S. Em tempo: não é preciso que o "rancho" tenha lugar fixa, e se tiver, não importa onde seja!

*Também tenho pedido a Deus que faça o que achar
melhor, e para falar a verdade...*

*...no me impuerta en que forma,
ni donde, ni como,
pero junto a ti...*

A mesma.

Aqui terminam as cartas do namoro.

O casamento realizou-se em 27/01/49, no pequeno templo da Igreja Presbiteriana de Almenara (em cuja inauguração Antônio havia pregado no ano anterior).

A "lua de mel" foi sui generis: passamos três dias, apenas, em um hotel em Governador Valadares, e daí fomos, de trem, até Resplendor (MG), Vitória e Santa Tereza (ES), onde amigos tinham nos convidado para estarmos, hospedando-nos em casa (não havia dinheiro para o hotel), com o compromisso de "fazer conferências" quase todas as noites, pelo espaço de uns 10 dias.

Daí regressamos a Teófilo Otoni, onde fixamos residência.

As cartas que se seguem, de maio, julho e agosto de 1949, quando eu já estava grávida do "filhinho" a que se refere carinhosamente, mostram que o namoro continuava, e as viagens também.

M.J.

Bom Jesus, 31 de maio de 1949.

Zezé

Boa Tarde!

Estou de saída para Rosal. Só voltarei dia 4.
Até aqui nenhuma notícia de você! Dias 5 e 6 estarei
em Muriqui.

Não me esqueço de você nem um instante. Que
Deus esteja sempre ao seu lado.

Abraços do

Antônio

Catanduva, 4 de julho de 1949.

Alô, Zezé!

Saúde e paz no Senhor.

Em Caratinga tive hospedagem fidalga em casa do Rev. Uriel. Eles pensavam que eu iria acompanhado. No dia seguinte, às 20h30, cheguei ao Rio. Lá estava o Mozart me esperando. O Ariosto havia ido a São Paulo. Pousei num hotel e, quinta-feira, às 20 horas, cheguei em São Paulo. Sexta fiz quase tudo que precisava: comprei dois discos, que devem estar chegando por aí; arranjei dez Bíblias tipo popular e quatro das pequenas, bonitas e finas; entreguei os originais (do *Testemunhos*) ao Rev. Boanerges, etc. Ele vai examiná-los e mandar-me o orçamento para Campinas. De sorte que só em Campinas, dia 13, é que vou ficar sabendo que rumo irá tomar o nosso querido *Testemunhos Vivos*.

Sábado cheguei em casa. Todos nos esperavam com muita ansiedade e alegria. Ficaram mesmo um tanto decepcionados com a sua falta, e eu também, minha Zezé. Fiquei bastante desapontado e até arrependido de ter chegado sozinho! O quarto, humilde e pobrezinho, estava preparado para dois; a jantinha — que coisa gostosa! —, era para a nora e o filho — que vem. As atenções, as alegrias, os

comentários, as críticas e as ironias. Tudo era para dois! Que pena Zezé, que pena.

À noite dormi pouco, pensando em você. Afinal de contas sou casado, gosto da minha mulher, sou feliz pertinho dela. Por isso e por outros motivos que não merecem agora ser mencionados, estou, francamente, contrariado por ter vindo só. Consolame saber, contudo, que você era quase indispensável aí.

Como é que vai passando? Marlene tem dormido com você? Nosso primogênito continua peralta? Já vi que vou ser um pai muito sentimentalista, pois já estou de semblante meio carregado, de saudades dele! Fraqueza? Defeito? Sentimentalismo? Seja lá o que for: quero estar junto do meu filho.

Como você está de saúde? Se precisar de novos exames, faça-os. Precisando de *money*, não tenha constrangimento. Se aparecer uma casinha mais ou menos no jeito, não deixe escapar. Se tivéssemos casa, mamãe e Anice agora iriam comigo. Elas estão muito abatidas, necessitando, quase com urgência, de clima e trato diferentes.

Cuide bem da Igreja, incentivando a turma para a hospedagem do Sínodo, de corações e bolsos abertos. Outorgue minhas saudações a todos.

Todos lhe mandam lembranças.

Receba um grande e saudoso abraço do

Antônio Elias

**Teófilo Otoni, Domingo, 21 de agosto de
1949.**

"Véio Feio".

Um grande e saudoso abraço envio-lhe, afirmando que não tenho cessado de pedir a Deus que abençoe ricamente o seu trabalho! Bem sei as lutas que sustentei até chegar ao ponto de aprovar com alegria e desprendimento o plano de sua viagem tão longa. Por isso, desejo que este tempo tão precioso seja bem aproveitado para maior glória do Senhor e salvação das almas.

Como foi de viagem? Ainda não recebi notícias suas. Espero que chegue até amanhã.

Por aqui tudo bem, graças a Deus. Os trabalhos na Igreja têm se realizado normalmente. A escola, hoje, teve 79 presentes. Foi bem viva e boa. Com alegria reassumi meu lugar à frente da classe de senhoras. D. Alice aceitou a custo o cargo de substituta, alegando que não tem jeito nem prática. Em Caratinga trabalhava no departamento infantil.

D. Jovina vai mudar-se para a fazenda do pai de D. Naíta. Arranjaram lugar de agregados por lá.

As notícias vindas de Itamunheque foram animadoras. Valdete foi a Valadares visitar a família. Deve voltar amanhã. Levou consigo a Ivone.

Passei, ontem, o dia com a Heloísa. É provável que vá amanhã para lá, ficando uns dias. Depois que você saiu piorei da gripe, tendo sido obrigada a passar em casa o resto da semana, sem sair à noite. Graças a Deus estou quase boa, tendo tido já disposição para fazer umas visitas hoje. Não fui ao Veneta porque a sol estava quentíssimo e a turma achou que seria extravagância enfrentá-lo. No próximo domingo, se Deus quiser, não perderei.

Ainda não recebi carta da Anice. Tive notícias de mamãe, por uma pessoa que veio de lá. Está aqui também um rapazinho que trabalha com Teófanés na farmácia. Tudo Ok por lá.

Por falar em Almenara... Tive ontem uma "crise de indignação" ao ler o jornalzinho de lá! Imagine que o Padre Clóvis, acompanhando a "Sr. Bispo", lá esteve para fazer sermão "de encomenda" contra os protestantes! E que método vergonhoso. Visando, certamente, a pessoa do Dr. Élton, atacou de rijo "a imperialismo ianque que, com a força do dólar, tenta subornar tudo e fazer do Brasil uma colônia"! Encerrou pateticamente a sermão fazendo um apelo aos católicos para abjurarem "o protestantismo custeado por Wall Street"! Que afirmação ousada! Como chega a causar náuseas uma notícia dessas! Merece um contra-ataque que seja um contraste vivo pela pureza dos métodos e afirmações!

Chegou aqui uma carta do Rev. Benjamim, com a cópia do meu trabalhinho e um pedido de autorização

*para publicá-lo em Evangelista. Creio que a assunto ficou resolvido com sua chegada em Campos com o **Testemunhos**.*

A Editora, nem sinal de vida!

Bem, “veinho”, vou ficando por aqui: se for prolongando muito a prosa, a saudade me sufoca! Preciso andar, trabalhar, con- versar. Mas não se preocupe: o Senhor tem me confortado grandemente! Por exemplo: tirei, ontem, na caixinha, o verso 3 do Cap. 27 de Isaías: Eu, o Senhor, a vigio e a cada momento a rega- rei; para que ninguém lhe faça dano, de noite e de dia eu cuidarei dela.

Estude, ore, e ganhe muitas almas para Cristo.

Um mundo de saudades e carinhos da

Zé.

Campos, 22 de agosto de 1949.

Alô, querida!

Estou com muita saudade de você e também muito preocupado quanto às noites. Por acaso arranjou companhia? Não resolveu ficar em casa do Almachio? Tem dormido bem? Sono calmo? Gostaria que me avisasse o que é que resolveu, para minha tranquilidade.

Tudo tem corrido bem por aí? A Escola Dominical esteve animada? Os cultos? Têm aparecido interessados? Esteja atenta, minha querida, vigilante, para que Satanás não cirande no rebanho do Senhor.

Já teve qualquer informação sobre o Testemunhos? Aqui ele tem tido grande aceitação, graças a Deus.

Continuo crendo firmemente que o nosso trabalhinho será uma bênção.

Ontem falei três vezes. Duas ao ar livre e uma à noite, na Igreja. Ontem mesmo fiz apelos com esplêndidos resultados! O Senhor é, realmente, misericordioso. Ore bastante por mim e peça também as orações da Igreja, pois o trabalho aqui exige muito e eu me sinto completamente vazio!

Estou magnificamente hospedado na casa do Rev. Benjamim César. Há muita alegria, muita

espontaneidade em tudo, em meio de uma santidade contagiante! D. Elvira é semelhante à D. Ina. Ele é exatamente aquilo que nós podemos observar aí. É homem inteligente, culto, ativo, enérgico, santo sem afetação, beatismo ou farisaísmo. Os filhos são um encanto. Todos trabalham ativamente na Igreja. Todos, ao lado dos estudos, têm tarefas a realizar diariamente em casa, a começar pela arrumação da cama! D. Elvira é professora. Tem, pelo menos, duas aulas por dia, e, não há empregada na casa! Um dia, minha velha, quero que você visite esta casa. É bem semelhante àquele lar admirável de Resplendor!

E por falar em coisas admiráveis, como vai a nossa herança? Continua dando pinotes? Bem, filho de peixe...

Hoje estará aqui, de passagem para Niterói, o Rev. Armando Ferreira. Ele está vindo de Itaperuna onde fez um trabalho notável.

Finalmente, minha esposa, companheira e fiel amiga, aqui fico, com muitas saudades e protestos de que cada vez gosto mais de você!

Antônio Elias

Campos, 25 de agosto de 1949.

Alô, querida!

Até agora não tive nenhuma notícia de você. Que há? Por acaso já escreveu para Bom Jesus? Está zangada comigo, meu amor? Não, absolutamente! Pois é, então está bem, muito bem. Eu sabia que você concordaria.

Quais as notícias? Ando ansioso, pensando na Igreja, nos interessados, em você, na casa... Sim, um mundo de coisas!

Por aqui vamos bem, graças ao Senhor. Faço apelos diariamente. Tem havido bons frutos. A Igreja parece estar muito contente, pois o Senhor tem tido misericórdia.

Dê um abraço paternal no guapo mancebo (que vem por aí). E para você, querida, somente o que está ao meu alcance: a vida.

Saudades do

Antônio

Teófilo Otoni, 26 de agosto de 1949.

Filhinho:

Que Deus o abençoe e guarde em toda a sua viagem e coroe de frutos o seu trabalho!

Como vai passando? Eu vou bem de saúde, graças a Deus, mas cada dia sentindo mais saudades! Só o Senhor me dá forças para suportar a sua ausência! Envergonho-me de mim mesma, pois de certo não estou correspondendo ao ideal de "esposa de missionário"!

Recebi o telegrama de 22. Agora estou ansiosa por uma cartinha!

Que tal o nosso papel? Estou estreando a bloco com a sua carta.

Anice escreveu. Todos bons por lá. D. Olímpia esteve adoentada, mas está restabelecida. Anice fala de uma carta que me fez, mas não a recebi. Manda dizer que a construção está terminada e ficou boa. Veio também de lá uma carta da tia Rane, da Síria. Continua ansiosa pela visita do sobrinho.

A Igreja vai bem, graças a Deus. A festinha da U. M. P., em casa do Sr. Wilson, foi excelente! Muita gente de fora. Terminou às 11 h e rendeu mais de Cr\$ 400,00!

*João Barbosa me deu notícia da chegada de mais **Testemunhos Vivos**. Só não chegou ainda a carta da Editora.*

Ontem houve culto no "Corredor", em casa de D. Júlia. Ainda não soube do resultado.

Waldete já voltou de Valadares. Continua trabalhando muito. Agora, parece que até o coração ficou mais ativo! Ficou curioso? Quando chegar ficará sabendo, se o romance durar até lá.

Do Raimundo, nem notícias, até hoje.

Da casinha também. O Hermógenes e a Lígia estão procurando casa maior para eles. Deram-me notícia de uma para nós. Fui ver, mas não servia, nem com muita boa vontade.

Tem tirado retratos? Não tire só de pessoas, grupos. Colha alguns aspectos interessantes das estradas e cidades por onde passar.

Seu filhinho vai bem e manda-lhe um beijo. Se soubesse escrever, mandar-lhe-ia aqui um recadinho. Mas não sei por que não aprendeu ainda.

Até breve, meu bem. Fale-me do seu trabalho e dos primeiros frutos.

Que Deus dirija os seus passos em toda a viagem e lhe conceda bênçãos preciosas.

Beijos saudosos da sua

Zezé.

Bom Jesus, 30 de agosto de 1949.

Zezé querida!

Que a graça do Senhor Jesus não lhe falte um só instante.

Tenho pensado muito em você e orado a seu favor. Esta noite sonhei com você. Estou preocupado com a falta de notícias. Até agora nada. Absolutamente nada! Tenho colocado tudo por conta da distância, carência de transportes etc. Será mesmo? Se dentro de dois ou três dias não me aparecer uma carta sua, creio que o meu trabalho tomará rumo diferente, pois não tenho cabeça para aguentar tanto! Quero saber como e onde tem ficado as novidades, notícias, igreja, o trabalho, os folhetos etc. A Editora escreveu algo, ou mandou mais alguns? Por favor mande dizer, escrevendo para Niterói - Rua Pereira Nunes, 123, sobrado.

Dar-se-ia a ventura de ter aparecido uma casinha? Que bom se aparecesse! O Senhor proverá.

Como vai de dinheiro? Não tenha receio de falar com o tesoureiro. Use também o cheque. Precisando de qualquer coisa mais, avise-me.

Terminamos o trabalho em Campos muito bem, pelo menos aparentemente, com um belo resultado. Mas só Deus sabe o que irá ficar.

Em Itaperuna falamos sábado e domingo num vasto auditório da emissora local. Domingo a reunião foi impressionante! Aleluia!

Também em Itaperuna, logo que terminei de falar ao ar livre, para minha grande surpresa, veio dar-me um abraço o rapaz que me levou à igreja evangélica, em São Paulo! Imagine só que cena! Há tantos anos que não nos víamos! Logo em Itaperuna! Ele é alto funcionário da Secretaria de Agricultura. Mora em Niterói. Intimou-me a ser seu hóspede.

Leia bem a carta de D. Else. Se você quiser passar uns dias comigo em Niterói, é fácil: saia de Teófilo Otoni terça-feira, dia 6 e tome o avião em Valadares. Se resolver, telegrafe à D. Else. Gostarei muito que vá. Pense e resolva.

Tenho um mundo de coisas ainda para dizer. Mas não digo agora.

Cuide carinhosamente do nosso filhinho. Não o deixe sair à rua sozinho: é muito criança ainda!

Recomende-me a todos.

Saudades e abraços do

Antônio

Teófilo Otoni, 31 de agosto de 1949.

Meu bem:

Contemplo em nossa pequena folhinha a "31 de agosto" e mais uma vez me convenço de que jamais aguardei com tanta ansiedade a chegada da Primavera!

Estação das flores, da alegria, da mocidade. Por que me falas de modo especial este ano? Não é difícil adivinhar. Você sabe, meu amor. E que juntamente com a Primavera, você virá! E você é a "minha Primavera", magnífico presente de Deus à minha vida!

Recebi, ontem à noite, suas cartas de 22 e 28. Não preciso dizer-lhe que me confortaram muitíssimo as excelentes notícias. Mas ao mesmo tempo fiquei preocupada com a sua ansiedade pelas notícias daqui. Mereço uma repreensão, não é, meu bem? Mas não o fiz por mal. Comecei a escrever-lhe desde 21, se não me engano. Mas, conforme combinamos (estarei enganada?), fui mandando as cartas para Niterói.

Não fique mais apreensivo, querido. E se estiver zangado comigo, perdoe-me, sim? Tudo aqui vai muito bem, graças a Deus. As reuniões na Igreja têm sido boas, como se esperava. Na sexta-feira p.p., houve o culto na casa da D. Jovina. O João Barbosa me disse que foi uma bela reunião! Dirigiu-a a

Waldete, auxiliada pelo Alvino. Apesar de ter ido quase todo mundo à Baixinha, a reunião de oração, dirigida por seu Peixoto, contando com um grupo pequenino, foi gostosíssima! Eu tive a impressão de que os céus se abriram para receber, naquele dia, as nossas orações! Contávamos, então, com a presença daquela mocinha pentecostal, que costuma pregar no mercado. Fez também uma bela oração, e não sei se não saiu impressionada com o ambiente delicioso de silêncio que tivemos!

A Escola, embora não tenha alcançado mais aquela frequência de cem pessoas, tem sido muito boa. Fui ao Veneta, domingo. Contou, a Escola de lá, com a presença de 48 pessoas (inclusive crianças). Assisti ao trabalho com as crianças, que foi dirigido pela Waldete. Esteve fraco. Achei-as excessivamente desatentas.

Estão ensaiando novamente o drama "encantado", para ser levado em benefício da Sociedade Auxiliadora Feminina (que não há meios de levantar-se de vez). Soube que conseguiram o salão do Concórdia. Vamos ver se fazem a coisa com mais juízo agora.

Dr. Elton esteve aqui. Veio anteontem, trazendo um passageiro no "Arautinho" e voltou ontem. Esteve duas vezes aqui em casa. Ofereci-lhe um exemplar do Testemunhos, e ele comprou-me cem. Já havia recebido propaganda da Editora e ia pedir de lá. Ele nos consultou sobre o seguinte: acha conveniente

trazer o "Arauto" em vez do "Filhote", para a festa. Vantagens: virão a Jorge com o projetor cinematográfica e a Dr. Perkins com o trombone para fazer dueto com o pistom. O Dr. Perkins telegrafou dizendo que as despesas com o avião ficarão em Cr\$ 2.000,00 e que poderão estar aqui nos últimos três dias de setembro. Pedem para você resolver se quer o "Pai" ou a "Filhote", e responder com urgência, por telegrama ou carta aérea. (Dr. Éltton disse que não nos preocupássemos com as despesas de estadia aqui. Correrão por conta deles).

Recebi, ontem, uma carta do Rev. Milton, agradecendo o livrinho e "intimando-o" a fazer uma série de falas em seu campo, nos dias 28 a 30 deste (digo, de setembro) e 1 e 2 de outubro. Exatamente nos dias marcados para nossa festinha! Vou escrever-lhe logo expondo a situação.

Chegou também uma carta do Benedito, com as fotografias esquecidas lá. Está notabilíssima a carta! Manda notícias de tudo, inclusive da "Jequitinhonha". Diz que D. Olimpia continua adoentada e acrescenta que para ela ficar boa acha que é só vender o terreno. O Salomão vendeu um dos lotes, mas foram informados pela Cartório que não é possível passar a escritura sem a minha procuração (Viu?). Pede para você providenciar, acrescentando que o lote foi vendido por \$ 4.500,00. Despesa por conta do comprador.

Agora, para encerrar o relatório, umas notícias da “véia”.

Vou passando bem, graças a Deus. Não fosse a saudade e a falta da sua pessoa, tudo iria às maravilhas! Experimentei passar uns dias na casa do Almachio, mas a poeira excessiva, indescritível da rua, fez-me piorar da gripe e deixou-me os nervos em pandarecos! Desisti. Fiquei em nosso apartamento, mesmo. Também não quis botar outra pessoa no quarto. Mas não se preocupe, meu bem. Sinto-me mais à vontade assim. E tenho dormido maravilhosamente! Deito-me cedo e me levanto sempre às 6h, 6h30, no máximo 7 h. Nesta madrugada, acordei com a “lusco-fusco”, já sem sono, enjoada de dormir! Não tive nem um pouquinho de medo; nem da Turuíra.

E você, como vai? A unha não o incomodou mais? Dê notícias da sua saúde.

O filhinho, cada dia mais vivo! Às vezes, dá-me a impressão de que está fazendo um treino de futebol.

Vou botar a carta no correio e telegrafar-lhe para não ficar muito tarde.

Estou alegre com você! Beija-o com saudades a sua

Zé.

Oramos constantemente por você e pelo seu trabalho. Telegrafamos ao Dr. Armando e temos orado por ele e por toda a família.

Final da saga

Esta "saga" não necessita de uma "conclusão".

Mas o que desejamos registrar aqui, na comemoração das nossas "Bodas de Ouro", é uma profunda gratidão a Deus por tudo o que ele fez e vem fazendo em nossa vida e na de toda a família.